

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE ENFERMAGEM DE RIBEIRÃO PRETO**

SINARA DE LIMA SOUZA

**Compreendendo o consumo de bebidas alcoólicas através do olhar
d@s adolescentes**

**Ribeirão Preto
2009**

SINARA DE LIMA SOUZA

Compreendendo o consumo de bebidas alcoólicas através do olhar d@S
adolescentes

Tese apresentada a Escola de Enfermagem da
Universidade de São Paulo - Ribeirão Preto,
para obtenção do título de Doutor em Ciências
junto ao Programa de Pós-Graduação
Enfermagem em Saúde Pública.

Inserida na linha de pesquisa: Assistência à
Criança e ao Adolescente.

Orientadora: Maria da Graças Bomfim de Carvalho

Ribeirão Preto – SP

2009

FICHA CATALOGRÁFICA

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação Enfermagem
Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo

Souza, Sinara de Lima

Compreendendo o consumo de bebidas alcoólicas através do olhar d@s adolescentes. Ribeirão Preto, 2009 / Sinara de Lima Souza; orientador Maria das Graças Bomfim de Carvalho. Ribeirão Preto, 2009.

166 f; 30 cm.

Tese (Doutorado) Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, 2009.

1. Adolescência . 2. Álcool. 3. Representações Sociais.

FOLHA DE APROVAÇÃO

SOUZA, S. L. **Compreendendo o consumo de bebidas alcoólicas através do olhar d@s adolescentes.** Tese apresentada à Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Doutor em Ciências junto ao Programa de Pós-Graduação Enfermagem em Saúde Pública.

Aprovado em: ____/____/____

Banca Examinadora

Prof. Dr.: _____ Instituição: _____

Julgamento _____ Assinatura _____

Prof. Dr.: _____ Instituição: _____

Julgamento _____ Assinatura _____

Prof. Dr.: _____ Instituição: _____

Julgamento _____ Assinatura _____

Prof. Dr.: _____ Instituição: _____

Julgamento _____ Assinatura _____

Prof. Dr.: _____ Instituição: _____

Julgamento _____ Assinatura _____

DEDICATÓRIA

À minha família, pelo amor, incentivo e apoio.

Aos meus pais Amadeu e Sônia, por sempre terem uma palavra de sabedoria e um sorriso encorajador.

Aos meus queridos irmãos, Sormane e Sueudo, pela possibilidade de partilharmos tantos momentos que compõem a dor a delícia de sermos humanos.

À Milena, pela oportunidade de exercitar a maternidade aprendendo a cada dia que herança do Senhor são os filhos.

Vocês são um presente precioso de Deus!

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS

*À Profa. Dra. Maria das Graças Bomfim Carvalho, pela oportunidade de trabalharmos
juntas e pelo aprendizado construído.*

*À Profa. Dra. Marta Angélica Iossi Silva, pela oportunidade do encontro e pela serenidade
expressa em palavras doces nos momento difíceis.*

Ao Prof. Dr. Romeu Gomes, pela paciência e apoio durante a elaboração deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

A Deus, razão da minha existência, “porque Dele, por Ele e para Ele são todas as coisas”.

À Universidade Estadual de Feira de Santana, BA, instituição na qual fui graduada e da qual, hoje, faço parte do corpo docente.

À CAPES, pela concessão da bolsa que me permitiu alçar mais um voo rumo à melhor qualificação pessoal e profissional.

À família Batista Bethânia, em especial aos meus amigos e pastores Sérgio e Vera Leitão, Jean Cláudio e Andréa, José Alberto e Nilma.

Aos meus cuidadores e incentivadores Roberto Badaró, Roberto Dantas, Maria Rosa, Zuleica, Ana Gabriela e Karen, por acreditarem no meu potencial e me estimularem a exercitar a resiliência.

Ao Prof. Dr. Edward MacCrae, pelos saberes compartilhados na disciplina Socioantropologia das Drogas, oferecida no programa de pós-graduação da FFCH da Universidade Federal da Bahia.

Às colegas Márcia Sandra, Judith Sena, Maria Ângela Nascimento, Lúcia Servo, Patel, Carmem Liêta, Aline Mota, Waldelene e, principalmente, às amigas Rita Amorim e Siomara.

Às funcionárias da UEFES, Gilmara, Aricele, Maristela, Vilânia e Cristina pelo apoio desde o processo seletivo.

Aos membros do Núcleo de Estudos, Ensino e Programa de Assistência Primária de Saúde Escolar – PROASE, pelas contribuições durante o período em que partilhamos nossos saberes e inquietações frente às questões relativas à infância e adolescência.

Ao corpo docente da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto pelo acolhimento e oportunidade de crescimento, em especial às Dras Sandra Pillon, Maria José Bistafa e à Maria Cecília Puntel de Almeida (in memorian), pelo privilégio de tê-las como referencial.

Aos colegas de caminhada durante essa trajetória que ora se encerra, principalmente àqueles que se tornaram tão próximos que se constituíram companheiros: Josélia, Gisela, Rafael, Márcia Vorpapel, Lygia e ao “grupo afetivo”: Sarah, Edilane, Juliana e José Fernando Petrilli Filho (in memorian).

À Primeira Igreja Batista Renovada de Ribeirão Preto, por me permitir constatar que verdadeiramente somos uma só família na fé.

À equipe da sala de leituras Glete Alcântara, Simone Ozanik, Olânia, Kethleen Sampaio e demais funcionários da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto.

À Equipe de Saúde da Família do Feira VII II, adolescentes e familiares pela credibilidade e por tornarem possível a concretização desta pesquisa, especialmente à Hérica Aguiar.

Às minhas colaboradoras queridas, assessoras no trabalho de campo: Mariana Magalhães, Tatiana Costa, Dayane Bittencourt, Thaís Reis e Manuela Santos.

À Benadeth Malerbo e equipe da biblioteca central, pela revisão bibliográfica e apoio em todo o percurso.

À Gema, Velmara e Lívia pela correção de português, formatação e traduções.

RESUMO

SOUZA, S.L. Compreendendo o consumo de bebidas alcoólicas através do olhar d@s¹ adolescentes. 166 fl. Tese (Doutorado). Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2009.

O consumo de álcool na adolescência, evidenciado por pesquisas nacionais e internacionais, se constitui em questão relevante com repercussão em diversos setores da sociedade. Entretanto, as motivações que propiciam tal prática, ainda são pouco estudadas. Buscando desvendá-las, desenvolveu-se, aqui, pesquisa qualitativa, no período de 2006 a 2009, com o objetivo de compreender as representações socialmente construídas d@s adolescentes acerca do consumo de bebidas alcoólicas e analisar os fatores que influenciam essas representações. O campo do estudo foi uma Unidade de Saúde da Família da cidade de Feira de Santana, Bahia, Brasil. Os sujeitos foram vinte e um adolescentes de ambos os sexos, na faixa etária entre dez e dezesseis anos. As técnicas utilizadas para a coleta dos dados foram observação, grupos focais e entrevista semiestruturada. A análise dos dados foi realizada através da interpretação dos sentidos. A partir das falas dos sujeitos identificou-se duas categorias: **beber muito e junto**, que se aproxima do que é conceituado como *binge drinking*. Além disso, estar junto evidencia o caráter socializador que a bebida possui, atrelado ao sentimento de pertencimento exteriorizado pelos sujeitos através das expressões: meu pai bebe, é pressão dos amigos e todo mundo bebe! A fala d@s adolescentes demonstrou que essa aceitação perpassa pela adoção de práticas comuns, que significam também um ritual de passagem para o mundo adulto. Como fatores que influenciam essa representação, destacamos as atitudes dos adultos em relação ao álcool, especialmente a figura paterna e a influência do que é veiculado pela mídia. Outra categoria identificada foi **se diverte, rola brigas, crimes e até morte**, onde @s adolescentes destacaram as consequências do consumo de bebidas alcoólicas através das alterações físicas, de comportamento e da ocorrência de acidentes, o que demonstra que el@s percebem claramente a interface entre o uso abusivo da bebida alcoólica e a violência nas suas diversas formas. Conclui-se que o lugar que essa substância ocupa no imaginário d@s adolescentes demonstra que a ela é atribuída a representação de um capital simbólico e possui, na atualidade, relação com a estrutura social capitalista, havendo contradições entre o que é preconizado e a forma como a sociedade lida com essa questão. Outro ponto a ser ressaltado é a precariedade de fatores protetores e a existência de fatores de vulnerabilidade, havendo, portanto, a necessidade de repensar as políticas públicas voltadas para essa faixa etária e problemática, a partir de abordagem integral, intersetorial e multidisciplinar.

Palavras-chave: adolescente, bebida alcoólica e representações sociais

¹ Adotou-se o símbolo @ a fim de designar adolescentes de ambos os sexos, concordando com a versão do Projeto Acolher da Associação Brasileira de Enfermagem (RAMOS, 2001)

ABSTRACT

SOUZA, S.L. Understanding the consumption of alcoholic beverages through adolescents' view. 166 p. Dissertation (Doctoral degree). University of São Paulo at Ribeirão Preto College of Nursing, Ribeirão Preto, 2009.

Alcohol consumption in adolescence, evidenced by national and international research, is a relevant issue with repercussions in different sectors of society. However, the reasons that cause this behavior are little studied. This qualitative research, carried out between 2006 and 2009, aimed to understand the socially constructed representations of adolescents, concerning the consumption of alcoholic beverages and analyze the factors that influence these representations. The study venue was a Family Health Unit in the city of Feira de Santana, state of Bahia, Brazil. Subjects were twenty-one adolescents of both genders, aged between ten and sixteen years. Observation, focus groups and semi-structured interviews were used for data collection. Data analysis was carried out through the interpretation of the meanings. Two categories were identified from subjects' report: **drinking much and in group**, which is close to the concept of binge drinking. Besides this, being in group evidences the socializing character of drinking, with the feeling of belonging expressed by subjects through the following sentences: my father drinks, it is pressure from friends and everybody drinks! Adolescents reports demonstrated that this acceptance permeates the adoption of common practices, which also mean a rite of passage to adult world. Factors that influence this representation are adults' attitudes to alcohol, especially from the paternal figure, and the influence of what is released by media. Another category identified was **it is fun, there are fights, crimes and even death**, in which adolescents highlighted the consequences of the consumption of alcoholic beverages through physical and behavioral alterations and the occurrence of accidents. This shows they clearly know the interface between the abusive use of alcohol and violence in its different ways. The position this substance has in adolescents' thoughts demonstrates they attribute it the representation of a symbolic capital and that it is currently related to the capitalist social structure, having contradictions between what is recommended and the way the society deals with this issue. Another topic to be underlined is the precariousness of protective factors and the existence of vulnerability factors. Thus, rethinking public policies targeting this age group and this problem is needed, through a comprehensive, intersectorial and multidisciplinary approach.

Key words: adolescent, beverage alcohol and social representations.

RESUMEN

SOUZA, S.L. Comprendiendo el consumo de bebidas alcohólicas a través de la visión de l@s¹ adolescentes. 166 h. Tesis (Doctorado). Escuela de Enfermería de Ribeirão Preto, Universidad de São Paulo, Ribeirão Preto, 2009.

El consumo de alcohol en la adolescencia, evidenciado por investigaciones nacionales e internacionales, se constituye en cuestión relevante con repercusión en diversos sectores de la sociedad. Sin embargo, las motivaciones que propician tal práctica son todavía poco estudiadas. Esta investigación cualitativa, desarrollada entre 2006 y 2009, tuvo como objetivo comprender las representaciones socialmente construidas de l@s adolescentes acerca del consumo de bebidas alcohólicas y analizar los factores que influyen esas representaciones. El campo del estudio fue una Unidad de Salud Familiar de la ciudad de Feira de Santana, estado de Bahia, Brasil. Los sujetos fueron veinte y uno adolescentes de ambos los sexos, en la franja etária entre diez y dieciséis años. Observación, grupos focales y entrevista semiestructurada fueron las técnicas utilizadas para la recolecta de los datos. El análisis de los datos fue realizado a través de la interpretación de los sentidos. A partir de los discursos de los sujetos se identificó dos categorías: **beber mucho y junto**, que se aproxima del concepto de *binge drinking*. Además, estar junto evidencia el carácter socializador de la bebida, relacionado al sentimiento de pertenecer exteriorizado por los sujetos a través de las expresiones: mi padre bebe, es presión de los amigos y todo mundo bebe! El discurso de l@s adolescentes demostró que esa aceptación permea la adopción de prácticas comunes, que significan también un ritual de paso para el mundo adulto. Como factores que influyen esa representación, se destacan las actitudes de los adultos en relación al alcohol, especialmente la figura paterna y la influencia de lo que es vehiculado por la media. Otra categoría identificada fue **se divierte, ocurren luchas, crímenes y aún muerte**, donde l@s adolescentes destacaron las consecuencias del consumo de bebidas alcohólicas a través de las alteraciones físicas, de comportamiento y de la ocurrencia de accidentes, lo que demuestra que ell@s perciben claramente la interfaz entre el uso abusivo de la bebida alcohólica y la violencia en sus diversas formas. Se concluye que el lugar que esa substancia ocupa en el imaginario de l@s adolescentes demuestra que le es atribuida la representación de un capital simbólico y tiene, en la actualidad, relación con la estructura social capitalista, con contradicciones entre lo que es preconizado y la forma como la sociedad lidia con esa cuestión. Otro punto a ser resaltado es la precariedad de factores protectores y la existencia de factores de vulnerabilidad. Hay, por lo tanto, la necesidad de repensar las políticas públicas dirigidas para esa franja etária y problemática, a partir de aproximación integral, intersectorial y multidisciplinaria.

Palabras clave: adolescente, bebidas alcohólicas y representaciones sociales.

¹ Se adoptó el símbolo @ a fin de designar adolescentes de ambos los sexos, concordando con la versión del Proyecto Acoger de la Asociación Brasileña de Enfermería (RAMOS, 2001).

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1	Cartão de adolescente do sexo masculino	158
Imagem 2	Cartão de adolescente do sexo feminino	159
Imagem 3	Marionete do álcool	160
Imagem 4	Tal pai tal filho	161
Imagem 5	Pai bebendo bebê saboreando	162
Imagem 6	Copos e festas	163
Imagem 7	Copo feliz, copo triste	164
Imagem 8	O álcool no cérebro dos jovens	165
Imagem 9	Bebida <i>versus</i> direção	166
Imagem 10	Cartaz da Organização Pan-Americana de Saúde	167
Imagem 11	Mulher jovem, mulher idosa	168

LISTA DE SIGLAS

ONGs	Organizações não governamentais
NIAAA	National Institute on Abuse and Alcoholism
OPAS	Organização Pan-Americana de Saúde
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
SPA	Substância psicoativa
SNC	Sistema nervoso central
PSF	Programa Saúde da Família
PROSAD	Programa de Saúde do Adolescente
ESF	Equipe de Saúde da Família
F	Feminino
M	Masculino
E	Entrevista
GF	Grupo focal
SAMU	Serviço de Atendimento Móvel de Urgência

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	15
1.1 Justificativa.....	20
1.2 Objetivos.....	27
2. MARCO TEÓRICO CONCEITUAL.....	28
2.1 @s adolescentes, a cultura e a socialização.....	30
2.2 O álcool enquanto substância psicoativa (SPA) e agente socializador....	44
2.3 Usando a lente das representações sociais para a compreensão do consumo de bebidas alcoólicas pel@s adolescentes.....	50
2.4 Pressupostos.....	55
3. CAMINHO METODOLÓGICO.....	57
3.1 Tipo de estudo.....	59
3.2 O campo do estudo.....	60
3.3 Constituição dos sujeitos do estudo.....	65
3.4 Coleta dos dados.....	65
3.4.1 Observando o campo, os sujeitos deste estudo e suas interações.....	66
3.4.2 O grupo focal na pesquisa com adolescentes.....	67
3.4.3 A entrevista semiestruturada como técnica complementar à observação e grupos focais.....	75
3.5 Procedimentos éticos.....	76
3.6 Análise e interpretação dos dados.....	77
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	82
4.1 Caracterizando os sujeitos do estudo.....	84
4.2 O campo de estudo, os sujeitos e suas interações.....	86
4.3 Construindo as categorias empíricas a partir da triangulação de técnicas.....	92
4.3.1 Beber muito e junto.....	93
4.3.1.1 Meu pai bebe, é pressão dos amigos, todo mundo bebel!.....	102
4.3.2 Se diverte, vomita, pratica crimes, acidentes e morre.....	114
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	123
6 REFERÊNCIAS.....	131
APÊNDICES.....	149
ANEXOS.....	156

1 INTRODUÇÃO

*Procurou o homem desde a mais remota antiguidade,
encontrar um remédio que tivesse a propriedade de aliviar suas dores, serenar suas paixões,
trazer-lhe alegria, livrá-lo de angústias, do medo, ou que lhe desse o privilégio de prever o
futuro, que lhe desse coragem, ânimo para enfrentar as tristezas e o vazio da vida.*

Lauro Solleró 1979²

² SOLLERO, L. Farmacodpendência. Rio de Janeiro: Agir, 1979

O consumo de substâncias psicoativas, atualmente, é algo cada vez mais evidente. Os meios de comunicação diariamente veiculam informações sobre o tema, adotando os mais variados enfoques: narcotráfico, descoberta de uma nova medicação com possibilidade de cura para alguma doença, associando as mesmas à violência ou ao sucesso, ao corpo perfeito e à felicidade.

Apesar de ser um tema atual, entretanto, constata-se que essa prática não é recente.

O álcool é substância psicoativa tida como lícita, pelo fato de sua ingestão, por indivíduos adultos, não ser ilegal na nossa sociedade, não havendo, portanto, nenhum tipo de controle em relação ao seu consumo, assim como quanto à sua aquisição pelos mesmos.

O uso de bebida alcoólica está amplamente difundido na maioria dos países das Américas e, embora o seu uso e/ou abuso seja comum, oferece riscos dos mais variados à vida e à saúde, independente da faixa etária do usuário, trazendo prejuízos à sociedade, através da elevação das taxas de morbimortalidade por ela provocadas, a exemplo dos acidentes de trânsito associados ao álcool, desenvolvimento de doenças crônico-degenerativas, entre outras.

Jorge e Leite (2001, p.412), ao analisarem as estatísticas de mortalidade na adolescência, ressaltam que “não violentos em si, mas facilitadores ou propulsores de comportamentos violentos são: o uso do álcool, drogas ilícitas e direção perigosa”. Portanto, apesar de a legislação que versa sobre os direitos da criança e do adolescente considerar a venda de bebida alcoólica a esses seres em desenvolvimento como crime passível de punição, essa prática vem acontecendo em nosso meio, mesmo na condição de ato ilegal.

Há outra questão, contudo, talvez mais relevante ainda em relação à criança e ao adolescente que precisa ser ressaltada: o crescimento e desenvolvimento humano ocorrem em maior intensidade nessas etapas da vida.

Durante a adolescência, há uma redução programada no número de neurônios e sinapses, bem como as conexões tornar-se-ão mais específicas e amadurecidas. A amígdala e o hipocampo relacionados à memória e à região pré-frontal sofrerão um aumento de volume. O córtex pré-frontal faz parte dos circuitos motivacionais, inclusive do chamado circuito do prazer, que é reforçado pelas substâncias psicoativas (SILVA; MATTOS, 2004, p.35).

Por esse motivo, nessas fases, a exposição a agentes agressores a exemplo das substâncias psicoativas e experiências traumáticas, de ordem física ou psicológica, pode interferir nesse processo.

Diante disso, é notório que não é apenas a questão da ilegalidade que está em jogo, mas o crescimento e desenvolvimento satisfatórios dessa geração. Laranjeira (2004) refere que é especialmente intrigante o fato que leva os adolescentes, como um grupo de alto potencial de risco, a experimentar drogas, quando as informações sobre os danos decorrentes disso são acessíveis a eles.

Dizer que as informações relacionadas ao uso/abuso do álcool e outras substâncias psicoativas, ainda que de qualidade questionável, não estejam acessíveis à população, seria uma inverdade; entretanto, apesar de elas, diariamente, invadirem as nossas casas, através dos meios de comunicação e das ocorrências do cotidiano, parece haver concomitantemente, vários discursos e simbologias relacionadas a essas substâncias, veiculadas no mesmo contexto social: enfoques pautados nas questões jurídicas, como um problema de saúde pública, questões culturais e psicossociais relacionadas a tais substâncias, entre outras.

Apesar de todos esses enfoques, na verdade, percebe-se que tais informações são superficiais e, na maioria das vezes, tendenciosas, o que pode, inclusive, estar contribuindo para a banalização do problema.

Concorda-se nesta pesquisa com McRae (2004) quanto se refere que se torna cada vez mais reconhecida a necessidade de abordar o tema a partir de suas múltiplas determinantes: farmacológicas, psicológicas e socioculturais. Entende-se que todas essas abordagens precisam dialogar entre si, a fim de que se possa obter melhores subsídios para conviver com essa questão antiga e, ao mesmo tempo, tão presente na sociedade.

Diante do exposto, evidencia-se a possibilidade de se ver a mesma questão sob diversos ângulos; contudo, acredita-se que para rever as estratégias de prevenção que, sob o ponto de vista da autora constitui em caminho necessário para o seu enfrentamento, é preciso compreender o que essa prática representa para @s adolescentes, sob o prisma del@s mesm@s.

Desse modo, como que imersos num emaranhado de informações e práticas alarmistas, sensacionalistas, moralistas ou emocionais e, muitas vezes, contraditórias, relacionadas às SPAs, ora censurando ora estimulando o seu

consumo, que circulam na sociedade @s adolescentes tentam elaborar as suas próprias concepções, dentre elas aquelas relacionadas ao consumo de bebidas alcoólicas. Vale ressaltar que concorrem com todas essas informações questões grupais e significados que podem propiciar um melhor entendimento dessa questão.

Na busca dessa compreensão, foi proposto o seguinte problema de pesquisa: **Quais as representações socialmente construídas d@s adolescentes acerca do consumo de bebidas alcoólicas?**

Diante da evidência de que o consumo do álcool constitui-se em uma prática social, buscou-se a aproximação ao pensamento de Pierre Bourdieu, com o intuito de compreender a adolescência, a partir das discussões realizadas pelo autor a respeito desse conceito, das noções de capital e de poder simbólico por ele trabalhadas, assim como as representações socialmente construídas de adolescentes acerca do consumo de bebida alcoólica, a partir da noção de *habitus*, conceito central da sociologia bourdieusiana.

Parece que, apesar de o álcool não ser substância nova para nossa sociedade, tem ocorrido mudanças em relação ao que ele representa para as pessoas, em especial os adolescentes.

Para se apreender o objeto do estudo que ora se propõe, pretendeu-se aqui aprofundar no universo dos significados, pensamentos e conhecimentos dos adolescentes em relação ao consumo de bebidas alcoólicas, através das representações sociais a partir da perspectiva sociocultural, buscando apreender as representações desses sujeitos a respeito dessa prática, partindo do entendimento de que essas

Se encontram enraizadas nas experiências socialmente compartilhadas, dirigindo as relações dos indivíduos entre si e com o mundo; com fatos que se constroem socialmente e inserem-se na sua dinâmica e transformação (TURA, 2004, p.20).

Ao se aproximar da noção de *habitus*, percebe-se que esse é elaborado a partir do processo de socialização dos indivíduos. Constitui-se nas disposições adquiridas durante esse processo, ou seja,

Atitudes, inclinações para perceber, fazer, sentir e pensar, interiorizadas pelos indivíduos em razão das suas condições objetivas de existência,[...] e que funcionam então como quase instintivos; a interiorização permite agir sem ser obrigado a lembrar-se explicitamente das regras que é preciso observar para agir (BONNEWITZ, 2003, p.77).

Desse modo, nota-se que a sua construção se elabora e reelabora a partir das interações ocorridas no cotidiano dos adolescentes. Sendo assim, o desenvolvimento deste estudo, requer o conhecimento dos seus espaços de convivência, a fim de apreender suas concepções em relação ao tema que se deseja investigar.

1.1 Justificativa

A motivação para o desenvolvimento desse estudo levou à reflexão acerca da prática profissional da autora na área de atenção à saúde do adolescente, das informações adquiridas através da mídia, estudos já produzidos sobre o tema e os dados epidemiológicos existentes.

Essa caminhada rumo à definição do objeto levou a se concordar com Chizotti (2000) quando refere que a identificação do problema e sua delimitação pressupõem imersão do pesquisador na vida e no contexto, no passado e nas circunstâncias presentes que o condicionam.

Durante toda a trajetória profissional, a pesquisadora, aqui, tem atuado na área de atenção à saúde da criança e do adolescente. No ano 2005 ingressou na carreira docente, atuando na mesma área no curso de graduação em enfermagem da Universidade Estadual de Feira de Santana, BA, instituição na qual permanece vinculada.

Com o intuito de atender as necessidades de reestruturação curricular, onde se percebeu, ainda que de modo incipiente, a ampliação do enfoque do ser adolescente, e também em resposta a inquietações pessoais, houve a preocupação de se enfrontar em atividades com adolescentes em seus vários espaços de inserção: na rua, escolas, unidades de saúde, ONGs e instituições assistenciais. Nesse percurso, verificou-se que o álcool, apesar de todos os danos que podem advir do seu uso e/ou abuso, já evidenciado por vários pesquisadores, a exemplo de Lemos e Zaleski (2004), e que vêm se confirmando através da prática profissional, continua sendo a substância psicoativa mais consumida pelos adolescentes. Todos esses encontros, nessa variedade de espaços, continuaram suscitando várias inquietações para a autora.

O discurso dos adolescentes é carregado de questionamentos que levaram a refletir sobre a formação acadêmica e também a postura profissional adotada pelos trabalhadores de saúde na assistência aos mesmos, de modo geral. Por esse motivo, assuntos relacionados a el@s passaram mais ainda a ser foco de interesse deste trabalho. Gravidez, sexualidade, relacionamento familiar, projetos de vida, violência, drogas, diversão, entre outros, são temas geralmente sugeridos pel@s mesm@s para serem abordados nas oficinas.

Apesar de até então nenhum grupo ou adolescente ter citado o consumo de bebidas alcoólicas como algo a ser trabalhado, em vários encontros, algo que era por eles verbalizado remetia a essa prática nas suas vidas, sem que essa substância fosse percebida por eles como um tipo de droga.

É importante ressaltar que esse percurso coincide com a convivência com uma filha adolescente e sua rede de relações, o que tem proporcionado experiências teóricas e práticas no processo de adollescercer.

Na dissertação de mestrado realizada com adolescentes trabalhadores de rua no município de Feira de Santana, BA (Souza, 2000); vários adolescentes citaram como opção de lazer frequentar festas, pagodes e beber cerveja, o que demonstra a associação do seu consumo à diversão.

Pôde-se observar que as festas populares suscitam o desejo de consumir álcool, provavelmente por propiciar desinibição, o que pode ser visto como fator de risco para a experimentação de outras substâncias psicoativas, e, conseqüentemente, a exposição a outros danos como acidentes, violência, DST/AIDS.

Em se tratando da realidade brasileira, há como agravante o fato de o consumo de bebida alcoólica estar associado à fuga de problemas e como artifício utilizado para espairecer, festejar, comemorar. Desse modo, ora bebe-se por estar alegre ora porque se quer esquecer os problemas.

É possível, assim, perceber que é atribuído a essa prática um poder simbólico, que pode ser definido como esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber se lhe estão sujeitos, ou mesmo que o exercem, “poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica), graças ao efeito específico de mobilização, só se exerce se for reconhecido, quer dizer, ignorado como arbitrário” (BOURDIEU, 2007, p.14).

Desejando compreender o consumo do álcool e outras drogas, enquanto problema social que envolve múltiplas causas procurou-se obter visão panorâmica da sua ocorrência à luz das pesquisas que já foram produzidas sobre o tema.

Estudo realizado com adolescentes matriculados em escolas públicas estaduais no município de Feira de Santana revelou que, dos 1372 entrevistados, 57% já havia experimentado bebidas alcoólicas, prevalecendo os adolescentes do sexo masculino. Quanto às motivações para tal prática, a curiosidade, ficar animado e diminuir a timidez foram as mais citadas (ALVES et al., 2005).

As principais companhias relatadas foram amigos, pais e outros familiares, o que demonstra que muitos dos hábitos desenvolvidos pelos adolescentes provêm do que eles apreendem nos seus espaços de convivência social, além do que o caráter da proibição ou ilicitude parece ser um atrativo a mais para a adoção de tais práticas na adolescência, pela necessidade de transgredir, o que é peculiar nessa fase.

Entende-se que as peculiaridades dessa fase, de certo modo, fazem dos adolescentes presas fáceis para serem seduzidas pelo álcool e demais substâncias psicoativas, assim como à exposição a outros comportamentos nocivos, pois, a tarefa de assimilar as mudanças próprias do seu crescimento, tanto corporais como psicossociais atreladas à intensa pressão social e à busca de novas experiências extrafamiliares, deixa-os vulneráveis a comportamentos que podem trazer consequências drásticas e às vezes irreversíveis.

Evidência da dimensão desse problema é que, atualmente, o consumo de álcool e outras drogas se constitui em grave problema de saúde pública, com complicações em todos os âmbitos da vida do usuário, repercutindo, de maneira extremamente negativa, na sociedade, existindo prejuízo maior para a população jovem, refletindo nos dados estatísticos encontrados em estudos voltados para esse problema (LARANJEIRA, 2004).

É notório que todo conhecimento construído, apesar de proporcionar maior visibilidade ao problema, não tem conseguido reverter esse quadro preocupante, porém, deve subsidiar estratégias para o seu enfrentamento.

Ressalta-se, entretanto, que na condição de profissionais inseridos em instituição formadora, tentou-se fazer movimento de aproximação à concepção hermenêutica da saúde que, segundo Ayres (2007), implica em se notar que saúde e doença não são situações polares, extremos opostos de uma mesma experiência.

O que levou a entender que parece haver limiar muito tênue em relação à percepção de determinados hábitos tidos como saudáveis, a exemplo de comemorações regadas a bebida alcoólica e a perda da noção do perigo e exposição aos riscos em decorrência do seu consumo excessivo.

Entre as substâncias psicoativas, o álcool, por ser comprovadamente a mais consumida pelos adolescentes, incitou a focar a atenção para as ações e reações que ocasiona, a partir da seguinte consideração:

Assim como outras drogas que causam dependência, o álcool reforça seu próprio consumo através da ativação do circuito de recompensa do cérebro. Como efeitos, pode produzir desde a embriaguez, dificuldade de discernimento e, mais frequentemente, a depressão do Sistema Nervoso Central (LONGENECKER, 2002, p. 37).

Tais ações, ocorrendo em um cérebro ainda em desenvolvimento, certamente incorrerão em prejuízos relacionados à cognição e aprendizado, coordenação motora e também repercutirão no estado emocional dos adolescentes.

No ano 1993, houve maior visibilidade acerca do abuso dessas substâncias entre crianças e adolescentes, através das pesquisas desenvolvidas pelo Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas (CEBRID) coletados em escolas de Ensino Médio e Fundamental do Brasil. Essas revelaram que 80,5% dos adolescentes já experimentaram álcool ao menos uma vez na vida, enquanto 18,6% usam bebida alcoólica frequentemente. Embora prevaleça o uso entre os meninos, segundo o mesmo estudo, a cada dia aumenta o percentual de adolescentes do sexo feminino que vem adotando essa prática (GALDURÓZ et al., 2000).

Isso evidencia que tais adolescentes estão consumindo bebidas alcoólicas, pondo em perigo a sua integridade física e psicológica. Além disso, a pesquisa por eles realizada demonstrou que esse consumo é crescente não apenas no que diz respeito à experimentação, mas também quanto ao seu uso recente; ou seja, dias ou horas antes de serem entrevistados, e há evidências de que as jovens do sexo feminino e na faixa etária entre 10 e 12 anos são as mais afetadas por esse incremento.

Os estudos anteriormente realizados pelo mesmo órgão, nas dez principais capitais brasileiras, demonstraram que, entre os 15. 503 estudantes que participaram da pesquisa, as drogas ilícitas mais usadas (uso na vida) foram os

solventes, maconha e ansiolíticos. Quando compararam esses dados a levantamentos anteriormente realizados, concluíram que houve um aumento significativo de uso na vida para anfetamínicos, maconha e cocaína (GALDURÓZ et al., 1997).

Tais resultados sinalizam que o uso de drogas lícitas é maior do que o das ilícitas, predominando o álcool e o tabaco e, posteriormente a maconha, que se constitui, neste país, numa substância ilícita.

Ao se analisar a produção do conhecimento, relacionado ao consumo de álcool e outras substâncias psicoativas disponíveis na biblioteca virtual em saúde (BVS), LILACS e MEDLINE no período de 1997 a 2007, encontrou-se trinta publicações acerca do consumo de álcool e/ou demais substâncias psicoativas na adolescência. Dessas, apenas cinco eram resultantes de estudos qualitativos, sendo que apenas três foram publicadas em revistas de Enfermagem; o que leva a inferir que a busca pela compreensão do problema, extrapolando a sua quantificação, tem despertado o interesse de poucos profissionais.

O uso de álcool está longe de ser um problema de saúde apenas nas Américas. Autores nacionais e também publicações do *National Institute on Abuse and Alcoholism* (NIAAA, 2003) declaram ser esse um problema mundial. Dados de pesquisa realizada pela universidade de Harvard e instituições colaboradoras, em 1996, comprovaram que o álcool, quando ingerido, seria o responsável por cerca de 1,5% de todas as mortes no mundo, bem como sobre 2,5% do total de anos vividos ajustados a incapacidades, ou seja, pessoas que sobrevivem com sequelas decorrentes do abuso do álcool.

Há um ônus, entretanto, a ser pago em função dessas condutas, o que se torna evidente através das estatísticas da Organização Pan-Americana de Saúde, demonstrando que dentre os problemas sociais e de saúde, envolvendo o consumo de bebidas alcoólicas, estão incluídos:

Acidentes e mortes no trânsito, homicídios, quedas, queimaduras, afogamento, suicídio, lesões esportivas e no lazer, violência, redução da produtividade no trabalho, vários tipos de câncer, doenças crônicas do fígado, doença cardíaca, danos no sistema nervoso central e periférico e dependência de álcool. Ocorrências de violência doméstica abuso de crianças, comportamentos violentos, lesões e fatalidade em passageiros de veículos e pedestres atravessando ruas com pessoas dirigindo embriagadas (MONTEIRO, 2005, p.1).

Esses dados demonstram a magnitude do problema para todas as esferas da sociedade, entre elas o setor de saúde. Principalmente diante da constatação do órgão supracitado, mostrando que 25% de todas as mortes de jovens, entre 15 e 19 anos, são atribuídas ao álcool.

Essas estatísticas provavelmente estão relacionadas ao padrão de consumo do álcool pelos adolescentes, visto que a literatura revela que “quando eles bebem, tendem a fazê-lo de maneira pesada, apresentando episódios de abuso agudo (*binge drinking*); ou seja, beber cinco ou mais doses em uma ocasião para os rapazes e quatro ou mais doses para as moças” (VIEIRA et al., 2007, p.396).

Em um estudo realizado por Parizotto (2005), que teve como objetivo investigar os sentidos atribuídos pelos adolescentes ao consumo do álcool, foi observado que essa substância é associada por eles à facilitação para a socialização e o enfrentamento de situações novas. Além disso, a autora percebeu a existência de relação entre essa prática e o fato de os pais beberem habitualmente e a associação do consumo ao sofrimento e fuga da realidade.

Outra pesquisa, que investigou as expectativas dos adolescentes em relação aos efeitos do álcool, revelou como ocasião de maior consumo mencionada pelos depoentes as festas, incluindo comemorações familiares, aniversários, festividades e encontro com os amigos (ARAÚJO; GOMES, 1998).

Ambos os trabalhos foram desenvolvidos no Sul do Brasil. Apesar de não se ter subsídios para afirmar que nas demais Regiões essa realidade se repete, deduzi-se que possa haver alguma semelhança.

Além disso, os trabalhos acima evidenciam que os espaços de consumo do álcool constituem ambientes em que se dá o processo de socialização.

É importante ressaltar que os estudos qualitativos acima referidos foram elaborados por profissionais das ciências sociais. Diante da evidência de que o objeto deste estudo se constituir em fenômeno multifacetado, acredita-se que o olhar, aqui, da autora, possa contribuir para melhor enfrentamento do problema.

Na condição de profissional de saúde que atua em uma instituição formadora, pôde-se perceber o quanto o discurso está pautado nos dados epidemiológicos e como tem sido limitados com relação às questões que estão por trás das estatísticas, ou seja, o sentido atribuído ao consumo de bebidas alcoólicas.

Entende-se que, para se mudar as práticas relacionadas à saúde, é necessário ampliar a visão, buscando o entendimento dos problemas de saúde

como parte integrante de um contexto social, identificando os seus determinantes e, principalmente, tentando compreender o que esses problemas representam para as pessoas que convivem com eles na condição de sujeitos; principalmente a partir do momento em que se passa a visualizar a saúde no seu conceito abrangente, como um direito de todos e dever do Estado, ou seja, “resultante das condições de alimentação, habitação, educação, renda, meio ambiente, trabalho, transporte, emprego, lazer, liberdade, acesso e posse da terra e acesso a serviços de saúde” (Brasil, 1990a artigo 3, p.1), o que pode ser traduzido como sinônimo de qualidade de vida.

Outra questão que chama a atenção é a de que mesmo que o alcoolismo, enquanto dependência química, se revele mais tarde, é na fase adolescente que o hábito de beber se instala, sendo, portanto, o momento em que a prevenção também deve ocorrer, como refere Sudbrack (2001). Por esse motivo, é necessário que se tente desvendar o que representa para os adolescentes o consumo de bebidas alcoólicas, pois, tem-se tentado enxergar essa questão através de um olhar adultocêntrico.

Recordando o adágio popular que diz que “é melhor prevenir do que remediar”, entende-se que, no que diz respeito a esse assunto, é preciso compreender o que ele representa, a fim de se crie estratégias de enfrentamento que venham a proporcionar aos adolescentes melhor qualidade de vida e saúde, através do oferecimento de subsídios que venham a se constituir em fatores de proteção.

Buscando encontrar outras maneiras de lidar com essa realidade, e percebendo que se está, de alguma forma, limitados em relação às estratégias de prevenção que se tem adotado frente à mesma, imaginou-se ser esse um caminho possível para a aproximação do que realmente representa para esses adolescentes o consumo de bebidas alcoólicas.

Acredita-se que a contribuição deste estudo está na possibilidade de se avançar nessa busca, pois, essa prática tem se instalado, possivelmente, em decorrência de questões que ainda não estão muito claras e, talvez, não estejam bem explícitas até mesmo para esses sujeitos sociais.

1.2 Objetivos

Diante de tais constatações, a realização deste estudo objetivou:

- compreender as representações socialmente construídas d@s adolescentes, sobre o consumo de bebidas alcoólicas;
- analisar os elementos que influenciam estas representações.

2 MARCO TEÓRICO CONCEITUAL

*Eu não caibo mais nas roupas que eu cabia.
Eu não encho mais a casa de alegria.
Os anos se passaram enquanto eu dormia.
E quem eu queria bem me esquecia.
Será que eu falei o que ninguém ouvia?
Será que eu quis dizer o que ninguém dizia?
Eu não vou me adaptar!
Eu não vou me adaptar!
Eu não tenho mais a cara que eu tinha.
No espelho essa cara já não é minha.
Mas é que quando eu me toquei me achei tão estranho!
A minha barba estava desse tamanho!
Eu não vou me adaptar.*

Arnaldo Antunes

2.1 @s adolescentes, a cultura e a socialização

O adolecer, reconhecidamente etapa do desenvolvimento humano, para alguns autores é tido como invenção cultural e as divisões entre as idades são tidas como arbitrárias. Bourdieu (1983, p.112), citando o pensamento de Platão e Alain, refere que “se designava a cada idade uma paixão específica: à adolescência o amor, à idade madura a ambição”.

Independente do período histórico é perceptível que existem critérios variados para a demarcação das etapas da vida e os termos adolescência e juventude, muitas vezes, são utilizados como sinônimos, razão pela qual, mesmo adotando a concepção de adolescência, entende-se ser necessário trazer o conceito de juventude.

Parece, porém, não haver consenso quanto às fases da vida. Ser adolescente numa dada civilização diverge da mesma experiência em outra e até na mesma, se comparar épocas diferentes, pois, os hábitos, rituais, normas e regras existentes são dinâmicas.

O critério etário para a delimitação de juventude está sempre expresso ou subjacente, como base prévia de uma definição de juventude. Nota-se que as áreas de saúde, educação e psicologia utilizam o critério etário (GROPPO, 2000).

O autor supracitado ressalta que outra saída da sociologia é enfatizar a relatividade do critério etário, pois o jovem e seu comportamento mudam de acordo com a classe social, o grupo étnico, a nacionalidade, o contexto histórico, nacional e regional.

A maioria dos organismos internacionais, segundo Novaes; Vannuchi (2004) adotam o conceito de juventude, considerando-a como a faixa etária que vai dos quinze aos vinte e quatro anos, correspondendo a trinta e quatro milhões de brasileiros. Porém, na mesma sociedade, ocorrem divergências quanto à inserção dos indivíduos no mundo adulto a depender do campo ao qual se refere.

Se tomar, por exemplo, a realidade brasileira, aos dezesseis anos o indivíduo é tido como apto a votar e participar nas decisões relacionadas ao destino da Nação, assim como os adultos, entretanto, não é visto como capaz para dirigir veículos automotivos. No que diz respeito à responsabilidade penal, ele já é considerado maior a partir dos dezoito anos, enquanto que, para o Ministério da

Saúde, ele permanece adolescente até completar vinte anos.

Sendo assim, pode-se afirmar que a adolescência está contida na juventude, porém, ambos os conceitos não são equivalentes.

Há ainda outra nuance relacionada à divisão lógica entre os jovens e os velhos, expressa através das posições ocupadas pelos indivíduos.

Trata-se do poder, da **divisão** (no sentido da repartição) dos poderes. As classificações por idade (mas também por sexo, ou, é claro, por classe...) acabam sempre por impor limites e produzir uma **ordem** em relação à qual cada um deve se manter em seu lugar (BOURDIEU, 1983, p.112).

Essas posições influenciam e são influenciadas pela cultura à qual se pertence. Enquanto algumas civilizações orientais visualizam os idosos como pessoas experientes, sábias e boas conselheiras, verifica-se que, nas sociedades capitalistas, a valorização dos indivíduos está mais relacionada à sua capacidade produtiva, que tem seu ápice na juventude. Considerando a cultura como

O conjunto acumulado de símbolos, ideias e produtos materiais associados a um sistema social [...] possui aspectos materiais e não materiais [...] As mais importantes dessas idéias são: as crenças, atitudes, valores e normas (JOHNSON, 1997, p.59).

Torna-se notório que essa noção se processa no contexto social em que os indivíduos estão inseridos e, por esse motivo, possui peculiaridades que só podem ser compreendidas quando se volta o olhar para o mesmo.

No que diz respeito à adolescência, enquanto etapa da vida, nota-se que os seus conflitos não são contemporâneos. Desde antes de Cristo, já havia descrições sobre eles.

Sócrates (470 a.C - 399 a.C) ao referir-se aos mesmos, dizia que “estes rebelam-se contra a autoridade e não respeitam os mais velhos. Contradizem seus pais, cruzam as pernas e tiranizam seus mestres”; e Aristóteles (388 a.C - 322 a.C) dizia que “são cheios de esperança, por não haverem sofrido muitos desenganos e se comprazem na convivência valorizando, mais que as pessoas de outras idades, a amizade e o companheirismo, já que buscam mais o amigo do que o interesse. Tudo fazem com excesso: se amam, se odeiam, enfim, agem, o fazem com veemência” (MENEZES, s.d. p.1).

Esses comentários demonstram que, em alguns aspectos, os fatos se repetem na atualidade. Contudo, as especificidades do contexto sociocultural

parecem influir na intensidade com a qual os conflitos se apresentam. Ariès (1981), ao se referir à velha sociedade tradicional, discorre que nela se via mal a criança e pior ainda o adolescente. Comenta que os textos da Idade Média se referem à adolescência como:

A terceira idade da vida, que se inicia aos quinze anos e que termina, segundo Constantino, no vigésimo primeiro ano, mas, segundo Isidoro, dura até vinte e oito anos [...] e pode estender-se até os trinta e cinco anos. Essa idade é chamada de adolescência, porque a pessoa é bastante grande para procriar (ARIÈS, 1981, p.12).

Até o século XVIII, a infância e a adolescência se confundiam e as duas expressões às vezes eram utilizadas como sinônimos. É como se não se verificasse função social alguma para eles e, talvez, representassem uma tarefa a mais, já que careciam de cuidados até estarem aptos para agir de forma mais independente.

Já o século XIX se caracteriza como momento histórico em que se deu o fortalecimento dos Estados Nacionais, redefinição dos papéis sociais das mulheres e crianças, avanço acelerado da industrialização e da técnica, e pela organização dos trabalhadores. É o momento em que a figura do adolescente é delineada com precisão.

A adolescência passou a ser reconhecida como um momento crítico. Uma fase de potenciais riscos para o indivíduo e para a sociedade como um todo (GROSSMAN 1998, p.71).

Segundo Loyola (2002), um campo é também um espaço de conflitos e de concorrência, no qual os concorrentes lutam para estabelecer o monopólio sobre a espécie específica do capital pertinente ao campo, a autoridade cultural, no campo artístico, a ciência no campo científico, entre outros.

Neste estudo, foram considerados adolescentes os indivíduos na faixa etária de 10 a 19 anos 11 meses e 29 dias, conforme definição do campo da saúde, estabelecido no Programa de Saúde do Adolescente - PROSAD (BRASIL, 1993).

Essa etapa pode ser conceituada como o desabrochar para o mundo, através do qual novas perspectivas passam a fazer parte da vida.

Segundo Tiba (1986), a palavra “adolescere” vem do latim e significa crescer, engrossar, tornar-se maior, atingir a maioridade; constituindo-se em uma etapa de muitos eventos relevantes e de tomada de decisões que repercutirão por toda a existência.

Para Saito (2001), a compreensão da adolescência, enquanto etapa do desenvolvimento humano, de modo geral, delineou-se como resultado da reflexão humana sobre a singularidade dessa etapa de passagem entre a infância e a adultícia.

Aqui, entretanto, a opinião é de que a adolescência não se constitui em algo limitado apenas às transformações físicas, pois, os fenômenos da adolescência são circunscritos historicamente.

A vida e as necessidades de saúde dos adolescentes são processos produzidos no âmbito das sociedades, definindo-se e modificando-se na interação com seus diversos componentes - econômicos, institucionais, político-éticos, culturais, físico, ambientais (RAMOS, 2001, p.13).

Para Tiba (2005), a adolescência constitui-se em momento tão peculiar que pode ser atribuído a esse, a condição de um segundo nascimento, através do qual o ser humano nasce para a autonomia comportamental.

Apesar de Bourdieu (1983) considerar a idade como um dado biológico, socialmente manipulado e manipulável, e que falar de pessoas nessa fase como se fosse uma unidade social dotada de interesses comuns, relacionar essas especificidades a uma idade biologicamente definida, nota-se que, em alguns aspectos, existem eventos que são peculiares a essa etapa da vida.

Cronologicamente, a adolescência corresponde à segunda década da existência humana, quando se elege o conceito pertinente ao campo da saúde. Talvez seja a fase mais turbulenta da vida, pela sua relevância.

É compreendido por puberdade o conjunto de transformações biológicas ligadas à maturação sexual que corresponde ao início da adolescência.

A palavra puberdade vem do latim, e significa *pubertas*, caracterizada pela capacidade reprodutiva. Groppo (2000), citando Léopold, versa que o início da juventude é muito claramente definido pela aparição da puberdade, quanto ao fim da juventude, varia segundo os critérios e pontos de vista adotados.

As manifestações corporais que ocorrem na puberdade são causadas pela ação hormonal do eixo neuro-hipofisário.

A puberdade é um fenômeno universal e, em condições de normalidade, tem seus limites estabelecidos dentro de uma margem de variação de fatores internos e externos inerentes a cada indivíduo. Ela se conclui com o fim do crescimento esquelético, que coincide com a soldadura das cartilagens de conjugação dos ossos longos, e com o amadurecimento gonadal, que permite a plena execução da função reprodutora (BRASIL, 1993, p.17).

Em cada uma das fases da vida humana, as necessidades se modificam de modo que o adolescente precisa fazer sua própria leitura do mundo e de si mesmo.

Desse modo, percebe-se que o processo de socialização, embora seja mais comumente associado ao desenvolvimento da criança, é um processo que dura a vida inteira. Diante do exposto, Setton (2005) comenta que a família, a escola e o universo cultural plural e diversificado constituem as principais instâncias socializadoras na atualidade. Nesses espaços, as crianças e adolescentes vivenciam situações heterogêneas, concorrentes e, às vezes, contraditórias, no que se refere aos princípios da socialização.

A família é tida como a primeira instância socializadora que se tem acesso e, por esse motivo, desempenha papel preponderante na socialização primária.

Segundo Bonnewitz (2003), toda família ocupa uma posição no espaço social e, ao se receber educação, interiorizam-se propriedades ligadas à posição dos pais no espaço social.

Voltando o olhar para a história social da família, constata-se através da obra de Ariès (1981) sobre o estudo da iconografia, que, a partir do século XVI a família passou a ocupar espaço marcante nas representações artísticas. “Os grandes pintores adotavam a representação das três idades da vida sob a forma de uma criança, alguns adolescentes e, em geral, um casal e um velho”. Para esse autor, o retrato traduz, acima de tudo, o imenso progresso do sentimento da família (ARIÈS, 1981, p.206).

Ao se referir à família medieval, esse autor relata que a transmissão do conhecimento de uma geração a outra era garantida pela participação familiar das crianças na vida dos adultos.

A importância da família, posteriormente, foi descrita por Engels, juntamente com o desenvolvimento do trabalho, como condicionante da ordem social em que vivem os homens de determinada época ou determinado país. Assim, essa estrutura da sociedade baseada nos laços de parentesco e na elevação da

produtividade do trabalho promoveu “o desenvolvimento da propriedade privada e as trocas, as diferenças de riqueza, a possibilidade de empregar força de trabalho alheia e, com isso, a base dos antagonismos de classe” (ENGELS, 1991, p.3).

A família atual tem se constituído de modo bastante variável. Para Kliksberg (2003), apesar da redescoberta da família como a unidade básica do gênero humano, a família latino-americana, em sua maioria, tem adotado um perfil de família desarticulada em aspectos importantes, instável, significativamente debilitada, que dificilmente pode cumprir as funções potenciais de unidade familiar. Para ilustrar essa assertiva traz estatísticas mundiais relacionadas às mulheres sozinhas chefiando famílias e o efeito dessa realidade sobre os filhos, a resistência a formar e manter famílias no contexto atual, os nascimentos ilegítimos, gravidez na adolescência, violência doméstica, abandono de crianças, pobreza, entre outros.

É notória a dinamicidade da concepção de família que propicia a percepção da mesma como instituição complexa e diversificada. Para Bilac (2000), o campo da família é particularmente sensível à crise política, social, econômica e de pensamento com a qual se convive na atualidade.

Ao se observar a família contemporânea, percebe-se o que Sarti (2000) chama de perda da tradição. Essa se exterioriza a partir de mudança dos papéis preestabelecidos, a exemplo do amor, casamento, trabalho, entre outros, para a visualização dos mesmos como um projeto em que a individualidade conta decisivamente. Esse processo foi em grande parte impulsionado pelas mulheres a partir da reformulação do seu lugar na esfera privada e sua participação na esfera pública.

A ordem familiar tradicional, conseqüentemente, foi alterada principalmente no que diz respeito à autoridade patriarcal e à divisão de papéis familiares. Essa alteração se reflete diretamente nas relações entre homem e mulher e entre pais e filhos no interior da família.

Entende-se, como componente do universo cultural diversificado, o acesso às informações promovidas pelos meios de comunicação em massa.

Quanto à importância da escola, enquanto instituição socializadora, percebe-se que o seu surgimento está relacionado a uma nova visão das idades da vida que propiciou maior preocupação com a formação da criança e do adolescente.

Nota-se que, no século XVIII, tudo o que dizia respeito à criança, desde a

papiricação até à educação, tornou-se assunto sério e digno de atenção porque ela assumiu o lugar central dentro da família. Nesse contexto, surge a escola, que, a princípio, era reservada a um pequeno número de clérigos e misturava diferentes idades. À medida que essa instituição foi se consolidando, adotou função tanto moral quanto intelectual de adestrar as crianças, graças a uma disciplina mais autoritária e, desse modo, separá-las da sociedade dos adultos (ARIÈS, 1981).

A experiência da escolarização, entretanto, não se dá de forma idêntica entre os indivíduos. Explicitando essas diferenças, Bourdieu (1997) formulou o conceito de capital cultural, através do qual demonstra a desigualdade de desempenho escolar de crianças oriundas de diferentes classes sociais. Segundo o autor, o capital cultural existe sob três formas:

a) No estado incorporado, sob a forma de disposições duráveis do organismo. Sua acumulação está ligada ao corpo, exigindo incorporação, demanda tempo, pressupõe um trabalho de inculcação e assimilação. Esse tempo necessário deve ser investido pessoalmente, não pelo receptor- “tal como um bronzamento [...]; b) no estado objetivado sob a forma de bens culturais (quadros, livros, entre outros); c) no estado institucionalizado, consolidando-se nos títulos e certificados escolares que, da mesma maneira que o dinheiro, guardam relativa independência com relação ao portador do título. Essa certidão de competência institui ao portador o capital cultural[...] (BOURDIEU, 1997, p.9).

Apesar de a escola sempre ter sido vista como espaço privilegiado de transmissão do saber, ela não se constitui no único espaço onde o capital cultural é inculcado, contudo, legitima a aptidão através dos certificados. Considerando o campo escolar como um mercado, Bonnewitz (2003) refere à possibilidade de se proceder a dupla análise: do lado da oferta, determinando os mecanismos que, na instituição, asseguram a reprodução social e do lado da procura, analisando as consequências dos usos diferenciados da instituição pelas diversas classes sociais.

Assim, parece que, longe de ser experiência igual para todos os que nela adentram, a apreensão e uso do saber escolar estão atrelados às condições de vida dos sujeitos: ensino público e o privado se constituem em experiências diferentes que, juntamente com as outras formas de aquisição do capital cultural, interferem na divisão social de classes.

Segundo Setton (2002), a escola, na atualidade, não consegue conciliar as suas antigas funções de educar (transmitir valores), selecionar (qualificando distintamente o público) e socializar (adaptá-los a uma realidade social). O que

denota o enfraquecimento do caráter socializador dessa instituição, principalmente quando se refere ao ensino público.

Quando se trata de temas polêmicos, como o que ora se propõe a pesquisar, percebe-se que esses têm sido tratados no âmbito da escola como temas tabus, em que são abordados, quando o são, de maneira superficial, sem proporcionar oportunidades de reflexão acerca dos mesmos.

No que diz respeito à mídia, no seu livro sobre a televisão, instrumento que representa o meio de comunicação talvez mais acessível na atualidade, Bourdieu (1997), comentando sobre os perigos do uso da televisão, refere que

A imagem tem a particularidade de poder produzir o que os críticos literários chamam *o efeito do real*, ela pode fazer ver e fazer crer no que faz ver. Esse poder de evocação tem efeitos e mobilização. Ela pode fazer existir ideias e representações, mas também grupos (BOURDIEU 1997, p.28).

Desse modo, se constitui em veículo de informações manipuláveis que pode ser utilizado para os mais variados fins. Mas as instâncias midiáticas de socialização não podem ser reduzidas à televisão.

Setton (2002, p.2) refere que essas são por definição multiformes; sendo “responsáveis pela circularidade de uma gama variada de imagens, códigos e conteúdos que se organizam coerentemente na forma de um sistema integrado de símbolos interdependentes aos valores escolar e familiar” (MORIN, 2007, p.16).

É importante ressaltar que

Há uma variação enorme na maneira como isso acontece e nos resultados que produz. [...] Isso se deve em parte, à variedade de experiências que as pessoas encontram [...]. Os indivíduos não são passivos e desempenham um papel importante na sua própria socialização, na medida em que respondem de várias maneiras às pressões e influências sociais (JOHNSON 1997, p.212).

Acredita-se, portanto, que os indivíduos atuam como sujeitos e não como meros objetos diante do processo de socialização.

Reconhecidamente, na adolescência, ocorre ampliação da rede de relações e, conseqüentemente, novas experiências são vivenciadas e novos hábitos são incorporados.

Desse modo, @s adolescentes, rumo à fase adulta, passam por transformações que os obrigam a responder a exigências tanto sociais quanto

biológicas e intrapsíquicas, nas quais têm conflitos de dependência e independência, adotarem identidade pessoal e serem aceitos no grupo ao qual pertencem, de acordo com condutas socialmente aceitáveis (BRASIL, 1997).

Em algumas culturas, a entrada dos indivíduos na adolescência é marcada por rituais de passagem que se constituem em cerimônias usadas para assinalar e concretizar a transição de um *status* social para outro. El Far falando a respeito desses rituais nas sociedades indígenas, comenta que

Estes eram separados da família por dias consecutivos, passavam por provas físicas que envolviam intenso sofrimento [...].Em muitos casos, mesmo prestes a desmaiar de dor, esses jovens jamais reclamavam e, em silêncio, suportavam tudo o que lhes era designado. Por fim, toda essa exibição de força, habilidade e maturidade ante a comunidade, lhes garantia a entrada no universo dos adultos (EL FAR 2007, p. 14).

Na sociedade pós-industrial, parece que a habilidade física deu lugar a outras características que são tidas como mais relevantes, no que diz respeito à transição para a vida adulta, sem, contudo, serem visualizadas como um divisor de águas entre as fases da vida. Como exemplo disso, pode-se citar a aquisição de determinados bens, a exemplo do telefone celular, mp3, entre outros, frequentar *shows*, baladas e consumir bebidas alcoólicas.

Johnson (1997), discorrendo sobre essa questão, refere que alguns sociólogos argumentam que, como resultado da falta geral dos ritos de passagem, o fim da adolescência e o início da casa dos vinte anos constituem períodos marcados por ambiguidade, ansiedade e rebeldia.

Nessa transição, o adolescente também abandona determinadas atitudes e sentimentos que representam para ele perdas e desconfortos que são chamados elaboração e lutos. Grynberg e Kalina (2002), ao comentarem sobre esses lutos, referem como sendo esses a perda do corpo infantil, em decorrência das transformações da puberdade que causam, a princípio, estranhamento em relação a si mesmo, à bissexualidade perdida, já que na infância predomina a fantasia da onipotência sexual, a perda dos pais da infância, que passam a ser vistos como pessoas que não são exatamente como eles esperavam que fossem, ou que pareciam ser.

É tida como período de crise, em função das perdas aqui elencadas, mas também por outros motivos que Klosinski (2006) coloca como confronto com

“posições extremas” que se revelam como polos entre os quais precisam encontrar seus próprios caminhos.

Dependência e independência; poder e fraqueza (potência e impotência); passividade e agressividade; o amor próprio e o amor ao próximo; identidade e difusão da identidade; racionalidade e irracionalidade (irreligiosidade e religiosidade) (p.24).

Não se é mais criança para desenvolver tarefas que anteriormente eram naturais, porém, ainda não se é adulto para ter autonomia sobre suas próprias decisões, o que caracteriza a busca do adolescente pelo seu lugar no mundo e que Cavalcante (2003) refere como tentativa de encontrar os pontos de referência que sejam próprios d@s adolescentes.

Nessa tentativa, incluem-se as características do desenvolvimento psicológico e emocional que compõem a síndrome da adolescência normal, assim definida por Aberastury e Knobel (2007): busca de si mesmo e da identidade, tendência grupal, desenvolvimento do pensamento abstrato, necessidade de intelectualizar e fantasiar, evolução da sexualidade, crises religiosas, vivência corporal singular, atitude social reivindicadora e manifestações contraditórias da conduta.

Essa caracterização, entretanto, remete à compreensão da adolescência como algo que permeia o patológico, visto que a palavra síndrome significa “reunião de sinais e sintomas provocados por um mesmo mecanismo e dependente de causas diversas” (Bueno, 2000), na área da saúde associada às doenças.

A experiência da autora prática tem demonstrado que cada adolescente experimenta essa fase de uma maneira singular, apesar da existência dos conflitos e adaptações a esse novo momento da sua vida, como em outras fases também.

Ao desconstruir uma noção única de adolescência, mascarada pela pretensão de neutralidade, o que se encontra é a presença de uma série de diferenças que foram tratadas como meras contingências e que, na realidade, são constitutivas das identidades de todos nós (MAYORGA, 2006).

Desse modo, podemos inferir que a intensidade dessa suposta “síndrome” não é vivenciada da mesma forma por todos @s adolescentes, o que permite constatar que não se está tratando de adolescência, mas, sim de adolescências.

Ainda assim, entende-se que a tendência grupal é algo marcante nessa fase. Pode ser vista como estratégia de superação do sentimento de não ser

compreendido, tentativa de suprir a necessidade de segurança que a família passa a não dar conta, o que pode representar um suporte para esses indivíduos. A busca dos pares permite o compartilhar de conflitos vivenciados.

No início da puberdade, muitas vezes, o grupo é de pares do mesmo sexo (os clubes da Luluzinha e do Bolinha). Essa experiência, segundo Klosinski (2006), serve como proteção para a ligação precoce e exagerada com o sexo oposto e, segundo ele, a ligação com o melhor amigo(a), típico dessa fase, funciona como preparação para a ligação com o sexo oposto, que ocorrerá mais tarde, quando, provavelmente, o grupo se tornará heterogêneo.

A dependência do grupo é, na verdade, a transferência de parte da dependência para o grupo. Mas ali também se exercita a disputa de poder e o exercício do bem e do mal. Contudo, o grupo parece favorecer socialização menos repressora do que a família.

Pertencer a um grupo, mais do que agregar-se a um conglomerado de indivíduos da mesma idade, leva a pensar que, consiste em estar com pessoas que compartilham esquemas de percepção e de ações interiorizadas. Referindo-se a esses esquemas, Bonnewitz (2003) mostra que consistem na interiorização de comportamentos e valores apreendidos e considerados óbvios, naturais, quase que instintivos.

Em decorrência de todas as questões aqui elencadas, a adolescência é visualizada como período de maior vulnerabilidade e risco para a ocorrência de eventos como doenças sexualmente transmissíveis, uso e/ou abuso de substâncias psicoativas, gravidez, acidentes, entre outros.

Vale ressaltar que, aqui, se reporta aos adolescentes brasileiros, que fazem parte de uma sociedade capitalista, em que a distribuição da renda é extremamente desigual e, que o apelo ao consumismo é gritante. Além disso, em função das características que lhes são peculiares, há lógica de mercado e *marketing* que faz del@s presas fáceis aos modismos em função das necessidades de se manterem em consonância com seus pares.

Essas características, somadas à falta de perspectivas provenientes das discrepâncias sócioeconômicas e culturais, são fatores que podem contribuir para a adoção de comportamentos de risco e, em algumas situações, para a delinquência.

O risco, segundo Saito (2001, p.35), “é uma proposição técnica que associa o conceito de vulnerabilidade à probabilidade de dano ou resultado

indesejado”. Sua ocorrência dispõe de componentes individuais e sociais.

Sendo assim, entende-se que a exposição ao risco está diretamente relacionada com o modo como @s adolescentes o percebem e respondem aos mesmos. Nesse contexto, nota-se que a família e a sociedade podem atuar como entidades protetoras ou não, a depender do que proporcionam a esses seres em formação.

Na busca pelo entendimento das assertivas acima, encontra-se as colocações de Meyer et.al. relacionadas à noção de vulnerabilidade a partir dos planos analíticos básicos:

Portanto, no plano individual, considera-se que a vulnerabilidade a algum agravo está relacionada, basicamente, aos comportamentos que criam oportunidades para que as pessoas venham a contrair doenças [...]. Estão relacionados tanto com condições objetivas do ambiente quanto com as condições culturais e sociais em que os comportamentos ocorrem, bem como o grau de consciência que essas pessoas têm sobre tais comportamentos e ao efetivo poder que podem exercer para transformá-los. O plano institucional ou programático envolve o grau e a qualidade de compromisso, recursos, gerência e monitoramento de programas nacionais, regionais ou locais de prevenção e cuidado [...]. O plano social envolve acesso às informações, às possibilidades de metabolizá-las e ao poder de incorporá-las a mudanças práticas na vida cotidiana, condições estas diretamente associadas ao acesso aos recursos materiais, a instituições sociais como escola e serviços de saúde, ao poder de influenciar nas decisões políticas, à possibilidade de enfrentar barreiras culturais e de estar livre de coerções violentas de toda ordem (MEYER, MELO, VALADÃO, AYRES, 2006, p.1340).

No que diz respeito ao uso da droga, Ayres trata da importância dos padrões socioculturais, ou seja, como a droga é usada. Pondera que é preciso conhecer as concepções e atitudes que orientam o uso da droga (quem, quando, em que condições) [...] e indicar os padrões de uso já identificados pela psicologia social (experimentador, usuário ocasional, usuário habitual, dependente) (AYRES, s.d. p. 20).

O entendimento, aqui, em relação à necessidade do conhecimento das concepções d@s adolescentes acerca do consumo do álcool se assemelha ao pensamento acima relatado. Principalmente porque estudos desenvolvidos sobre a relação entre drogas, risco e vulnerabilidade, a exemplo de Paulilo e Jeolás (2005), Amaral e Saldanha (2006), demonstraram que @s adolescentes se referem à bebida como algo ligado ao prazer: mulher, cerveja e festa.

Aqui, porém, vê-se que não ficaram claros os padrões de uso dos mesmos

e o que os motiva a essa prática, assim como os elementos que influenciam nessa representação. Assim, acredita-se que existem questões que podem aumentar a vulnerabilidade dos adolescentes.

Questões de gênero - relações desiguais de poder entre homens e mulheres; condições de vida; condições de saúde; acesso a informação; possibilidade de reflexão sobre diversas questões que perpassam sua vida, inclusive questões de sexualidade; relação que estabelece com a vivência do prazer e do desprazer em sua vida; falta de políticas públicas em saúde e educação aos adolescentes brasileiros; falta de serviços de saúde adequados para adolescente; falta de participação do adolescente no planejamento, execução e avaliação de ações, planos e políticas de saúde e educação (LUZ; SILVA, 1999, p. 95).

Ao se verificar os itens acima elencados, questiona-se se, verdadeiramente, nos dias atuais, apenas @s adolescentes se encontram em situação de vulnerabilidade, diante do quadro de desigualdades que faz parte da nossa sociedade, do acesso restrito aos bens e serviços essenciais, da discriminação das ditas minorias e dos diversos preconceitos com os quais se convive.

É notório que as questões que permeiam a vulnerabilidade pertencem a diversos campos sociais e estão estreitamente relacionados aos tipos de capital que coexistem na sociedade. Gomes; Mendonça (2002) comentam que à semelhança do uso coloquial ou da linguagem dos economistas, Pierre Bourdieu usa o termo capital para designar “um bem concreto, objetivo, um haver, uma riqueza, algo que pode ser aplicado, de que se lança mão quando oportuno ao se referir ao capital econômico”. Capital esse, que a maioria da população brasileira é desprovida e que, por conseguinte, dificulta o acesso aos bens e serviços essenciais.

Bourdieu, porém, estende essa noção a outros tipos de riqueza, criando conceitos como o de capital cultural, que designa relação privilegiada com a cultura erudita e a cultura escolar que notoriamente, na nossa sociedade está relacionada à classe dominante; de capital social, designando a rede de relações sociais que constitui uma das riquezas essenciais dos dominantes; e de capital simbólico, formado pelo conjunto de signos e símbolos que permitem situar os agentes no espaço social (LOYOLA, 2002).

Ainda, tratando dessa questão, entende-se que a experiência do gregarismo é importante e necessária, contudo, a vulnerabilidade se faz presente, quando o grupo no qual @ adolescente se insere adota comportamentos perigosos. Porque o grupo pode funcionar como retaguarda para experienciar a crueldade, a

violência, a exposição ao risco, à medida que a culpa fica atribuída ao grupo em si e não ao indivíduo (RAPPAPORT, 1982).

Nos contextos urbanos, atualmente, tem crescido grupos também conhecidos como “tribos urbanas”. Oliveira; Camilo; Assunção (2005, p.62), em estudo realizado em Brasília, definiram essas tribos como grupos que se formam a partir da identificação comum, os estilos de vida, cultura e lazer, referidos como espaço oportuno para legitimação dos próprios sentimentos e visões de mundo, norteados pela identificação, compreensão e aceitação pelo grupo.

O estudo detectou que as tribos se organizam em torno do compartilhamento de gostos e formas de lazer, enquanto as galeras podem representar um subgrupo das tribos, compostas por adolescentes da mesma escola, quadra residencial ou camada social. Já as gangues têm relação com práticas ilícitas. Como elementos socializadores, foram relatados o esporte, a música e os estilos de vida. Porém, foi percebido que há estreiteza de horizontes de possibilidades nesses grupos, que podem convertê-los em contextos privilegiados para o ócio ou mesmo para as práticas transgressivas, nas quais se destaca o consumo de álcool e drogas (OLIVEIRA; CAMILO; ASSUNÇÃO, 2005).

A transgressão algumas vezes é colocada como peculiar d@ adolescente. Parece que transgressão e rebeldia, de um modo geral, caminham lado a lado. Contudo, acredita-se que a instabilidade, resultante da ambivalência característica dessa fase, pode ser explicação plausível para esses comportamentos.

Além da sua ambivalência, o excesso e a rapidez com que se dão as mudanças na atualidade acabam levando à relativização das verdades tão intensa, que se torna difícil estabelecer valores de forma acertada.

Se, para os adultos, processar tantas informações num ritmo tão acelerado, é algo difícil, supõe-se que, para os adolescentes, essa constante incorporação do novo seja algo mais desafiador ainda.

Por outro lado, tratando-se d@s adolescentes, na nova leitura do mundo que os rodeia, que ocorre nessa fase em que questionam os modelos sociais, el@s percebem os defeitos das pessoas que os cercam (principalmente os pais), se rebelam, se retraem ou se refugiam de alguma maneira; podendo, inclusive buscar nas substâncias psicoativas alento para suas angústias. Começam a burlar as normas e se expõem aos riscos.

No domínio dos riscos e perigos, a nossa sociedade, apesar de obcecada com a segurança, faz com que os riscos proliferem nas mais diferentes formas. Alguns mais calculados, planejados e procurados, como os esportes radicais; outros mais impostos ou dependentes de vulnerabilidades socioculturais e individuais, como podem ser vistos no uso de drogas ou gravidez não planejada (PAULILO; JEOLÁS, s.d., p. 3).

Essas autoras comentam ainda que o contato com o perigo pode ser compreendido como forma de questionar o valor da própria vida. É como se, nesse limiar entre a vida e a morte, fossem descobrir qual o verdadeiro sentido da vida.

Nesse turbilhão composto de transformações internas e externas que se impõem novos desafios, os adolescentes sofrem influências relacionadas à banalização das substâncias psicoativas pela forma através da qual a mídia, bandas de música e pela relação que os adultos estabelecem com essas substâncias, o que acaba tornando esses seres em formação ainda mais vulneráveis.

Em se tratando dessa questão, ressalta-se que o campo cultural, funciona como um mercado, com sua oferta e sua procura. Bonnewitz (2003) comenta que os seus produtores (cinema, pintura, televisão, publicidade, maneiras de sentir, produção e difusão do romance e da poesia, entre outros), têm por tarefa produzir “códigos simbólicos” organizados em sistemas culturais diferenciados.

Enquanto profissional de saúde, acredita-se ser a prevenção o caminho para se contribuir na formação de indivíduos capazes de discernir sobre as melhores atitudes a serem adotadas, com vistas à aquisição de estilos de vida que lhes propicie crescimento e desenvolvimento satisfatórios.

Entende-se, contudo, que assegurar as condições para que a prevenção efetivamente aconteça envolve os diversos campos da sociedade, principalmente a garantia por parte do poder público dos pré-requisitos indispensáveis para que a saúde seja efetivamente sinônimo de qualidade de vida.

2.2 O álcool enquanto substância psicoativa (SPA) e agente socializador

Conceituam-se substâncias psicoativas ou psicotrópicas como aquelas que atuam no sistema nervoso central (SNC), podendo causar dependência química. Essas podem ser classificadas segundo o efeito que causam no organismo.

Sedativos: álcoois (principalmente o etanol), os narcóticos (opióides), e os inalantes (solventes e outros agentes voláteis), os barbitúricos e os benzodiazepínicos (agentes ansiolíticos), hipnóticos, inalantes e opiáceos. Estimulantes: cocaína, anfetaminas e anorexígenos, *ecstasy* e derivados, cafeína, cocaína, etilaminofenil, tabaco, teofilina e as drogas que alteram o humor, a percepção e a imagem: maconha, cogumelos, LSD e esteróides (ESTEFERNON; MOURA, 2002, p.383).

De todas elas, o álcool é o mais utilizado com fins recreativos (Pinsky; Jundi, 2008). Quanto a essa classificação, é importante ressaltar que algumas substâncias aqui incluídas são consideradas como lícitas e até medicinais, enquanto que outras são vistas como ilícitas (Longenecker, 2002), o que testifica a complexidade para lidar com esse assunto.

Além dessa, foi adotada outra classificação para as SPAs no Brasil, que considera como lícitas - álcool, tabaco, café, chás e alguns medicamentos como ansiolíticos e barbitúricos. Como ilícitas - maconha, cocaína, ácido lisérgico e plantas alucinógenas (EINSESTEIN; SOUZA, 1993).

No que diz respeito às sensações provocadas pelo uso das SPAs, é importante que se assumam um discurso pautado em informações verídicas.

Vive-se num mundo globalizado onde as informações são disseminadas em frações de segundo através da *internet*, satélites e outros meios de comunicação, além de ocorrer troca de experiências entre os pares.

Faz-se parte de uma geração que convive com desigualdades sociais gritantes, incertezas quanto ao futuro, perplexidade diante das catástrofes naturais, corrupção, ocorrência de crimes hediondos que, em alguns casos, leva muitas pessoas a viver numa condição de “vale tudo” para garantir a sobrevivência.

Nesse contexto, há busca de encurtamento dos caminhos que levam à realização, prazer e, conseqüentemente, à busca da felicidade.

Acredita-se que, em função dessas circunstâncias, o consumo das SPAs passou a obter um significado que difere de outros momentos históricos.

Diante das reflexões acima, entende-se que negar que essas substâncias proporcionam prazer momentâneo, seria o mesmo que negar o óbvio, pois, os indivíduos são atraídos por elas justamente pela expectativa do encontro com “o prazer, o barato, a viagem”, relatados inclusive pelas pessoas que já experimentaram.

As ações e reações de tais substâncias, contudo, variam de pessoa para pessoa e o que pode ter sido “tudo de bom” para uns pode ser catastrófico para

outros.

Nesse sentido, estabeleceu-se diferenças entre uso e abuso, já que anteriormente, evidenciou-se que algumas dessas substâncias têm a sua importância social quando utilizadas com a finalidade a que se destina.

É definido como uso a utilização normal e controlada de tais substâncias como, por exemplo, em caso de medicações com fins terapêuticos. Já o abuso, em caso das substâncias tidas como lícitas, ocorre quando a sua utilização é feita fora de indicações terapêuticas. Enquanto para as SPAs ilícitas todo uso corresponde ao abuso (MARINHO, 2005, p.344).

Salienta-se que há controvérsias em relação ao uso/abuso das substâncias ilícitas porque as SPAs lícitas podem ser tão ou mais prejudiciais do que algumas ilícitas, havendo, portanto, um jogo de interesses permeando tais assertivas onde se encontram imbricadas questões simbólicas, econômicas, políticas e culturais.

O fato de o indivíduo ter tido acesso a qualquer uma dessas substâncias, entretanto, não nos permite afirmação de que esse tenha se tornado um dependente da mesma. Por essa razão, considera-se importante definir alguns conceitos.

Experimentador: pessoa que experimenta a droga, levada geralmente por curiosidade. Aquele que prova a droga uma ou algumas vezes e em seguida perde o interesse em repetir a experiência. Usuário ocasional: utiliza uma ou várias drogas quando disponíveis ou em ambiente favorável, sem rupturas (distúrbios) afetiva, social ou profissional. Usuário habitual: faz uso frequente, porém, sem que haja ruptura afetiva social ou profissional, em perda de controle. Usuário dependente: usa drogas de forma freqüente e exagerada, com ruptura dos vínculos afetivos e sociais. Não consegue parar quando quer (SILVEIRA; SILVEIRA, 2000, p.34).

Todas essas colocações levam à constatação que, no mundo dos adultos, ainda não se consegue obter consenso acerca da repercussão do consumo das substâncias psicoativas, apesar de muitas pesquisas constatarem o ônus proporcionado pelo uso e/ou abuso das mesmas. É notório, também, que há contradições relacionadas às políticas que regulam a sua produção e o seu consumo. O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) Seção II, no artigo 81º, assim determina:

É proibida a venda à criança ou ao adolescente de: I - armas, munições e explosivos, II - bebidas alcoólicas, III - produtos cujos componentes possam causar dependência física ou psíquica ainda que por utilização indevida [...] (BRASIL, 1990b).

Apesar de o ECA ter completado dezoito anos de existência, é necessário refletir acerca da sua aplicabilidade, inclusive no que diz respeito ao acesso dos adolescentes às SPAs, visto que o seu descumprimento ainda é realidade na nossa sociedade.

Criam-se as leis, mas não se consegue avançar no sentido de assegurar o seu cumprimento. Desse modo, só se pode esperar que entre os adolescentes também haja dificuldade de compreensão sobre as SPAs, quanto aos possíveis danos à sua vida e saúde, como consequência, e às razões que determinam a sua permissão e/ou proibição.

Existem fatores que são postos como fator de risco para o consumo de substâncias psicoativas. Parece ser consenso, entre alguns autores, a exemplo de Toscano Junior (2000), Macedo (2005), que dentre eles se inclui:

No âmbito da cultura e sociedade: leis e normas sociais favoráveis, disponibilidade das drogas, privações econômicas extremas. No âmbito individual: baixa autoestima, falta de autocontrole e assertividades, comportamento antisocial precoce, doenças pré-existentes (transtorno de déficit de atenção e hiperatividade), baixa religiosidade e vulnerabilidade psicossocial. No domínio familiar: uso do álcool ou outras drogas pelos pais e familiares, isolamento social entre os membros da família, padrão familiar disfuncional, falta do elemento paterno. Com relação aos pares: pares que usam drogas ou, ainda, que aprovem ou valorizem o seu uso; rejeição de regras, práticas ou atividades organizadas, é considerada como um sinalizador para indivíduos com potencial negativo de influência. Salientam ainda história de abuso sexual e vizinhança deteriorada socialmente (FEIJÓ; OLIVEIRA, 2001, p.130).

Informação relevante é que, apesar de todo esse contexto muitas vezes desolador, é possível se tentar proporcionar a esses indivíduos em desenvolvimento fatores considerados como protetores, entre os quais se destacam: forte ligação com os pais, compromisso escolar, envolvimento regular em atividades religiosas, crenças em normas e valores da sociedade (MACEDO, 2005).

Durante a construção desse referencial, testificou-se que o álcool é tido como agente socializador.

Diante das evidências de que essa substância tem sido utilizada desde a Antiguidade e que até os dias atuais tem presença tão marcante, sentiu-se a necessidade de trazer luz a aspectos que ainda permaneciam na obscuridade, pois, para se entender o que essa substância significa para os adolescentes, precisa-se buscar o seu sentido dentro da sociedade na qual fazem parte.

MacRae (2000) comenta que as primeiras referências ao álcool que se tem conhecimento, no ano 2.200 a.C., foram através da descrição nas tábuas de escrituras cuneiformes na Mesopotâmia. Já Masur (2004) refere que a verdade é que jamais se saberá exatamente como ocorreu a descoberta do álcool, é certo que ele, bem como os problemas do seu uso inadequado, é antigo conhecido do homem.

A maioria dos autores com os quais a autora teve contato concorda ser essa uma prática milenar; havendo, inclusive, algumas lendas que tentam explicar como se deu a sua descoberta.

Segundo Escotado (1994), no século XVIII a.C. já existia amparo legal para o consumo do álcool e o Código de Hamurabi, legislação vigente, previa a punição de execução (por imersão) ao proprietário de taberna que comercializasse bebida de má qualidade.

O álcool, substância orgânica líquida e extraída da cana-de-açúcar e outros vegetais, talvez seja a droga mais antiga utilizada pela humanidade.

Longenecker (2002) comenta que a fabricação de cerveja, bebida muito difundida no Brasil, produzida através da cevada, bem como a de vinho, estabeleceram-se firmemente entre os anos 3500 e 4000 a.C.

O mesmo autor relata que as bebidas de teor alcoólico passaram a ser amplamente produzidas por volta de 6000 a 8000 a.C., o que reafirma a constatação de que o consumo de tais substâncias vem sendo transmitida de geração a geração.

Em se tratando da civilização grega, segundo o mesmo autor, Hipócrates e seus seguidores se referiam às drogas como substâncias que podem ser usadas com fins terapêuticos ou, até mesmo, como substâncias letais. Diziam eles, que “o essencial em cada uma é a proporção entre dose ativa e dose letal, pois só a quantidade distingue o remédio do veneno” (ESCOHOTADO, 1990, p.10).

Platão advertia quanto ao uso de bebida alcoólica antes dos dezoito anos, ao alegar que não se pode colocar fogo no fogo (NEWCOMBE, 1999 apud AMARAL; SALDANHA, 2006).

No que tange ao vinho, símbolo do deus Dionísio, essa foi uma substância considerada por Nietzsche como algo estranho, terrível, capaz de levar à ruína a casa que lhe oferecia abrigo, o que evidencia o caráter destrutivo de tal substância, quando consumida de forma abusiva.

Em Roma, os critérios de avaliação das chamadas drogas assemelhavam-

se aos padrões gregos. Contudo, em relação ao vinho, excetuando-se as mulheres e os menores de trinta anos, todos poderiam consumi-lo e tais práticas eram relacionadas à devoção ao deus Baco. Essas citações revelam a existência de alguns critérios proibicionistas em relação a essa prática na infância e adolescência; entretanto, o seu cumprimento é algo que não se pode assegurar; principalmente se se pautar no que ocorre na atualidade, tendo em vista a transmissão dos hábitos e costumes através das gerações.

No final do paganismo havia pessoas que, a exemplo dos indivíduos pertencentes à ortodoxia brahmânica, entendiam a ingestão de bebidas alcoólicas como algo embrutecedor, que inclina a atos néscios e orgias. Já Hipócrates aconselhava “ceder à embriaguez uma a duas vezes, de quando em quando, considerando que o relaxamento é coisa saudável, terapêutica em si mesma” (ESCOHOTADO, 1994, p.25).

A Bíblia Sagrada, um dos livros mais divulgados no mundo, faz diversas referências ao vinho, que ora surge como associado a condutas antisociais, como no caso de Noé, que se embriagou e se pôs nu dentro de sua tenda, tendo por testemunha o seu filho Cam (Gênesis 9: 21-22), ora como o símbolo do sangue de Jesus na Santa Ceia, no Novo Testamento (Lc 22:20) estando, nos dias atuais, ainda relacionado a essa simbologia dentro do Cristianismo. Entretanto, os excessos provocados por ingestão de substância alcoólica apresentam-se, sempre, associados a comportamentos antisociais que comprometem a ordem e as relações interpessoais (ALMEIDA, 2003).

Em 1900, nos Estados Unidos, já havia um movimento proibicionista, visando, principalmente, inibir o uso indiscriminado do tabaco e do álcool, substâncias mais consumidas na época. Assim, a venda de bebida alcoólica só era permitida aos boticários e com fins terapêuticos.

Mais uma vez se atribuía ao álcool um componente benéfico, quando usado com fins terapêuticos ou um componente diabólico, quando consumido com outras intenções.

A associação de algumas bebidas alcoólicas às minorias raciais é ocorrência muito comum, sendo que a atribuição pejorativa se estende, também, aos indivíduos pertencentes aos segmentos sociais de menor poder aquisitivo, o que ainda é notado nos dias atuais, a depender do que se deseja enfatizar com tais atitudes, pois, pelo tipo de bebida consumida se evidencia as características de

quem a consome. No Brasil, a pinga está mais associada à plebe, enquanto o uísque, vinhos e bebidas mais refinadas só são acessíveis aos que têm melhor poder aquisitivo. Assim, nota-se que a bebida alcoólica acaba sendo vista como um bem simbólico.

Na atual conjuntura, o consumo de bebida alcoólica está amplamente difundido na maioria dos países das Américas e, embora o seu uso seja tão comum, não deixa dúvida para a maioria das pessoas que oferece riscos dos mais variados à saúde dos seus consumidores, independente da faixa etária.

Essa visualização do álcool em diferentes momentos da história leva ao entendimento que a sua função é multifacetada. Surge como elemento socializador, que se assemelha a citação de Xiberras.

Os usuários buscam estar sob controle, participando plenamente do seu meio, próximo ou distante. Os produtos levam à euforia extrovertida e o princípio da prática se constrói sobre um desejo de comunicação ampliada; o consumo acontece de forma comunitária. De fato, essa prática adquire o valor de uma iniciação ou de uma integração ao grupo, e constitui um aprendizado real de uso da droga como domínio de si e como um novo processo de socialização no interior de um grupo de afinidade (XIBERAS, 1989, apud MACRAE, 1996, p.5).

Em se tratando do desejo de comunicação ampliada através do consumo de substâncias psicoativas, nota-se que, em alguns momentos, abrange o contato com o sobrenatural, a exemplo das celebrações aos deuses, ao lazer, nas orgias e comemorações e até mesmo em velórios, onde algumas sociedades adotam o seu uso como algo que atenua as tensões e ajuda a suportar o sofrimento.

Praticamente em todos os momentos em que se relata sobre o consumo do álcool, comenta-se dessa ação sendo realizada em grupo. No que se refere ao consumo do álcool na adolescência, as referências encontradas, aqui, também confirmam as evidências acima referidas.

2.3 Usando a lente das representações sociais para compreensão da representação do consumo de bebidas alcoólicas pelos adolescentes.

Durante a elaboração de uma tese, alguns momentos são cruciais na

tentativa de se trilhar por uma trajetória exitosa. Depois da definição do objeto de estudo, muitas foram as reflexões até se chegar à visualização das representações sociais como sendo uma possibilidade.

Foi necessário rever convicções e preconceitos criados durante o caminho rumo à prática da pesquisa. Por várias vezes, tentou-se compreender a aplicabilidade das representações através da leitura de artigos, dissertações e teses em que, supostamente, se havia trabalhado com elas, entretanto, parecia que algo ainda se mantinha na obscuridade.

Na verdade, a autora começou a perceber o porquê dessa dificuldade de compreensão das representações sociais, quando teve a oportunidade de cursar a disciplina representações sociais do processo saúde-doença-cuidar: perspectiva sociocultural, oferecida no curso de doutorado.

Nota-se que essa sensação muitas vezes era proveniente do despreparo para compreender o caminho percorrido pelos autores e, outras vezes, era em função dos equívocos contidos na descrição do caminho metodológico por parte dos mesmos.

A aproximação do referencial teórico e, principalmente, as discussões ocorridas na disciplina, propiciaram o descortinar de outra perspectiva de se trabalhar com as representações, que extrapola a mera descrição das falas dos sujeitos pesquisados, ou seja, “verdadeiramente ultrapassar a instância do censo comum e torná-la produção científica” (GOMES; MENDONÇA, 2002, p.109).

Inicialmente constou-se que o conceito de representações sociais não é novo. Apesar da aproximação às representações sociais na área de saúde ter ocorrido nas últimas décadas. Minayo (2006) refere que Durkheim foi quem primeiro tratou do conceito das mesmas, usando a expressão representações coletivas para se referir a categorias do pensamento por meio das quais uma determinada sociedade elabora e expressa sua realidade. Para esse autor, as representações se classificam em individuais e coletivas, sendo que o seu desejo era

Enfatizar a especificidade e a primazia do pensamento social em relação ao individual [...]. Assim como a representação individual deve ser considerada como um fenômeno psíquico autônomo não redutível à atividade cerebral que a fundamenta, a representação coletiva não se traduz na soma das representações dos indivíduos que compõem a sociedade. Ela também se impõe a eles (HERZLICH, 1991, p.23)

Ou seja, sob essa perspectiva os indivíduos encontram as representações

formadas. Tura (2004) refere ainda que, para Durkheim, as representações coletivas se dão a partir das interações dos homens entre si e com a natureza. Constitui-se em noções a partir das quais a coletividade elabora suas idéias e a percepção do mundo que a rodeia.

Moscovici, posteriormente, propôs a teoria das representações sociais que, segundo o próprio autor, “procura renovar e confirmar a especificidade da psicologia social”. Para maior compreensão acerca da teoria, ele destaca quatro pontos: o papel que a teoria das representações sociais confere à racionalidade da crença coletiva e sua significação, portanto, às ideologias, aos saberes populares e ao senso comum; rejeição do dualismo mundo individual *versus* mundo social; a complexidade e elasticidade das representações sociais; a rejeição a dicotomias que se tornaram lentes deformadoras que impedem de ver os fenômenos reais em toda a sua amplitude e significado (MOSCOVICI, 2007, p.7-14).

Para Farr (2007) existe clara continuidade entre os estudos das representações coletivas de Durkheim com o estudo mais moderno de Moscovici sobre representações sociais.

Herzlich (1991), contudo, relata que Moscovici tendia a ignorar a dimensão social das representações no sentido pleno, ou seja, se apoiava mais no sujeito ativo do que na própria estrutura social.

Essas assertivas levaram ao entendimento de que as representações se elaboram nos espaços de convívio social. Porém, nota-se que as concepções acerca das representações são complexas e variam a depender da perspectiva de quem busca compreendê-las. Desse modo, “o conceito de representação social é multifacetado, versátil e dá origem a várias interpretações e usos que nem sempre são compatíveis uns com os outros” (WAGNER, 2007, p.149).

Entende-se que a tentativa de construir um referencial teórico acerca das representações sociais servirá como bússola na compreensão do objeto deste estudo, visto que, no tocante aos dados epidemiológicos acerca do consumo do álcool pelos adolescentes, existe vasto referencial atualizado, enquanto que, no que se refere à representação dessa prática para eles, notamos a existência de poucos estudos.

Obviamente que não se tem a pretensão de esgotar esse conteúdo através desta pesquisa, mas, sim, de oferecer contribuição com vistas a subsidiar estratégias de prevenção que venham a ser mais eficazes.

Partindo desse entendimento, procurou-se aproximar das representações sociais através de abordagem sociocultural. Por esse motivo, buscou-se os autores que as têm aplicado, principalmente no âmbito da saúde coletiva.

Sendo assim, optou-se por tomar como ponto de partida a conceituação de representações sociais adotada por Minayo (2006): são categorias de pensamento que expressam a realidade, explicam-na, justificando-a ou questionando-a.

Testificou-se que tais categorias de pensamento têm a sua gênese em Durkheim, que foi o seu precursor, a partir da concepção de representações coletivas. Contudo, Minayo (2007), Gomes; Mendonça (2002) e Herzlich (1991), entre outros, verificaram que outros estudiosos contribuíram para a compreensão das representações sociais na atualidade, em que a estrutura social se afigura de modo mais complexo.

Acredita-se que estudar essa prática na perspectiva que ora se propõe, consiste em desvendar cadeias simbólicas socialmente construídas acerca da mesma. Cadeias essas, que segundo Sperber (2001), colocam em jogo uma relação entre, no mínimo, três termos: a própria representação, seu conteúdo e um usuário. Entretanto, por mais diferentes que sejam os indivíduos, eles compartilham aspectos da matriz formativa da sociedade. Por esse motivo, a construção das representações sociais ultrapassa cada indivíduo (CARDOSO; GOMES, 2000).

Dentre os autores que buscam a compreensão das representações sociais nessa perspectiva, destaca-se Pierre Bourdieu e sua concepção acerca da noção de *habitus* que é construída no processo de socialização.

O *habitus* constitui um sistema de esquemas de percepção, de apreciação e de ação, quer dizer, um conjunto de conhecimentos práticos adquiridos ao longo do tempo que nos permitem perceber e agir e evoluir com naturalidade num universo social dado (LOYOLA, 2002, p.68).

Sobre essa noção de *habitus*, Minayo (2007) sinaliza para a possibilidade de aspectos de o seu pensamento fornecer subsídios para o estudo das representações sociais. Tratando dessa possibilidade, Junqueira (2005, p.12) comenta que a posição de Bourdieu é clara: “as representações se materializam nas práticas sociais e nas instituições, mas elas não possuem autonomia em relação a elas mesmas”.

Buscando compreender melhor o pensamento de Bourdieu em relação ao *habitus* verificou-se que ele se refere a dois tipos: o *habitus* primário, que consiste

nas ações pedagógicas que se sofre durante a infância e, que está mais relacionada à socialização primária recebida do grupo familiar e o *habitus* secundário que se constitui nas novas disposições que são adquiridas posteriormente, para as quais Bonnewitz (2003) enfatiza a relevância do *habitus* escolar que vem, em regra geral, continuar e redobrar o *habitus* familiar.

Nota-se que essa concepção do *habitus* se materializando-se nas práticas sociais, se assemelha ao pensamento de Borges (2001, p.359) sobre o processo de socialização dos indivíduos: “constroem e internalizam a realidade que os cerca na família, mas também em outros grupos através da educação, ocupações, rituais, e do processo geral de internalização das normas em que vivem”.

Parece que essas disposições provocam o repensar dos sistemas simbólicos sem, contudo, dissociá-los da divisão social de classe, pois, o *habitus* ocorre em determinado campo e a sociedade é um conjunto de campos sociais mais ou menos autônomos, atravessados por lutas entre classes e se estabelece através das relações, “permanentemente afrontando as experiências novas e permanentemente afetado por elas” (LOYOLA, 2002).

Já que a reprodução social se dá nos diversos campos e não se limita aos fatos tradicionais econômicos, mas, sobretudo, explora as consequências da reprodução cultural, Junqueira reconhece que

O *habitus* é um conceito fundamental para entender a ideia de representações sociais em Bourdieu porque é o conceito que articula os dois elementos da oposição dentro da qual a ideia de representações aparece no pensamento filosófico e sociológico: as ideias e as práticas sociais (JUNQUEIRA 2005, p14).

Diante disso, é notório que o *habitus*, as representações e a cultura estão entrelaçadas. Sperber (2001, p.92), ao se referir às representações distribuídas amplamente num grupo social que nele habitam de modo duradouro, atribui às mesmas o termo representações culturais: “são um subconjunto de representações mentais e públicas que habitam num grupo social”.

Para esse autor, a representação mental é a que existe no interior do usuário, a exemplo de uma lembrança ou uma hipótese; enquanto a representação pública se constitui numa representação mental que foi comunicada.

Mais uma vez, evidencia-se que o simbólico e o subjetivo estão bastante atrelados às representações.

Dentro da teoria do poder simbólico, elaborada por Bourdieu (2007, p. 9-11), ele o sintetiza como “um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem gnosiológica: o sentido imediato do mundo (em particular, o mundo social)”. Dentro dessa abordagem os rituais, a arte, a religião e a língua são tidas como estruturas estruturantes dos sistemas simbólicos e as produções simbólicas, a exemplo da cultura, são por ele colocadas como instrumento de dominação.

Pensando nas representações sociais como algo que se cria e recria a partir do cotidiano, percebe-se o quanto estas se relacionam com a noção de *habitus* elaborada por Pierre Bourdieu. Herzlich(1991) comenta que se poderia afirmar que, exceto talvez pelo peso conferido ao passado, a noção de *habitus* não se afasta totalmente da noção de representações sociais.

Para Junqueira (2005), Bourdieu realiza uma síntese entre essas dimensões do poder simbólico que correspondem ao pensamento sobre as representações sociais, às dimensões opostas de ideia/conhecimento e realidade.

A primeira é a dimensão do sujeito que pensa, conhece, deseja e tem vontade que se refletem na estrutura social conservando-a ou modificando-a. A segunda é a estrutura social [...] que já estaria construída antes mesmo da sua existência; é a lógica pré-estabelecida do mundo. (JUNQUEIRA, 2005, p.16).

Mais uma vez se percebe que mesmo utilizando terminologias outras, o pensamento de Pierre Bourdieu está impregnado das representações sociais, principalmente quando pensadas a partir da abordagem sociocultural.

Partindo desse entendimento, acredita-se que, no que diz respeito ao objeto deste estudo, a aproximação ao pensamento de Bourdieu, será de extrema valia, visto que o consumo de bebidas alcoólicas perpassa as práticas religiosas, os rituais em busca de contato com o sobrenatural, festas populares e também questões relacionadas a marcas identitárias.

2.4 Pressupostos

Apesar de o álcool ser substância de uso milenar, deduz-se que tem ocorrido mudança em relação ao que ele representa para as pessoas, em especial aos adolescentes. Pois, se é fato que o consumo do álcool se constitui num problema de saúde pública, vê-se que é possível que, entre os adolescentes, essa prática tenha adquirido outro significado que, provavelmente, diverge dos demais grupos sociais. Sendo assim, tem-se como pressupostos neste estudo:

- essa prática pode estar sendo incorporada pel@s adolescentes como um ritual de passagem para o mundo adulto;
- está relacionada ao desejo de @s adolescentes serem aceit@s no grupo;
- tem a ver com a necessidade de transgredir as regras socialmente impostas em decorrência da sua ilicitude, quando consumida por indivíduos menores de dezoito anos;
- a motivação para ou uso e/ou abuso da bebida alcoólica se alicerça em disposições adquiridas durante o processo de socialização.

3 CAMINHO METODOLÓGICO

*Primeiro o homem toma um drink,
Depois o drink toma outro drink,
Finalmente, o drink toma o homem.
Sabedoria japonesa.*

3.1 Tipo de estudo

O consumo de bebidas alcoólicas na adolescência tem despertado o interesse da comunidade científica na atualidade; contudo, apesar de os documentos de organizações nacionais e internacionais demonstrarem a magnitude do problema, tem-se observado que poucos pesquisadores direcionaram os seus trabalhos para a dimensão qualitativa dessa ocorrência, principalmente tendo como sujeitos @s próprios adolescentes.

Sendo assim, optou-se por realizar um estudo qualitativo, pelo fato do objeto estar relacionado à compreensão do que representa uma prática social, que é o consumo do álcool, visto que a abordagem qualitativa busca compreender os valores, crenças, motivações e sentimentos humanos. Compreensão essa que só pode ocorrer se a ação é colocada dentro de um contexto de significado (GOLDENBERG, 2002).

Para atingir os objetivos propostos, a esta investigação se pautou nas representações sociais, sob a perspectiva sociocultural, partindo do entendimento de que o desenvolvimento do consumo de bebidas alcoólicas ocorre através de cadeias simbólicas socialmente construídas em torno dessa prática, a partir da interação dos homens entre si e com a natureza.

Sendo assim, as cadeias simbólicas têm a sua construção no convívio em sociedade e refletem o passado e o presente, contudo, não são estáticas. “Exprimem estados de coletividade, se elaboram de diversas formas, dependendo de como uma determinada sociedade organiza suas instituições religiosas, políticas, econômicas e morais” (TURA, 2004, p.47).

Diante das evidências de que se vive numa sociedade globalizada, onde a socialização dos saberes se dá muito rapidamente, dos valores éticos e morais estarem sendo questionados nos âmbitos macro e microestruturais, da exacerbação das desigualdades sociais, em que a instituição família, tida como primeira instância socializadora, tem adotado perfil diferenciado dos outros momentos históricos, deduz-se que o consumo de bebidas alcoólicas, também influencia e é influenciado por todo esse contexto.

Desse modo, na construção deste trabalho partiu-se do entendimento de que não se deve analisar os fatos sociais na qualidade de objetos fixos, mas

buscando entendê-los a partir de sua história. Por esse motivo, tentou-se resgatar o surgimento do consumo do álcool na sociedade, sua compreensão enquanto problema de saúde e, particularmente, buscando compreender a representação dos adolescentes, acerca do consumo do álcool, a partir da influência das instâncias socializadoras nas quais convivem e dos campos nos quais estão inseridos, onde essa prática supostamente é algo cristalizado.

Concordou-se com Montagner (2006) que seja possível entender as representações sociais como sendo na verdade, manifestações de um *habitus* e dessa forma, podem ser estudadas, sobretudo em suas características de conceito mediador entre o que pensa o indivíduo e o papel social que ele representa.

3.2 O campo do estudo

Este estudo foi desenvolvido na cidade de Feira de Santana, BA. Ela surgiu no século XVIII em uma rota de boiadeiros. Na rota encontrava-se uma fazenda chamada Santana dos Olhos D'água que deu origem ao povoado, transformado em vila em 1833 e, posteriormente, tornou-se uma cidade. Situada no interior do Estado da Bahia, conhecida como "Princesa do Sertão" por ser tida como a porta de entrada para o semiárido nordestino, constituindo o maior entroncamento rodoviário da região, distando 108 km da capital do Estado, Salvador. É um centro regional nas áreas econômicas, de transporte e também de saúde (NASCIMENTO, 2005).

Constitui-se na segunda maior cidade do Estado da Bahia. Limita-se ao norte com os municípios de Candéal, Tanquinho e Santa Bárbara, ao sul com São Gonçalo dos Campos, ao leste com Santanópolis, Coração de Maria, Conceição do Jacuípe e Santo Amaro, e a oeste com Antônio Cardoso, Ipecaetá, Anguera e Serra Preta (Anuário Estatístico de Feira de Santana, 1998).

A população residente é de 536.013 habitantes, sendo 120.494 correspondentes à faixa etária de 10 a 19 anos. Desses, 59.447 são do sexo masculino e 61.047 do sexo feminino (BRASIL, 2006a).

Dentre os espaços de inserção dos adolescentes em Feira de Santana, elegeu-se o Programa Saúde da Família (PSF) como campo para o

desenvolvimento desta pesquisa.

Em concordância com Geertz (1989, p.21) ao afirmar que

Olhar as dimensões simbólicas da ação social - arte, religião, ideologia, ciência, lei, moralidade, senso comum - não é afastar-se dos dilemas existenciais da vida em favor de algum domínio empírico de formas não-emocionalizadas; é mergulhar no meio delas.

Mergulho esse, que se tornou possível a partir da inserção da autora no campo de pesquisa. Ressalta-se que se partiu do entendimento do campo como sendo o recorte espacial que diz respeito à abrangência, em termos empíricos do recorte teórico, correspondente ao objeto da investigação (MINAYO, 2006).

Acredita-se que na sua escolha deve-se levar em consideração o objeto de estudo, objetivos e a lente que se pretende utilizar para a focalização.

O PSF consiste numa estratégia do Ministério da Saúde, para reorientar o modelo assistencial do Sistema Único de Saúde, a partir da atenção básica.

Nasceu em 1994, quando foi sugerida a descentralização e a municipalização dos serviços de saúde que era desafio à efetivação do SUS. Tenta valorizar os seguintes princípios:

Territorialização; vinculação com a população; garantia de integralidade da atenção; trabalho em equipe com o enfoque interdisciplinar; ênfase na promoção da saúde, com fortalecimento de ações intersetoriais; estímulo à participação da comunidade (PEREIRA et al., 2005, p. 255).

A perspectiva é de que, com o PSF, se preste assistência diferenciada, em que a realidade sociodemográfica e epidemiológica das famílias norteiem a programação e planejamento da mesma e que a assistência aos indivíduos parta da visualização dos mesmos enquanto componentes de um dado contexto, enquanto membros de uma família.

Nesse sentido, percebe-se que esse espaço se torna privilegiado para o desenvolvimento de estudos que requeiram aproximação não apenas com os sujeitos a serem pesquisados, mas também com as instâncias socializadoras nas quais estão inseridos, permitindo um olhar ampliado, inclusive em relação aos fatores protetores e de risco existentes no contexto do qual fazem parte.

Apesar do comparecimento de adolescentes aos serviços de saúde, principalmente para atendimento em nível de atenção primária, compreendida como

ações que visam a promoção da saúde, a exemplo de reuniões, palestras e oficinas, ser algo questionável por alguns, percebe-se que essa perspectiva vem se modificando nos últimos anos.

Em Feira de Santana, no ano 2005, ocorreu uma pactuação entre o Ministério da Saúde e a Secretaria Municipal de Saúde, através da qual foi implantado o Programa de Saúde do Adolescente (PROSAD) nas Unidades de Saúde da Família.

Durante a capacitação das equipes para operacionalizar essa implantação, atividade da qual a autora foi convidada a participar, foi proposto um levantamento estatístico do número de adolescentes atendidos nas unidades e das razões que os levaram a procurar o serviço. Esse exercício permitiu aos profissionais a visualização de que há uma demanda considerável de adolescentes nas suas unidades, contudo, quando esses chegam até lá, é por motivos que poderiam não existir, caso estivesse sendo feito um trabalho preventivo por parte das equipes, de forma sistemática, a partir do levantamento dos fatores de risco existentes na área de abrangência das USF e das especificidades dessa faixa etária, eventos que demonstravam maior ou menor vulnerabilidade e fatores protetores que poderiam ser mais bem usufruídos.

A partir de então, atividades com esse objetivo têm sido incorporadas à programação das unidades de saúde da família. Naturalmente que algumas experiências têm logrado maior êxito que outras, pois, essas atividades dependem de fatores relacionados à equipe, à comunidade e também da própria política municipal de Saúde, o que faz dessa uma experiência heterogênea.

Considerando essas ponderações, elegeu-se a Unidade de Saúde da Família do Feira VII II para desenvolver esta pesquisa. Está situada num bairro populoso da zona urbana de Feira de Santana, tem equipe composta por uma enfermeira, um médico, duas técnicas de enfermagem, seis agentes comunitários de saúde e uma auxiliar de serviços gerais. Vale ressaltar que essa equipe tem se mostrado motivada no desenvolvimento das atividades com adolescentes e conta com o respaldo da maioria das famílias para a sua efetivação.

A unidade possui 819 famílias cadastradas, compostas por 2.913 pessoas, onde 473 estão na faixa etária de 10 a 19 anos, sendo 224 do sexo masculino e 249 do sexo feminino (BRASIL, 2006b).

Obviamente que, dentre as famílias cadastradas, existem aquelas que, por

disporem de planos de saúde privada, e, conseqüentemente, acesso à rede conveniada aos mesmos, não frequentam assiduamente o PSF, exceto para utilizarem o serviço de imunização.

Dando início à inserção ao campo, no dia dezessete de janeiro de 2008, foi feito o primeiro contato com a enfermeira da unidade de saúde da família do Feira VII II. Agendou um encontro com a mesma e na oportunidade foi apresentado o projeto desta pesquisa.

Desde o primeiro contato encontrou-se receptividade por parte da equipe. Foi deixada uma cópia do projeto de posse da enfermeira para que se inteirasse do conteúdo e analisasse a viabilidade da sua aplicação naquela unidade.

A enfermeira, posteriormente fomos contactou a autora, a fim de que participasse da reunião com a equipe de saúde da família e reunião com a comunidade, na semana subsequente, onde foi apresentado em linhas gerais o projeto deste estudo e solicitada a colaboração dos mesmos para a sua realização.

A partir de então, em todas as oportunidades de contato com o campo, efetuava-se registros dos dados que se considerava relevantes para o estudo no diário de campo, a fim de não se perder de vista tudo o que pudesse contribuir para a apreensão do objeto.

Na reunião com a equipe de saúde da família, que teve como pauta a priorização dos problemas a serem trabalhados no ano 2008, a partir do preenchimento do formulário de avaliação da melhoria da qualidade da estratégia saúde da família – AMQ (Brasil, 2006c), pôde-se acompanhar o estabelecimento das metas em que o grupo priorizou a intensificação das ações voltadas para os adolescentes, visto que foram detectadas algumas dificuldades relacionadas à cobertura vacinal desse segmento, a adesão dos mesmos às atividades propostas pela unidade e também relacionadas ao aleitamento materno exclusivo, por parte das mães adolescentes, até o sexto mês de vida dos conceptos.

Ao final da reunião apresou-se aos agentes comunitários de saúde cópias dos termos de consentimento livre e esclarecido (Apêndice A) a serem entregues aos pais ou responsáveis pelos adolescentes das suas respectivas microáreas, ao mesmo tempo em que se propunha como parceira nas atividades a serem realizadas com os adolescentes, e pediu-se aos agentes comunitários permissão para acompanhá-los nas visitas às microáreas, a fim de se identificar a presença de fatores de risco e proteção para os adolescentes, a exemplo da disponibilidade do

álcool e outras substâncias psicoativas e, também, com vistas a verificar em que atividades @s adolescentes estão envolvidos durante o período em que não estão na escola.

Na oportunidade, foram entregues alguns TCLE aos familiares d@s adolescentes e, caso esses familiares quisessem, poderiam ler calmamente o termo e enviá-lo pelos ACS, que se disponibilizaram a cooperar conosco ou entregá-lo em mãos na USF.

Na semana seguinte, a autora foi apresentada aos membros da comunidade presentes na reunião com a equipe. Esses fizeram alguns questionamentos a respeito dos objetivos da pesquisa, de como ela iria acontecer e se posicionaram em relação aos problemas que, para eles, têm sido alvo de preocupação, no que diz respeito à criação dos seus filhos com segurança. Dentre eles, destacaram: a falta de espaço físico para lazer das crianças e adolescentes, a falta de estímulo dos mesmos na participação de atividades promovidas pela USF, a ocorrência de violência no bairro e a disponibilidade das drogas de um modo geral.

Foi bastante enfatizado o medo do envolvimento dos seus filhos com as drogas, principalmente pela frequência de meninos fumando “cigarros comuns e também de maconha” nas suas imediações. Segundo os presentes, a situação se agravou após a construção do parque municipal, recentemente inaugurado. Alegaram que até os adultos que faziam caminhadas matinais no local, estão abandonando tal prática devido aos riscos de assalto e também pela ocupação do espaço pelos usuários de drogas.

Durante a explanação do projeto, houve algumas colocações da comunidade que sinalizaram para a dicotomia entre o que se fala e o que se pratica em relação aos hábitos familiares. Houve também, relatos de pessoas que convivem com familiares dependentes químicos e que comentaram sobre a dificuldade de tocar nesse assunto com os filhos, a fim de que eles não reproduzam tais práticas.

Como sugestões para mudança do quadro foram por eles colocadas: oferecimento de atividades que sejam atraentes para os adolescentes, a exemplo de cursos de dança, música e oficinas profissionalizantes.

Salientou-se que houve o cuidado de deixar claro que se poderia colaborar com a equipe na tentativa de mudança do quadro, mas que não se poderia assegurar que os seus desejos seriam atendidos em sua totalidade, a fim de que não se criasse falsas expectativas com relação à presença da autora no campo.

Na oportunidade, foram apresentados e entregues os TCLE e enfocada a necessidade do seu preenchimento pelos pais ou responsáveis, a fim de que se pudesse utilizar os dados coletados, respeitando os critérios éticos necessários para a realização de pesquisa envolvendo seres humanos, estabelecidos pela legislação que regula tais regras (BRASIL, 1996).

3.3 Constituição dos sujeitos do estudo

Durante o ano 2008, aproximadamente sessenta adolescentes na faixa etária de dez a dezenove anos frequentaram as atividades programadas pela USF para esse grupo. Desses, vinte e um se constituíram sujeitos deste estudo por atenderem os critérios de inclusão por estabelecidos, sendo que nove eram do sexo masculino e doze do sexo feminino.

Os critérios de inclusão foram determinados da seguinte forma: aqueles que fizessem parte das famílias cadastradas na USF da Feira VII II, que desejassem participar espontaneamente da pesquisa, terem termo de consentimento livre e esclarecido assinados pelo responsável daqueles menores de dezoito anos, ou pelos próprios adolescentes que já tivessem completado a maioridade, sendo necessária a participação em uma atividade do grupo focal intitulado “a imagem do álcool”, além da participação da entrevista semi-estruturada. Desse modo, as informações referentes ao objeto de estudo, durante as atividades programadas que antecederam o grupo focal “a imagem do álcool”, foram consideradas como pertencentes às observações e aproximação aos sujeitos do estudo.

3.4 Coleta dos dados

Buscando apreender o fenômeno na sua dinâmica, neste estudo, para a realização da coleta dos dados, utilizou-se a observação simples, observação participante, grupos focais e a entrevista semiestruturada.

Trabalhou-se, portanto, com dados primários, a partir da aproximação e da coleta *in loco* nas áreas consideradas como espaços de vida dos adolescentes, com

registro em diário de campo, realização de grupos focais e entrevistas.

3.4.1 Observando o campo, os sujeitos deste estudo e suas interações

A técnica da observação se constitui em recurso bastante valoroso em trabalhos de campo, principalmente quando a intenção do pesquisador é compreender a representação de uma prática tão disseminada na sociedade, como o consumo da bebida alcoólica.

Diante disso, havia a intenção de observar o campo através da técnica da observação simples que, segundo Gil (1994, p.105), é aquela em que “o pesquisador, permanecendo alheio à comunidade, grupo ou situação que pretende estudar, observa de maneira espontânea os fatos que aí ocorrem”. Nesse procedimento, o pesquisador é mais um espectador do que um ator.

A fim de não se correr o risco de deixar passar despercebidas questões diretamente relacionadas à problemática estudada, elaborou-se um roteiro de observação (Apêndice B).

Ao se referir ao pesquisador como observador, Triviños (1987, p.141) comenta que uma das situações mais difíceis que se apresentam ao pesquisador é a de definir com clareza a sua função: “Ele é uma pessoa que quer conhecer a vida de outras pessoas [...] que tem seus próprios valores que podem ser muito diferentes dos valores do pesquisador”. Sendo assim, apesar de se discordar da possibilidade de o pesquisador atuar como elemento neutro no campo, percebeu-se que se faz necessária a adoção de postura mais imparcial possível frente a questões que envolve interesses, anseios e opiniões.

O mês de fevereiro de 2008 foi destinado às visitas à área de abrangência da unidade de saúde da família em horários variados e também na própria unidade de saúde, a fim de se observar a dinâmica das atividades ali desenvolvidas e de familiarizar com a equipe, clientela e as rotinas.

Esse olhar para onde a comunidade vive e transita, torna-se um indicador de encaminhamento para a resolução, pelo Estado, de problemas que são da sua responsabilidade. O profissional passa a ser vigilante da saúde ambiental (FIGUEIREDO, SANTOS et al., 2007 p.161).

Apesar de se saber que muitos dos problemas encontrados fogem à competência da pesquisadora, entende-se como necessário o reconhecimento da

realidade em que os sujeitos do estudo estão inseridos para melhor compreensão dos seus gestos, atitudes e até mesmo como esse contexto influi nas suas representações.

3.4.2 O grupo focal na pesquisa com adolescentes

A técnica do grupo focal foi aqui por nós adotada, levando em consideração o que versa a literatura acerca da mesma. Segundo Gatti (2005), essa técnica é derivada das diferentes formas de trabalho com grupos, amplamente desenvolvidas na psicologia social. Contudo, Weller (2006, p.243) refere que “essa técnica de entrevista de origem anglo-saxônica começou a ser utilizada nas pesquisas de *marketing* e de reação do público à propaganda no período do pós-guerra”. Desse modo, verificou-se que, inicialmente, os profissionais da área de comunicação foram os primeiros a utilizá-la.

Outras áreas, posteriormente, se apropriaram da sua utilização, a exemplo da sociologia, antropologia, entre outros. Simão (2006) comenta que somente na década de oitenta os grupos focais começaram a ser utilizados na coleta de dados em pesquisas na área de saúde. Esse período é visto por Gatti (2005) como momento de redescoberta dessa técnica, em que houve crescimento do seu uso na investigação científica.

Um dos aspectos que se percebeu como interessante em relação a essa técnica é o fato de que utiliza a interação grupal para produzir dados e *insights* que seriam dificilmente conseguidos fora do grupo.

Para Kind (2004), os dados obtidos, então, levam em conta o processo do grupo, tomados como maior do que a soma das opiniões, sentimentos e pontos de vista individuais e em grupo. Apesar disso, considera a técnica adequada, *a priori*, para investigações qualitativas.

Sendo assim, nota-se que a sua adoção seria pertinente para se atingir os objetivos propostos, ao mesmo tempo em que se identifica que sua utilização tem que estar integrada ao corpo geral da pesquisa e aos seus objetivos, com atenção às teorizações já existentes e àquelas pretendidas (GATTI, 2005).

Partindo do entendimento de que a bebida alcoólica é tida como um agente socializador e, tendo como um dos nossos pressupostos, aqui, a questão da aceitação grupal e da pressão que o mesmo exerce como um dos fatores que

influenciam na representação da bebida alcoólica pel@s adolescentes, nota-se que o trabalho com grupos focais no neste estudo, se mostrou coerente com o propósito exposto.

Além disso, o desenvolvimento dessa técnica é tido como relevante porque

Ela pode ter um papel complementar, dando ênfase a alguns aspectos considerados relevantes para o aprofundamento das entrevistas; pode levar o investigador a perceber como o tema é tratado diferentemente numa entrevista ou numa interação grupal; pode merecer um aprofundamento sucessivo, em várias sessões, tomando um caráter substantivo na dinâmica da pesquisa (MINAYO, 2006, p.193).

Vale ressaltar que ao se optar pela sua utilização, foi necessária a aproximação não apenas de referenciais teóricos acerca dos grupos focais, mas também de estudos desenvolvidos adotando essa técnica, principalmente tendo como sujeitos @s adolescentes.

A compreensão é de que toda técnica de pesquisa para ser bem-sucedida, requer não apenas apropriação da mesma, mas, principalmente, a sua compreensão e empenho por parte do pesquisador em criar ambiente propício para o seu desenvolvimento. Como o desejo de lograr êxito nessa atividade, a autora procurou se inteirar acerca dos aspectos tidos como positivos na sua utilização, assim como dos elementos dificultadores para a sua eficácia.

Assim, buscou-se na literatura, considerações acerca da técnica que propiciasse maior segurança na sua utilização.

A primeira preocupação foi relacionada à quantidade dos grupos que se deveria compor. Contudo, Kind (2004) fala que a quantidade dos grupos é menos importante do que a qualidade ou riqueza das discussões. A partir daí, tentou-se primar pela qualidade, assegurando que o número de participantes não excedesse a doze pessoas, apesar de se notar não haver consenso na literatura consultada quanto ao número máximo de participantes. Enquanto Lervolino; Pelicioni (2001) recomendam que sejam compostos com seis a dez participantes, De Antoni; Martins; Ferronato et al. (2001) sugerem média de cinco a doze participantes.

Quanto aos aspectos anteriores à realização dos grupos focais, viu-se a importância de se fazer planejamento prévio das sessões (Apêndice C), envolvendo os seguintes itens: o tema, a técnica, o procedimento e a duração (DE ANTONI;

MARTINS; FERRONATO et al., 2001).

É importante salientar que é necessário que as pessoas responsáveis pela aplicação da técnica tenham clareza em relação às funções que irão desempenhar, havendo necessidade do desempenho de seis funções: mediador, relator, operador de gravações, transcritor de fitas e digitador. É recomendável ainda que se escolha um local adequado para a realização dos grupos focais, que seja claro, sem ruídos, afastado da interferência de terceiros e de fácil acesso (CRUZ NETO; MOREIRA; SUSCENA, 2002).

Perante essas considerações, verificou-se que, apesar de ser uma técnica de baixo custo, aparentemente simples e de resultados rápidos, caso não se atente para os detalhes no seu preparo e execução, pode-se obter resultados de fidedignidade questionável e que pouco contribuirão para os objetivos propostos.

Na última semana do mês de fevereiro, foi agendada juntamente com a ESF a primeira reunião com os adolescentes, tendo em vista que o ano letivo estava prestes a se iniciar, tanto na rede pública de ensino quanto na rede privada, o que assegurava o retorno daqueles que estiveram em viagem nas férias.

A partir desses encontros pôde-se observar mais de perto os sujeitos e suas interações e houve o convite para a participação d@s adolescentes na nesta pesquisa.

Esse e os demais encontros com @s adolescentes acontecerem na sala de reuniões da Unidade de Saúde da Família do Feira VII II e, nos dias mais quentes, utilizou-se a varanda da unidade e os demais clientes mantinham o acesso ao seu interior, através de entrada lateral.

No primeiro encontro com os adolescentes, ocorrido no mês de fevereiro de 2008, contou-se com a presença de vinte e três adolescentes de ambos os sexos. A faixa etária variou entre dez e dezesseis anos, sendo que prevaleceu a faixa etária de dez a catorze anos.

Visando promover a familiarização d@s adolescentes com o gravador, após o pedido de permissão, foram tiradas algumas fotografias e gravadas as sugestões de temas para os próximos encontros. Com essas fotografias, foi construído um painel, posteriormente afixado na sala de reuniões da USF, que permaneceu na unidade durante um semestre, onde eles se viam e comentavam acerca das atividades que foram desenvolvidas.

Essa conduta também propiciou a divulgação da atividade para os

usuários da USF e atraiu outr@s adolescentes para a inserção no grupo.

Entendendo ser esse o primeiro contato com os mesmos, foi realizada uma atividade de reflexão sobre as transformações da adolescência a partir de uma música de autoria de Arnaldo Antunes intitulada “Não vou me adaptar”. A participação d@s adolescentes foi efetiva, e el@s conseguiram associar muitas partes da música ao momento que ora estão vivendo. Ressalta-se que a presença d@s adolescentes nas atividades programadas era flutuante e que nem todos se constituíram sujeitos do estudo, por não contemplarem os critérios de inclusão.

Ao término da atividade, questionou-se os presentes em relação aos assuntos que gostariam que fossem abordados nos próximos. Entre os temas sugeridos pel@s adolescentes, prevaleceram: violência, drogas, alcoolismo, doenças sexualmente transmissíveis, prevenção, amor, educação, amizade, acidentes e paz.

Diante dos anseios do grupo, e também por se entender que as atividades especificamente voltadas para esta pesquisa fluiriam de maneira mais exitosa a partir do momento em que já houvesse estabelecido vínculo com os sujeitos, combinou-se com a ESF que a autora assumiria a responsabilidade pelas atividades com os adolescentes durante o ano em curso.

Desse modo, sentiu-se que estaria não apenas desenvolvendo este estudo, “usando o campo”, mas, também, contribuindo para que a equipe atingisse as metas previamente estabelecidas em relação à ampliação de atividades voltadas para essa faixa etária.

Tal decisão, além de proporcionar contato mensal com os mesmos, facilitou o recebimento dos termos de consentimento livre e esclarecido (em grande parte, entregues aos próprios adolescentes), retornando assinados pelos pais ou responsáveis, e também o entendimento da autora em relação à construção da representação social do consumo de bebidas alcoólicas, já que mesmo antes de se adentrar no tema propriamente dito, desde a primeira reunião, o uso de bebidas alcoólicas foi abordado pel@s mesmos.

Sendo assim considerou-se esses primeiros contatos como estratégia de aproximação e captação dos sujeitos deste estudo e, a partir desses encontros, começou a atuação não apenas como observadora, mas como participante nas atividades programadas, realizando observação participante, que, segundo Minayo (2006), propicia ao observador estar em relação face a face com os observados, ao

mesmo tempo modificando e sendo modificado por esse contexto.

Como a intenção era utilizar a técnica do grupo focal nesta pesquisa, percebeu-se que esse seria o momento propício para captar pessoas que tivessem interesse em se envolver numa atividade de pesquisa para e nos familiarização com a sua aplicação e sujeitos.

Com vistas à sua utilização e, sabendo que essa prática demanda, além de atividades que antecedem os encontros com os grupos, tais como: elaboração e entrega de convites, organização do espaço físico, gravação das atividades e posterior transcrição das fitas de áudio, conseguiu-se três estudantes da Universidade Estadual de Feira de Santana, que foram aprovadas num processo seletivo para desenvolver atividade de extensão envolvendo adolescentes, e mais duas estudantes de uma universidade privada.

Diante da diversidade na disponibilidade de horários das mesmas, entendeu-se que seria interessante instrumentalizá-las para a aplicação da técnica, não descartando a possibilidade de aceitação de nenhuma. Para tanto, foi oferecido material bibliográfico sobre o objeto de estudo e também sobre a técnica do grupo focal, e realizado treinamento de trinta horas para que adquirissem segurança em relação à atividade.

Devido ao fato de alguns adolescentes estudarem no turno matutino e outros no turno vespertino, estabeleceu-se que, a partir do mês de março, as atividades desenvolvidas, aconteceriam em turnos alternados, a fim de que todos os interessados pudessem participar.

Apesar de eles se mostrarem receptivos aos encontros, decidiu-se assegurar esta frequência através da promoção de atividades que os motivassem ainda mais. Sendo assim, em concordância com a enfermeira da USF, estabeleceu-se que, em todos os nossos encontros, seria passada uma lista de frequência e rubricaríamos no verso do cartão do adolescente de cada um deles (Imagem 1 e 2).

Ao final do semestre, @s adolescentes que tivessem presentes em pelo menos três encontros iriam participar de uma atividade fora da USF, que seria programada juntamente com el@s. Além disso, ao final de cada encontro promover-se-ia um lanche coletivo e haveria sorteio de um brinde (canetas, porta-lápis, adesivos, bonés, chocolates, entre outros).

Apesar de o cartão do adolescente estar sendo disponibilizado para todas as USF da cidade, notou-se que muitos adolescentes não sabiam qual a sua

utilidade. Por esse motivo, na reunião seguinte, providenciou-se cartões do adolescente ampliados e explicou-se detalhadamente todo o seu conteúdo, rememorando a letra da música trabalhada no primeiro encontro.

Já no mês seguinte, todos os s encontros com @s adolescentes foram acompanhados por duas voluntárias treinadas. Diante da realidade de se ter em torno de sessenta adolescentes frequentando as atividades, com vistas a contemplar o que prevê a técnica do grupo focal, de que os grupos não excedam 12 participantes, ao invés de duas reuniões mensais, ampliou-se para quatro reuniões e estabeleceu-se uma divisão por faixa etária em turnos alternados. Desse modo, passou-se a trabalhar com média de seis a doze adolescentes por grupo.

Depois de cinco encontros, aplicando a técnica com os temas propostos pel@s adolescentes, no final do mês de maio, em função da aproximação das festas juninas, muito difundidas na região, agendou-se mais dois encontros.

Em decorrência da atuação da autora, outrora, como enfermeira do hospital geral da cidade, sabe-se que nessa época, ocorre aumento do número de atendimentos em decorrência de queimaduras, acidentes e, também, do uso abusivo de bebidas alcoólicas. Por esse motivo, os grupos focais realizados nesse período tiveram como tema “as festas juninas”. Cada reunião de grupo, composto de dez a doze adolescentes, ocorreu em turnos alternados. Como, a partir dessa atividade, questões relacionadas ao objeto de estudo estavam emergindo frequentemente, definiu-se que nos próximos encontros seriam realizados os grupos focais acerca da imagem do álcool.

Assim, nos dias 9/6; 18/6, 11/7, 18/7 e, posteriormente, no dia 15/8 de 2008, em função de outros adolescentes se agregarem às atividades, aconteceram os grupos focais voltados para esta pesquisa.

Apesar de se tentar trabalhar em separado, @s adolescentes com idade inferior a quatorze anos, nem sempre se conseguiu fazê-los cumprir esses acordos. Por se considerar interessante que todos tivessem oportunidade de participar dessa atividade, algumas vezes, foi necessário fazer concessões à permanência dos mesmos, ainda que a faixa etária não fosse condizente com o cronograma proposto. Contudo, não se percebeu que isso tenha sido prejudicial à pesquisa, visto que essa seria apenas uma das técnicas a ser aplicada.

Além disso, foi necessário intercalar os grupos, em decorrência do recesso junino das escolas e também da USF, já que os encontros com @s adolescentes se

davam na sala de reuniões da referida unidade, espaço esse, também ocupado por outros grupos etários, a exemplo dos hipertensos e diabéticos, gestantes, entre outros, o que requeria agendamento prévio para o uso do espaço de modo que não compromettesse a dinâmica de funcionamento da unidade.

No desenvolvimento dos grupos focais com o tema **a imagem do álcool**, teve-se a oportunidade de trabalhar com um grupo formado por adolescentes do sexo masculino, outro com adolescentes do sexo feminino e três grupos mistos, totalizando cinco sessões. Vale ressaltar que isso se deu em função dos horários escolares.

Apesar de haver um número maior de meninas frequentando assiduamente os encontros, notou-se que os garotos eram menos assíduos aos encontros no turno matutino. Isso, em parte, acontecia em função das atividades da escolinha de futebol do bairro ocorrer pela manhã.

Com esse procedimento pretendeu-se ouvir os vários sujeitos ao mesmo tempo, além de observar as interações características do grupo, captando os sentimentos, experiências, buscando compreender a representação del@s em relação ao consumo do álcool.

Ressalta-se que as monitoras que auxiliaram nos grupos focais, ao transcreverem as gravações, oriundas da técnica, nominavam os participantes que recebiam um crachá de identificação na chegada, que, posteriormente foram substituídos por nomes fictícios.

Para a realização dessa atividade, foram desenvolvidos os grupos focais disponibilizando para os grupos gravuras extraídas de reportagens em revistas de grande circulação e veiculadas na *internet*, envolvendo o consumo de bebidas alcoólicas e/ou suas consequências, deixando que eles escolhessem aleatoriamente uma delas (Imagem 3 a 8).

Vale ressaltar que ao se utilizar esse recurso, tinha-se a pretensão de que essas imagens propiciassem aos sujeitos do estudo a possibilidade de evocação de eventos vivenciados por eles em relação à bebida alcoólica, ou que tivessem tido acesso quer seja através dos meios de comunicação formais ou informais.

Pensou-se, inicialmente, que a variedade de gravuras, poderia deixá-los à vontade, a fim de tecerem comentários acerca da representação que era mais relevante para el@s, porém, temia-se que isso se tornasse elemento dificultador para as análises posteriores.

Após o primeiro grupo focal, contudo, percebeu-se que a diversidade de possibilidades fez com que, na socialização das representações, os sujeitos trouxessem informações relevantes para este estudo.

A fim de se evitar que as mensagens escritas contidas nas imagens, de alguma forma induzisse às respostas, na medida do possível, excluiu-se previamente os textos contidos nas mesmas.

No que diz respeito ao uso da imagem como documento de pesquisa, Loizos faz o seguinte comentário:

As imagens fazem ressoar memórias submersas e podem ajudar entrevistas focais, libertar suas memórias, criando um trabalho de “construção” partilhada, em que pesquisador e entrevistado podem falar juntos, talvez de uma maneira mais descontraída do que sem tal estímulo (LOIZOS, 2002, p.143).

Após deixar que as gravuras ficassem em poder do grupo por dez minutos, solicitava-se que el@s dissessem o que percebiam naquelas gravuras. Posteriormente, após esgotarem todas as possibilidades que as suas imaginações conseguiam elaborar, apresentava-se uma imagem que possibilitava duas interpretações, sem, contudo, se anularem (Imagem 9).

Finalizava-se a técnica, revelando as verdadeiras fontes de onde as imagens foram extraídas e o contexto ao qual pertenciam e as sessões eram concluídas, mostrando que existem várias maneiras de se ver as coisas que nos cercam.

Evidenciou-se através dessa técnica, que “a informação pode estar na fotografia, mas nem todos estão preparados para percebê-la em sua plenitude”, como afirma Loizos (2002, p.141).

Enquanto a atividade transcorria, duas monitoras se encarregavam de manusear o gravador e captar os gestos e atitudes dos sujeitos e, também, na medida do possível, controlavam as interferências externas, a exemplo de usuários do serviço que queriam ficar observando a realização da técnica ou, ainda, pedindo a colaboração dos membros da equipe a fim de que não transitassem pelo espaço durante as atividades com @s adolescentes.

As sessões duravam em torno de uma hora e meia e, quando se percebia que algum dos participantes estava monopolizando o diálogo, interferia-se sutilmente, tomando a palavra e estimulando os demais participantes a se

pronunciarem.

Após a realização dos grupos focais, as monitoras que participaram da atividade se reuniam com a autora a fim de comentar sobre os acontecimentos importantes que ocorreram durante o transcorrer dos mesmos e especificidades relacionadas aos participantes, no que diz respeito às expressões verbais e não-verbais.

Durante a leitura compreensiva do material selecionado, a partir dos grupos focais, buscando apreender as suas particularidades, tentou-se montar algumas categorias. A princípio, foram separados os achados dos grupos focais por gênero, visto que havia um grupo composto apenas por garotas, outro apenas por garotos e os demais grupos eram mistos.

3.4.3 A entrevista semiestruturada como técnica complementar à observação e grupos focais

Realizou-se, além da observação e grupos focais voltados para o objeto de estudo, a entrevista semiestruturada (Apêndice D). Nessa etapa só participaram @s adolescentes que compartilharam do grupo focal intitulado “a imagem do álcool” e que já tinham o TCLE devidamente assinado pelos pais ou responsáveis, a partir de agendamento prévio, considerando a disponibilidade d@s mesm@s, local e horário.

Para a elaboração do roteiro de entrevista, tomou-se por base outros estudos realizados acerca do tema e também o objeto de estudo. Segundo Minayo (2006), a entrevista semiestruturada combina perguntas fechadas e abertas, em que o entrevistado tem a oportunidade de discorrer sobre o tema em questão sem se prender à indagação formulada.

Como questões norteadoras para a sua realização foram utilizadas as seguintes:

- o que você pensa a respeito do consumo de bebidas alcoólicas pelos adolescentes?
- sabemos que muitos garotos e garotas estão bebendo muito ultimamente. Como você vê esta situação?

Utilizou-se o gravador digital, a fim de agilizar a sua realização, além de

registrar algumas informações que se julgava relevantes ao término das entrevistas, a exemplo de expressões faciais, gestos e atitudes dos depoentes, tentando captar expressões não-verbais. Nenhum adolescente se recusou ao uso do gravador. Alguns solicitavam permissão para ouvir a gravação o que, em alguns casos, proporcionou complementação por parte d@s mesmos do que havia sido dito anteriormente.

As entrevistas duraram em média vinte e cinco a trinta minutos. Posteriormente, transcreveu-se todas as gravações, a fim de organizar os dados para a fase da análise.

Todas as entrevistas ocorreram no espaço físico da USF na sala da enfermeira ou na sala do médico, onde assegurávamos a privacidade e havia a oportunidade de gravar as entrevistas com menor interferência dos ruídos externos.

Algumas ocorreram após os grupos focais e outras foram agendadas com @s adolescentes nos horários em que el@s tinham disponibilidade e a USF dispunha de sala livre para tal atividade.

Apesar se ter estabelecido critérios de inclusão e exclusão, notou-se no final do quinto GF e décima sétima E, a ocorrência da saturação de sentidos, requisito para o método utilizado na pesquisa, ou seja, “as respostas se tornaram repetitivas e nenhum achado novo ocorreu” (FONTANELLA, RICAS, TURATO, 2008).

3.5 Procedimentos éticos

No tocante aos critérios éticos a serem observados nas pesquisas envolvendo seres humanos, foram adotadas as recomendações da resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde (Brasil, 1996), e este projeto foi encaminhado à Secretaria de Saúde do Município de Feira de Santana, cadastrado no SISNEP e submetido à apreciação do Comitê de Ética e Pesquisa da Escola de Enfermagem da USP – *Campus* - Ribeirão Preto (Anexo A).

Para se dar início à coleta, foi apresentado o termo de consentimento livre e esclarecido, informando os objetivos do estudo e a autora se colocou à disposição para os esclarecimentos que se fizessem necessários aos adolescentes e familiares

ou responsáveis.

Sabendo que a presença da comunidade nas reuniões mensais da USF nem sempre correspondem à expectativa das equipes, em alguns casos foi necessária a ida ao domicílio d@s adolescentes para a obtenção do consentimento dos pais ou responsáveis para a participação na pesquisa, visto que, pelos sujeitos serem adolescentes, a sua participação no estudo requereu autorização prévia dos pais ou responsáveis. Para isso pediu-se apoio dos agentes comunitários, que permitiram que as nossas bolsistas os acompanhassem e contou-se também com os próprios adolescentes.

Além dessa preocupação em relação ao consentimento dos pais ou responsáveis, considerou-se as questões relativas ao rigor na pesquisa qualitativa, descritas por Polit; Becker; Hungler (2004): a credibilidade, a confiabilidade, a confirmação e a transferência.

Por esse motivo, a fim de assegurar o anonimato e sigilo em relação às suas falas, para cada adolescente que participou deste estudo, atribuiu-se um nome de flor, seguido da letra “f” ou “m” e idade, por se entender que esse momento das suas vidas se constitui num desabrochar para a vida adulta.

Seguindo as falas d@s adolescentes também foram colocamos os códigos E ou GF a fim de esclarecer se foram oriundas das entrevistas ou dos grupos focais.

Esse material, assim como o produto dos grupos focais, foi salvo em CD-ROM e ficará em poder da pesquisadora por um período mínimo de cinco anos. Após esse prazo, será incinerado.

3.6 Análise e interpretação dos dados

É importante salientar que essa etapa da pesquisa, necessariamente não ocorre apenas ao término da coleta, pois, durante toda a sua execução, estava-se, ainda que parcialmente, analisando os achados no campo do estudo, contudo, quando foi dada por encerrada a coleta, finalizou-se o trabalho, ancorando-se em todo o material coletado e articulando esse material aos propósitos da pesquisa e à sua fundamentação teórica (GOMES, 2007).

Parece que se está, a todo tempo, tentando galgar uma compreensão de tudo o que nos cerca. Porém, na condição de pesquisador, a nossa busca é para extrapolar a compreensão do senso comum, através do suporte proporcionado por um método.

Experimentou-se sentimentos variados e, às vezes, conflitantes que levaram a concordar com o que comenta Minayo (2006, p.299), reportando-se ao pensamento de Bourdieu: a possibilidade de ocorrer uma ilusão da transparência; momento em que o pesquisador tenta fazer uma interpretação espontânea e literal dos dados, como se o real se mostrasse nitidamente ao observador; ou, ainda, a possibilidade de se sucumbir à magia dos métodos e técnicas, deixando de lado a fidedignidade à compreensão do material e referida às relações sociais dinâmicas e vivas.

Como último obstáculo, Minayo fala da dificuldade que muitos pesquisadores encontram na junção e síntese das teorias e dos achados em campo ou documentais.

Tais colocações demonstram que essa etapa requer suporte teórico que deixando os pesquisadores menos vulneráveis a essas armadilhas que podem comprometer a qualidade da pesquisa. Na busca de um suporte que propiciasse maior clareza de como proceder nessa etapa, entendeu-se ser pertinente o método da interpretação de sentidos proposta por Gomes (2007), a partir de uma aproximação ao diálogo entre a concepção hermenêutica e dialética que tem como foco o fenômeno cultural.

Segundo Geertz (1898, p.4), para se analisar o fenômeno cultural, necessita-se compreendê-lo “não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa à procura de significados”.

Levando em consideração a formação acadêmica da autora e trajetória profissional, com a finalidade de se aproximar desse método, foi preciso buscar suporte em alguns autores que auxiliassem nesse novo desafio. Sendo assim, através do grupo de discussão do Departamento de Enfermagem Materno Infantil e Saúde Pública acerca da hermenêutica, foram dados os primeiros passos durante as discussões coordenadas pelo Dr. José Ricardo Ayres, iniciando os contatos com as produções de Gadamer e Harbemas.

A hermenêutica é tida como a arte da compreensão que lida com o incompreensível e com a compreensão da imprevisibilidade orçamentária da vida

mental/espiritual (GADAMER, 2006, p. 166).

Buscando obter maior visibilidade de como a hermenêutica se operacionaliza, percebeu-se que “uma das ideias centrais que fundamentam a hermenêutica é a de que os seres humanos, na maioria das vezes, entendem-se ou fazem um movimento interior e relacional para se porem de acordo” (MINAYO; DESLANDES; ASSIS, 2002, p.85).

Além do senso comum, para Minayo, a ideia de ‘vivência’ compreendida como configurações de sentido e a ideia de ‘símbolo’, como sendo a representação de algo visível ou invisível, refletindo, ao mesmo tempo, uma ideia do real e sua expressão fenomênica, constituem elementos importantes para a hermenêutica (MINAYO; DESLANDES, 2002, p.90).

Assim, notou-se que pesquisar as representações, quer concretas ou simbólicas d@s adolescentes acerca do consumo de bebidas alcoólicas, permite aproximação à hermenêutica, com vistas a compreender os textos produzidos nesta pesquisa, a partir do sentido ampliado da palavra, entendida por “narrativas, entrevistas, diário de campo, entre outros” (MINAYO, 2006).

Na dialética, reconhece-se a necessidade de se estar voltando o olhar para a historicidade do consumo de bebidas alcoólicas pela humanidade, por ser essa tida como “o coração do método dialético, o primeiro elemento do método e da análise dialética” (LÖWI, 1996, p.15).

Sobre a historicidade, Geertz, comenta que o conceito de cultura tem seu impacto no conceito de homem, pois,

Tornar-se humano é tornar-se individual, e nós nos tornamos individuais sob a direção dos padrões culturais, sistemas de significados criados historicamente em termos dos quais damos forma, ordem, objetivo e direção às nossas vidas (GEERTZ, 1989, p.37).

Adotar-se a dialética na análise dos dados qualitativos colabora para o entendimento de que não existe ponto de vista fora da história, nada é eterno, fixo e absoluto, portanto, não há nem ideias, nem instituições, nem categorias estáticas (MINAYO, 2006).

Além dessas observações, entende-se que, na produção/reprodução das representações acerca do consumo de bebidas alcoólicas pel@s adolescentes deve-se considerar que nenhum fato, situação ou elemento social se encontra

isolado, trazem no seu bojo uma interdependência e a mais íntima e indissolúvel conexão entre todos os aspectos de cada fenômeno, ou seja, contêm elementos singulares, ao mesmo tempo em que expressam problemas e tendências grupais que interagem entre si. “Estes conceitos de conexão, interdependência e interação são essenciais no processo dialético de compreensão do mundo” (TRIVIÑOS, 1987, p.53).

Outra questão que se percebeu como relevante para este estudo é que a análise dialética é sempre uma análise das contradições internas da realidade. E, se há algo que foi percebido pela pesquisadora, desde a elaboração do projeto que originou esta tese, é a existência de condutas extremas em relação ao consumo de bebidas alcoólicas pela sociedade brasileira e, conseqüentemente, se reflete nas representações d@s adolescentes.

Enquanto a legislação reconhece como ilegal o acesso dos adolescentes à referida substância, há todo um contexto que a apresenta e estimula o seu consumo, além de facilitar o acesso à bebida, o que leva à constatação de que “todas as coisas trazem em si forças contraditórias que se chocam” (SUCUPIRA FILHO, 1991).

Para tanto, tentou-se a aproximação da proposta de análise hermenêutico-dialética, a partir dos seguintes princípios:

- (a) buscar a lógica interna dos fatos, dos relatos e das observações; (b) situar os fatos, os relatos e as observações no contexto dos atores; (c) produzir um relato de fatos em que seus atores nele se reconheçam, utilizando também a inferência (GOMES, 2007, p.100).

Sendo assim, como caminho para a interpretação, adotou-se os seguintes passos propostos pelo autor supracitado: leitura compreensiva do material selecionado, exploração do material e elaboração de síntese interpretativa.

Tentou-se durante essa construção, levar em conta o contexto, compreendido como o contexto sócio-histórico d@s adolescentes, incluindo as redes de apoio que dispõem e, também, o encontro com os dados empíricos, ou seja, as concepções d@s adolescentes acerca do objeto estudado.

Entendeu-se por categorias empíricas aquelas que são criadas a partir do material de campo, contendo e expressando representações típicas do grupo em questão (Minayo, 2006, p.355). Assim, de posse dos dados coletados no campo, voltou-se para o conteúdo teórico produzido nas fases anteriores da pesquisa,

buscando nova aproximação do objeto, objetivos e pressupostos.

Apesar de a autora se considerar iniciante nessa trajetória, acredita-se que através deste método, está-se não apenas discorrendo acerca dos achados do estudo, mas contextualizando os mesmos num dado momento, em um campo especificamente delimitado e levando em consideração as suas especificidades, sem perder de vista a historicidade da representação de uma prática que, apesar de antiga, permanece presente na atualidade.

Verdadeiramente, ao término da coleta, a pesquisadora, aqui, sentiu-se impregnada pelos discursos e também pelas evidências de que a maioria dos sujeitos do estudo, apesar da tenra idade, já teve algum tipo de experiência com a bebida alcoólica, quer seja através do consumo ou por terem acompanhado de perto algum acontecimento relacionado ao uso e/ou abuso de bebidas alcoólicas.

Necessitou-se de um distanciamento, não apenas do campo, como também dos dados coletados, a fim de se retomar as nossas leituras acerca do objeto estudado e também para que se pudesse, durante esse distanciamento, amadurecer as percepções e, posteriormente, haver uma reaproximação.

Desse modo, a partir da opção de análise e interpretação dos sentidos, iniciou-se a construção do capítulo seguinte.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Vamos simbora! Pro bar, beber, cair e levantar! Beber, cair e levantar...

Trecho da música gravada pela banda Aviões do Forró

4.1 Caracterizando os sujeitos do estudo

Os primeiros contatos com os adolescentes se deram de modo informal durante o período em que foram efetuadas as visitas ao campo, inicialmente como mera observadora.

Durante a realização das atividades programadas para @s adolescentes na USF do Feira VII II, foi-se captando os sujeitos do estudo, através do convite para a participação dos mesmos na pesquisa que seria realizada. Dentre os participantes, vinte e um adolescentes constituíram sujeitos deste estudo, sendo nove do sexo masculino e doze do sexo feminino.

A faixa etária dos mesmos variou entre 10 e 16 anos, sendo que prevaleceu a de 10 e 14 anos.

Quanto à escolaridade, pôde-se perceber que a maioria del@s era proveniente da rede pública de ensino, sendo que alguns estavam cursando a quarta série do ensino fundamental, enquanto outros já estavam cursando entre a quinta e oitava séries, e apenas uma adolescente estava cursando o primeiro ano do ensino médio.

Entre os sujeitos, um adolescente com 11 anos tinha evadido da escola e uma das adolescentes com 12 anos de idade também. Salienta-se que, apesar dessa inserção à rede de ensino por parte dos mesmos, notou-se dificuldades em ler e escrever, em muitos deles.

Essa observação leva ao entendimento de que o ensino público oferecido não tem proporcionado aos educandos aprendizado condizente com as séries nas quais estão inseridos.

Além disso, ao se realizar correlação entre faixa etária e séries em que estavam matriculados, notou-se que muitos estavam em atraso escolar, revelando histórias de repetência ou de inserção tardia na rede de ensino.

Vale ressaltar que muitos evitavam qualquer atividade que dependesse da leitura em voz alta, ainda que fosse de frases curtas e até mesmo para escrever em cartazes que se tentava elaborar em conjunto com el@s, a fim de promover o protagonismo.

Essas constatações proporcionaram a compreensão do que Bourdieu comenta acerca da desigualdade de desempenho escolar de crianças oriundas de

diferentes classes sociais (NOGUEIRA; CATANI, 1998)

Apesar de não se ter realizado questionamentos quanto aos dados sociodemográficos, pôde-se perceber, durante os contatos estabelecidos, que alguns adolescentes pertenciam a famílias nucleares, enquanto outros conviviam com padrastos e/ou madrastas onde era notória a presença dos rearranjos familiares, em que, no mesmo espaço físico, conviviam os filhos provenientes de relacionamentos anteriores dos seus genitores.

No que diz respeito à economia familiar, notou-se que a maioria d@s adolescente era oriunda de famílias de baixa renda. Alguns comentaram que, apesar de estudarem, nos momentos em que não estavam na escola, realizavam atividades informais, a exemplo de trabalhos domésticos como diaristas, a fim de contribuírem na renda familiar ou simplesmente ajudavam nas tarefas de casa.

É importante ressaltar que essas responsabilidades também dificultavam o comparecimento d@s mesm@s às atividades programadas para esse segmento na USF.

Tomando por base que “a influência do capital cultural se deixa apreender pela forma de relação, muitas vezes constatada entre o nível cultural global da família e o êxito escolar da criança” ((NOGUEIRA; CATANI, 1998, p.42) e a caracterização do contexto familiar ao qual a maioria desses adolescentes faz parte, torna-se a evidente que existe estreita relação entre a situação em que vivem com a evasão e atraso escolar.

Essas constatações demonstram que existe segregação interna ao sistema educacional que separa os educandos segundo o itinerário escolar, pois, apesar de haver uma pseudo inclusão, os excluídos têm a sua eliminação postergada e são reservados a el@s os setores escolares mais desvalorizados (NOGUEIRA; CATANI, 1998)

Desse modo, mesmo frequentando a escola, grande parte d@s adolescentes apresentam dificuldades no aprendizado que podem atrapalhar a ascensão social.

4.2 O campo de estudo, os sujeitos e suas interações

Em relação ao campo, numa perspectiva mais ampla, as agentes comunitárias de saúde apresentaram as microáreas que compõem a área de abrangência do PSF. Enquanto circulavam pelas ruas, iam tecendo comentários em relação às suas especificidades, da maior ou menor adesão dos adolescentes às atividades oferecidas, e, também, da dificuldade de abordarem alguns temas tidos como “tabus” pelo fato de residirem no mesmo espaço em que exercem suas atividades laborais.

Posteriormente, houve retorno a esses espaços em dias e horários variados a fim de dar continuidade às observações, registrando os dados relevantes no diário de campo.

Durante o período de observação, verificou-se que a USF está situada numa das ruas principais do bairro. A sua área de abrangência é bastante diversificada, composta por residências seguras do ponto de vista estrutural, que dispõem até de cercas elétricas, em detrimento de outras bastante precárias, que não possuem sequer cômodos suficientes para comportar a quantidade de moradores, o que levou a perceber que a população assistida pela unidade, tem nível socioeconômico bastante variado.

No entorno da USF, verificou-se a existência de duas escolas públicas, sendo uma de ensino médio e outra de ensino fundamental; além de se detectar algumas escolas particulares de pequeno porte, destinadas ao ensino fundamental.

Em termos de estrutura física, foi percebido que as instituições dispunham de espaço considerável e tinham bom estado de conservação.

No que diz respeito a áreas de lazer, há um campo de futebol, duas quadras poliesportivas que, segundo informações dos moradores, são geralmente utilizadas por adultos nos finais de semana e feriados, o parque municipal, duas vídeolocadoras, três *lan houses*, um *videogame* e vários bares e *trailers*, geralmente localizados nas praças e ruas principais, alguns bastante próximos às igrejas.

Informaram, também, sobre a existência de uma escolinha de futebol que funciona no espaço de um dos colégios públicos do bairro, contudo, a inserção dos adolescentes na mesma se dá por meio de uma seleção e também que há um custo financeiro para os participantes.

Dispõem de vários mercadinhos e verdureiros, duas farmácias, seis igrejas evangélicas, uma igreja católica e um centro espírita.

Em relação às questões ambientais, o bairro é pouco arborizado e todas as casas possuem água tratada e luz elétrica. As ruas principais são bem iluminadas à noite, contudo, áreas correspondentes aos loteamentos mais recentes ainda não dispõem de iluminação suficiente, o que aumenta o risco de assaltos.

Verificou-se que a área faz fronteira com duas favelas, sendo uma situada próximo à sua entrada e outra atrás de um dos colégios da rede pública.

A rede de esgotamento sanitário está passando por reforma, razão pela qual muitas ruas se encontram interditadas.

Apesar de parte da área dispor de ruas pavimentadas, encontrou-se também, outra parte que não dispõe de esgotamento, as ruas ainda são de chão batido e, durante o período chuvoso, se torna difícil o acesso às casas ali situadas. Pôde-se ver, também, nessa parte, algumas casas com placas de venda que, segundo a agente comunitária de saúde, se deve à quantidade de arrombamentos e assaltos que vêm ocorrendo.

A coleta do lixo é regular e diária, porém, a quantidade de lixo a céu aberto é muito grande, assim como a circulação de animais domésticos, cavalos e aves de rapina, o que leva a população a conviver com odor fétido e o desconforto de ter as suas casas invadidas por detritos.

Segundo a ESF, esse é um problema antigo e não há colaboração por parte da população, no que diz respeito à atenção aos horários da coleta e locais para acondicionar o lixo. Outra questão também verificada foi a presença de catadores de lixo para reciclagem, que abrem os sacos e acabam promovendo a sua disseminação pelo bairro. Vale ressaltar que um dos pontos de coleta fica em frente à USF.

Verificou-se que, durante o dia, poucos adolescentes circulavam pelas ruas. Como ainda o período era de férias letivas, acredita-se que essa dispersão poderia estar relacionada às viagens para as cidades litorâneas durante essa época, contudo, quando foi refeito esse percurso no final de tarde, à noite e nos finais de semana, pôde-se observar maior concentração dos adolescentes no parque municipal, onde alguns estavam desenvolvendo atividades laborais, com caixas térmicas, vendendo refrigerantes, cervejas e água mineral para pessoas de variadas faixas etárias que por ali circulavam.

Apesar da existência de pessoas uniformizadas, fiscalizando o local, essa atividade se dava de forma natural.

Ao cair da tarde, noto-se o esvaziamento quase que completo da área física do parque, e percebeu-se que a clientela que se mantinha no espaço adotava um perfil diferenciado, deslocando-se para locais menos movimentados e formando grupos.

Sobre essa ocupação, Santos (2008) comenta que, ao mesmo tempo, as ruas e praças como espaços de sociabilidade podem ser ocupadas por diversos grupamentos coletivos juvenis, que se estruturam a partir de galeras, bandos, grupos de orientação musical, entre outros.

Durante a noite, pôde-se verificar, nas ruas principais, a concentração de adolescentes e também de adultos de ambos os sexos nas proximidades dos bares, *trailers* e sentados em grupo nas calçadas. Em algumas circunstâncias, notava-se a presença de bebidas alcoólicas e refrigerantes entre eles.

Outra prática que parece estar se tornando rotineira é a mistura de bebidas alcoólicas com refrigerantes de dois litros, com as quais eles circulavam livremente.

Ressalta-se que, em relação a essa questão, Pereira (2006, p.2) ao estudar as culturas juvenis em Porto Alegre, também percebeu a mesma conduta, referindo que, enquanto permanecem no parque e na pracinha, eles consomem bebidas alcoólicas – geralmente vinho, cachaça e samba [mistura de refrigerante com cachaça ou uísque] (grifos da autora), carregadas em garrafas pet.

Tal atitude foi também verificada pela autora em Ribeirão Preto, SP, nas praças do centro da cidade em dias úteis e também nos finais de semana, geralmente no final da tarde. Teve-se conhecimento que a mesma situação também tem se repetido em Recife - PE. Diante dessa evidência, percebeu-se que essa prática se repete nas diversas regiões do Brasil.

Essas misturas, também denominadas bebidas *ice*, segundo Taud e Andreoli (2004), tem se constituído numa moda, cujo foco é o consumidor jovem, e possuem teor alcoólico semelhante ao da cerveja, ao redor de 5%.

Surgiram como alternativa ao consumo de cerveja, geralmente o primeiro tipo de bebida alcoólica experimentada pelos adolescentes [...] por terem o álcool diluído e gosto adocicado, podem induzir as pessoas a beberem mais, aumentando os riscos de embriaguez e os problemas decorrentes do uso excessivo de álcool (TAUD; ANDREOLI 2004, p.7).

Acredita-se que essa constatação denuncia o descumprimento da legislação que versa sobre a ilegalidade da venda de bebidas alcoólicas para adolescentes, assim como da alternativa de misturar bebidas alcoólicas a refrigerantes de modo artesanal, como sendo algo que pode ter como finalidade embaçar os olhares de transeuntes mais curiosos e talvez, até, como prevenção a uma “suposta” fiscalização mais efetiva.

Diante das observações realizadas, identificou-se que no espaço em que desenvolvia o estudo, alguns fatores tidos como protetores estão disponíveis à população, a exemplo de instituições de ensino, templos religiosos de diversas denominações, associação de moradores e poucas áreas de lazer. Contudo, no transcorrer da pesquisa, verificou-se que nem sempre a disponibilidade assegura o acesso.

Quanto ao parque municipal, apesar de @s adolescentes terem acesso às quadras, não é disponibilizado pessoal qualificado para acompanhá-l@s nas atividades, organizar torneios e/ou campeonatos.

Um exemplo disso é o fato de dois dos sujeitos deste estudo não estarem frequentando a escola, de alguns outros demonstrarem interesse em desenvolver atividades esportivas e não terem assegurado na comunidade o acesso às quadras existentes ou profissionais qualificados.

No que diz respeito aos fatores de risco, pôde se constatada a ocorrência da evasão escolar; disponibilidade das substâncias psicoativas que inclusive, foi elencada pelos próprios moradores, a falta de segurança pública, precariedade da iluminação e pequena quantidade de espaços para o lazer dos moradores.

Em relação à disponibilidade das SPAs, em um dos dias em que a autora esteve na USF, passou o veículo do SAMU e um aglomerado de pessoas e, posteriormente, informaram acerca do acontecido: um homem, dependente químico, após fazer uso de SPAs, desencadeou uma crise convulsiva e os familiares chamaram o SAMU. Contudo, segundo informações de alguns moradores, quando notaram que se tratava de *overdose*, não queriam prestar socorro e a comunidade pressionou a equipe de resgate a tomar as providências cabíveis.

Essa ocorrência levou ao entendimento de que independe das razões que provocaram a crise convulsiva no referido indivíduo, ele não deixou de ser um cidadão e, como tal, dispor de direitos e deveres. Sendo a equidade, um dos princípios norteadores do SUS, pergunta-se sob que prisma uma conduta desse tipo

foi equânime.

Apesar dessas observações terem sido importantes no transcorrer deste estudo, para que se pudesse compreender algumas colocações feitas pel@s adolescentes, ficou claro que os espaços de convivência d@s mesmos não se limitam ao bairro onde moram. El@s frequentam o *shopping center*, alguns estudam em colégios da rede pública situados em outras áreas da cidade e muitos participam das festas populares a exemplo da micareta, exposição agropecuária, espaços onde ocorrem shows, entre outros. Além dessas questões, muitas famílias passam o verão na cidade litorânea mais próxima, chamada Cabuçu.

É importante destacar que além dessas questões, constatou-se que a maioria dos sujeitos tem acesso à *internet*, alguns no seu próprio domicílio e/ou através das *lan houses* existentes no bairro, o que leva a perceber que, além do acesso ao real, eles também estão em contato com os componentes do mundo virtual, através dos *sites* de relacionamentos, pesquisas, entre outros disponíveis na rede, ainda que para ter acesso deixem de lanchar ou façam o percurso até a escola a pé.

Ainda, em relação às festas promovidas na cidade, houve a oportunidade de circular nas imediações das casas de eventos que as promove e de participar de uma dessas festas. Em uma delas, denominada “festa de shortinho”, verificou-se grande número de adolescentes que se aglomeravam na entrada do espaço, onde circulavam ambulantes adultos e também adolescentes vendendo vários tipos de bebida. Desse modo, notou-se que a ingestão de bebidas alcoólicas já se iniciava antes mesmo que el@s adentrassem.

Sobre essa ocorrência, Pereira (2006) comenta que para @s adolescentes, essas primeiras doses servem para “esquentar” e fazer com que já entrem no clima da festa.

Sabe-se que, inicialmente, a ingestão da bebida promove euforia e desinibição, facilitando assim a aproximação entres as pessoas (Silva, 2000). Destarte, @s adolescentes já iniciam o processo de ampliação da sociabilidade nas imediações dos espaços destinados aos eventos.

Sendo assim, ao iniciar a festa @s adolescentes já se encontram desinibidos o suficiente para se aproximarem, principalmente do sexo oposto e

partirem para as conquistas nas diversas modalidades: “beijar, ficar ou casar”²

Em outro grande evento promovido no ano da realização da coleta, denominado “october”, notou-se também a mesma ocorrência.

Mesmo sendo uma festa *open bar*, em que os participantes tinham direito à bebida à vontade, horas antes dos portões do clube serem abertos, já havia centenas de adolescentes circulando, utilizando as camisas que davam acesso à festa, que mesmo sendo vendidas, possuíam propagandas de cervejarias e fabricantes de bebidas *ice*, e de posse de canecas padronizadas e de bebidas também compradas do lado de fora. Entre elas, cervejas, bebidas *ice*, coquetéis, capeta (bebida contendo vodca, guaraná em pó e amendoim de sabor adocicado) e também o cravinho (uma mistura de cachaça, gengibre e outras especiarias).

Além de toda essa disponibilidade, na entrada principal tinha vários carros com som potente em alto volume. Um deles em especial chamou atenção por ter estampado na sua pintura propagandas de um motel com o seguinte *slogan* “porque a primeira vez ninguém esquece”.

Quando os portões de acesso à festa se abriram, havia pessoas fantasiadas de preservativos recepcionando os participantes, distribuindo preservativos.

Aproximadamente duas horas após o início da festa, primeiramente as garotas começaram a demonstrar o estado de embriaguez, dançando totalmente fora do ritmo as músicas executadas pelas bandas, se atirando nos braços dos rapazes que iam passando por elas e muitas sendo levadas ao posto médico carregadas nos braços.

Quando a segunda atração da festa começou a tocar, a diurese excessiva provocada pela quantidade de bebida ingerida, fez com que qualquer canto do espaço se tornasse banheiro para os participantes da festa. Diante desse consumo, quando a terceira atração começou a se apresentar a bebida que foi disponibilizada para o evento acabou. Contudo, o clube passou a vender bebidas aos que supostamente ainda tinham condição de continuar.

Daí em diante, parecia que se estar no cenário de uma festa dionisíaca, onde tudo era permitido, desde a sensualidade às brigas entre rapazes, moças e grupos, que eram retirados da festa por parte dos seguranças.

² Denominação utilizada pel@s adolescentes para apenas beijar, estar junto por algum tempo ou permanecerem juntos durante toda a festa

Ao término do evento, na saída do clube, muitas outras brigas foram vistas, inclusive envolvendo grupos de rapazes. Essas observações coincidem com o estudo de Silva, Oliveira, Rocha (2005) em que constataram que o potencial desestruturador do envolvimento com o álcool e de drogas ilegais se inscreve no cotidiano de boa parte dos jovens.

Santos (2008), citando Espinheira, refere que esse tipo de violência que se expressa no lúdico, nas festas e diversões são formas culturais de resistência social à exclusão, agressividade, no sentido da inclusão, da participação efetiva, do estar junto, do compartilhar emoções.

Imagina-se que a busca desenfreada pelo reconhecimento, pode ser a motivação d@s adolescentes ao adotarem comportamentos que chegam à adoção de atos extremos, fazendo com que a realidade surja do espetáculo e o espetáculo do real (Debord, 2003), ainda que, para isso, se tornem protagonistas de cenas de violência, e de exposição aos riscos.

4.3 Construindo as categorias empíricas a partir da triangulação de técnicas

Ao se fazer uma leitura do material proveniente da coleta de dados, inicialmente tentou-se compreender, por partes, os achados através da leitura exaustiva das observações contidas no diário de campo e organização das informações de maneira sequencial. Em seguida, fez-se o mesmo procedimento com o material oriundo dos grupos focais e entrevistas, visando a categorização dos dados.

Todas as entrevistas foram transcritas pela pesquisadora e, em seguida, adotando o que prevê a análise e interpretação dos sentidos, proposta por Gomes (2007) elaborou-se quadros que sintetizavam as ideias dos sujeitos, a fim de estabelecer as categorias.

Através da adoção das técnicas acima descritas, buscou-se a contextualização das representações d@s adolescentes acerca do consumo de bebidas alcoólicas, dentro do espaço de realização do estudo, através da triangulação de técnicas na coleta de dados, que “tem por objetivo básico abranger a

máxima amplitude na descrição, explicação e compreensão do foco em estudo” (TRIVIÑOS, 1987, p.138).

Desse modo, agrupou-se as falas através da similaridade das ideias nelas contidas, codificando os sujeitos e separando em “gavetas”, que se constituíam nas subcategorias (MINAYO, 2006).

Buscando, posteriormente, visualizar o todo, foi feita uma síntese do material proveniente do trabalho de campo e, a partir daí, passou-se a agrupar as representações que emergiram das falas dos sujeitos em **duas categorias centrais**. Desse modo, percebeu-se que as representações socialmente construídas acerca do consumo de bebidas alcoólicas d@s adolescentes, foram: **beber muito e junto**, enfatizando a percepção d@s mesm@s com relação à naturalização desta prática: **meu pai bebe, é pressão dos amigos, todo mundo bebe!** e a segunda categoria: **se diverte, rola brigas, crimes e até morte**.

4.3.1 Beber muito e junto

A principal categoria deste estudo foi beber muito e junto. Tanto nas observações, nos grupos focais, quanto nas entrevistas realizadas evidenciou-se que a representação socialmente construída d@s adolescentes acerca do consumo de bebidas alcoólicas vai além do que se compreende como experimentação.

Ficam assim... Se batendo, bêbado, cambaleando. Não consegue se equilibrar (imitou) (Girassol – f - 11anos E).

Eles bebem junto com os amigos, os colegas pra se divertir (Angélica – f - 10 anos E).

Vale ressaltar que não se visualizou diferenciação entre o olhar masculino e o feminino acerca do beber em demasia.

Notou-se que, entre as garotas, como ideias relacionadas à ingestão de bebidas e suas consequências emergiram: *fazer muitas besteiras* (Bugueville – f- 12 anos - E), *ficar descontrolado* (Sempre-Viva – f -15 anos GF), *ficar bêbado* (Angélica – f -10 anos GF) e *virar alcoólatra* (Girassol- f -11 anos GF).

Tais colocações demonstram elas que estavam se referindo ao beber pesado.

De semelhante modo, as expressões utilizadas pelos garotos deixavam subentendido que beber estava diretamente relacionado ao consumo excessivo, externado por eles por expressões como *menino cachaceiro*, *menino arregaçado* (Orquídea- m - 10 anos GF) [menino estragado, prejudicado].

@s adolescentes trouxeram nas suas falas o que a literatura intitula como *binge drinking* ou uso pesado episódico que, segundo Cammarota e Déa (2007, p.27), corresponde à ingestão de cinco doses de álcool numa mesma ocasião para homens e de quatro doses para mulheres. Entretanto, pelo fato de @s adolescente ainda estarem em processo de crescimento e desenvolvimento, acredita-se que para el@s, não seja necessária a ingestão de quantidade semelhante para que ocorra o *binge drinking*.

Silva (2000), no caso da adolescência, diz que, para o organismo em formação, um copo de cerveja já é o bastante para que o indivíduo perca o senso de julgamento e a coordenação motora seja afetada, causando transformações no temperamento e na personalidade.

Durante os grupos focais, enquanto os grupos separados por gênero não haviam se interessado pela imagem da garrafa dentro do cérebro, que foi capa da revista Veja (Soares, 2006 - Imagem 8), os grupos mistos fizeram dela as seguintes leituras:

É um cérebro cheio de bebida (Orquídea 10 anos – GF).

Um pulmão com uma garrafa dentro (Antúrio 12 anos - GF)

Apesar da dificuldade para visualizar que se tratava de uma imagem de um cérebro, perceberam que se tratava de alguém cheio de bebida.

Vê-se, portanto, que existem duas possibilidades de se interpretar a representação do beber muito: ou para @s adolescentes parece não existir ainda uma clareza a respeito do limiar entre o beber social e o abuso e/ou pode haver outro sentido relacionado a essa prática.

Quando se considera outras representações provenientes de atividades desenvolvidas no primeiro encontro com adolescentes, onde, ao se realizar uma tempestade de ideias, norteadas pela sentença: *ser adolescente é...* Um adolescente do sexo masculino completou:

... beber até morrer! (Miosótis – m -14 anos - GF).

É importante destacar que esse padrão do beber excessivamente tem sido adotado com frequência pelos jovens, como sinalizam as pesquisas mais recentes. Além disso, tais estudos revelaram também que tem havido crescimento nesse padrão de consumo entre as garotas (LARANJEIRA et al., 2007).

Sendo assim, apesar de o senso comum visualizar a consumo excessivo de bebida alcoólica como prática peculiar ao gênero masculino, essa pesquisa revelou que, para @s adolescentes estudados, essa diferenciação não foi relevante.

Os resultados, aqui, coincidem com outro estudo desenvolvido na cidade de Salvador, BA, em que a autora investigou o imaginário do adolescente sobre o consumo de cerveja e o processo de construção da identidade numa escola de um bairro de classe média (BOA SORTE, 1998).

A partir do momento que @s adolescentes trazem nas suas falas *ficar alcoólatra* e *beber até morrer*, contudo, entendeu-se que el@s podem não estar se referindo apenas ao *binge drinking* ou, ao consumo esporádico da bebida alcoólica, mas a uma prática frequente e/ou ao uso nocivo.

*Eles dizem que é bom! Que se pudesse bebia todos os finais de semana
(Sempre Viva – f -15 anos - E).*

Na busca de alguns sentidos para essa representação, notou-se que nela podem estar embutidas algumas outras questões que têm estreita relação com as peculiaridades dessa etapa da vida.

Na fala dos garotos foram expressas colocações relacionadas a essa prática tendo como finalidade

Pra ser mais ousado (Flor de Lótus – m -13 anos - E).

É possível inferirmos, inicialmente, que tal atitude tem a ver com a onipotência, que é algo bastante evidente nessa fase da vida, onde parece que as coisas ruins podem ocorrer com todas as demais pessoas, mas não com eles. Entretanto, ser mais ousado parece ter relação com a tolerância do organismo a grande quantidade de bebida ingerida, ou seja, quanto mais se ingere, mais ousado se é.

Ainda, sobre essa questão, a demonstração de uma das imagens utilizadas nos grupos focais: um garoto dentro de um copo, em cima de cubos de gelo, utilizada pela organização Pan-Americana de Saúde (OPAS) (Imagem 4) para alertar sobre o consumo de bebidas alcoólicas pelos adolescentes, a evocação que a imagem provocou nos grupos foi composta por extremos:

Está tentando beber o que tá dentro do copo (Miosótis – m - 14 anos GF).

Ele se afundando no álcool (Tulipa-f- 16 anos GF).

Ele tá tentando se equilibrar, para não cair dentro (Sempre-Viva – f - 15 anos GF).

Em alguns momentos, pareceu que @s adolescentes se viam na imagem apresentada e expressavam os seus próprios sentimentos acerca da melhor maneira de lidar com a disponibilidade da bebida alcoólica na sociedade, possivelmente pelo fato de o garoto do desenho ter traços que sugerem se tratar de um adolescente.

Sabe-se que as culturas juvenis articulam-se com a construção e a adoção de estilos. Para Oliveira (2006), a adoção de um estilo é o principal caminho para a afirmação da identidade.

Além disso, como afirma Bourdieu (1983), essas culturas são ao mesmo tempo produtoras e consumidoras privilegiadas desse extenso mercado de bens simbólicos, estão sujeitas e atuam nas disputas simbólicas em prol da legitimação de gostos e atitudes imaginários.

Partindo desse entendimento, notou-se que a bebida alcoólica tem assumido um lugar de bem simbólico para @s adolescentes e é possível que o limiar de tolerância possa estar se constituindo numa disputa, também simbólica, onde quem tem mais tolerância à bebida pode estar em vantagem sobre os demais, podendo ser tidos como mais frágeis.

A maior tolerância, contudo, ao contrário do que possa parecer, diz respeito à “necessidade de quantidades progressivamente maiores de substância para produzir o efeito desejado ou intoxicação” (Niscastri, 2008). E testar os próprios limites pode significar estar pondo a vida em risco.

Comentando sobre esse sentimento de invulnerabilidade d@s adolescentes, Tondowski et al. (2007) referem que el@s têm a ilusão de serem

inatingíveis e invencíveis. Essas autoras ressaltam ainda que é especialmente na adolescência que as drogas exercem seu maior fascínio.

Desse modo, nota-se que essa prática também confere @s adolescentes maior visibilidade perante os seus pares, como evidencia a expressão abaixo.

Eles bebem pra se amostrar, pra dizer que eles bebem e os outros não bebem. (Onze-Horas – f -10 anos E).

A relevância da influência exercida pelos amigos esteve presente na maioria das entrevistas e também nos grupos focais. Além disso, durante o período de observação, também se pôde verificar que tal prática está relacionada a estarem em grupo.

Eu já vi um bêbado. Ele não se aguentava em pé. Tava atravessando na frente dos carros, motos, tava com uns Mac...meninos! (Antúrio – m - 12 anos E).

É visível que o início do uso de drogas lícitas e/ou ilícitas se dá geralmente na adolescência.

Por ser uma fase de curiosidade, de movimentos de individuação, de especial valorização do grupo de amigos e do conhecido comportamento rebelde, muitas vezes necessário para iniciar seu corte do cordão umbilical familiar (SCHENKER 2008, p.13).

Talvez essa necessidade de adquirir visibilidade, portanto, esteja atrelada também à delimitação da passagem d@s adolescentes para o mundo adulto. Já que tal prática é tida como lícita e naturalizada para os indivíduos a partir dos dezoito anos.

A mãe diz pra ele não beber, aí ele diz: - ah! Eu já sou grande! Não ia ter problema (Girassol – f -11 anos E).

Bebem pra se sentir melhor, ter autoridade, fazer tudo o que quiser (Antúrio – m - 12 anos E).

Quando se verifica a historicidade do consumo de bebidas no Brasil,

encontra-se uma citação de Raminelli (2005, p.21) onde comenta sobre o consumo de uma bebida alcoólica proveniente da fermentação da mandioca, o cauim, entre os índios tupis do sexo masculino: para os membros dessa tribo, para beber era preciso atingir a puberdade. Essa prática e a captura de um inimigo seguido da sua morte faziam parte do ritual de passagem para a idade adulta. Para comemorar tal feito, pela primeira vez lhes era permitido beber o cauim e, a partir daí, eles já eram considerados núbeis e bebiam para festejar a sua virilidade.

Ainda sobre a questão da história do álcool no Brasil, Andrade e Espinheira (2008) comentam que, antes da chegada dos portugueses ao Brasil, o consumo de bebidas estava associada a rituais e festas, fazendo parte de uma pauta cultural bem definida. Com a chegada dos portugueses, que já conheciam o vinho e a cerveja, aprenderam também a fazer a cachaça. E o uso de tais substâncias era natural.

Porém, na atualidade, a bebida alcoólica, com todas as suas variedades e marcas, tornou-se um padrão cultural; isto é, tornou-se um dispositivo social inserido em pautas culturais, em hábitos e costumes como um elemento simbólico (ANDRADE; ESPINHEIRA 2008, p.80).

Sabendo que a sociedade brasileira é originária da miscigenação entre índios, africanos e portugueses, pode-se supor que, na atualidade, @s adolescentes têm retomado esse ritual, lançando mão da bebida alcoólica a fim de demonstrar sua inserção nas práticas socialmente aceitáveis no mundo adulto, beneficiando-se da desinibição por ela provocada, para se aproximarem do sexo oposto.

Vê-se que o pressuposto de que essa prática pode estar sendo incorporada pel@s adolescentes como um ritual de passagem para o mundo adulto se confirma, através dessas colocações.

Outr@s adolescentes referiram que ingerir bebidas alcoólicas tem como finalidade se aproximar do sexo oposto, através das seguintes assertivas:

Elas bebem para ter namorados (Flor-de-Maracujá – f - 11 anos E).

Um grupo de amigos num bar pra ver as mulheres... beber (Miosótis – m - 14 anos GF).

Diante dessas colocações, percebe-se que a busca pela desinibição

também tem sido razão relacionada à ingestão de bebidas alcoólicas pel@s adolescentes.

Outra questão, contudo, pertinente à vulnerabilidade na adolescência se faz notória através dessa fala. Sabe-se que o imaginário social nutre associação entre ingestão de bebida alcoólica e exacerbação da sexualidade.

Tratando desse assunto, Fernandes (s.d.) faz uma reflexão a esse respeito, comentando sobre a cultura grega, onde as festas destinadas ao deus Dionísio também serviam para alimentar a sociabilidade e a sensualidade, contudo, o destaque a seguir permite fazer um contraponto ao que viu acontecer e ser estimulado no contexto atual ao referir que tal ato:

Não deve ser fomentado entre a juventude, porque não promove a virtude e a coragem, mas somente o prazer. O vinho não é compatível com o sentido de responsabilidade (FERNANDES s.d. p.24).

Se se atentar para o que nos dias atuais vem acontecendo, nota-se que, de várias formas, as mensagens que são veiculadas na sociedade, trazem uma leitura às avessas de tal colocação. Pois, o tempo inteiro, se é bombardeado por quantidade exorbitante de propagandas relacionadas às bebidas alcoólicas, em que as pessoas que aparecem são jovens, bonitas e vendem uma imagem de felicidade, conquista e sedução e têm como público-alvo os jovens.

Acredita-se que tal contexto se reflete também nos resultados de pesquisas realizadas sobre a relação entre o consumo de drogas e comportamento sexual de adolescentes, em que foi constatado que existe relação entre consumo de álcool e comportamento sexual de risco (SCIVIOLETO et al. 1999).

Tal evidência também emergiu no discurso dos sujeitos, através do comentário:

Diz que saiu com uma menina, beberam muito, depois transaram (Antúrio - m -12 anos E).

Somado a esse comentário, outras questões levam a crer que essa condição também expõe @s adolescentes a outros riscos, talvez menos evidentes para el@s.

Um dia, o homem bebeu e o outro ficou com inveja porque ele tava com uma menina de 10 anos (Onze horas- f-10 anos GF)

Entende-se que os efeitos da bebida alcoólica, associados ao estereótipo de que uma mulher embriagada está sexualmente disponível, e também ao fato de o álcool ser utilizado como justificativa para a violência sexual masculina, como comenta Olic (2007), pode estar fazendo dessa e de outr@s adolescentes que adotam essa conduta, vítimas em potencial.

A transgressão surgiu também no discurso dos adolescentes de maneira muito frequente. Entende-se que, através dessa atitude, @s adolescentes tentam exteriorizar algumas percepções que fazem do mundo e da estatura social da qual fazem parte. Aqui foi notória a diferença do significado da transgressão entre as garotas e os garotos. Enquanto elas exteriorizaram as seguintes situações:

Uns colegas já beberam na frente da escola, a diretora descobriu e todos levaram suspensão (Bugueville - f - 12 anos E).

Nem a mãe nem o pai sabem que tá bebendo (Tulipa- f-16 anos E).

O que denota uma atitude que contraria as regras impostas, sem, contudo, causar maiores prejuízo à sociedade, no que tange às consequências; pois, ao levarem suspensão, provavelmente foram @s únicos prejudicados e, ao fazerem algo escondido dos pais, estarem testando até onde podem extrapolar os limites por eles estabelecidos.

Para os garotos, porém, a transgressão está mais relacionada a atos que beiram as infrações mais graves, passíveis até de intervenções judiciais.

A gente, esses meninos... bebem pra fazer crimes, roubos, furtos...Esses adolescentes podem ser presos também” (Jasmim – m - 12 anos E) .

Para alguns autores, a exemplo de Zaguri (2004, p.107) essas ocorrências podem também estar ligadas à onipotência d@ adolescente. Segundo essa autora, “eles se sentem fortes, imortais e corajosos [...]. Precisam provar isso a si próprios e ao grupo, por isso alguns participam de atividades perigosas ou até mesmo ilegais”. Contudo, em se tratando d@s sujeitos deste estudo, as práticas mais extremas foram tidas como peculiares ao gênero masculino.

Estar junto a alguém representou condição primordial para o consumo de bebidas alcoólicas para todos os sujeitos do estudo. Sabe-se que o ser humano é um ser de relações. Especificamente na adolescência, parece que se sentir fazendo

parte de um grupo tem maior significação. Sendo assim, notou-se que parece haver uma avidez d@s adolescentes para serem aceitos, ainda que essa busca signifique adotar práticas comuns ao grupo, mesmo que possam se tornar nocivas.

Por outro lado, em função da cultura ser tão permissiva com relação ao consumo de bebidas alcoólicas, mesmo na adolescência, já que a legislação que regula esse consumo tem sido visivelmente descumprida em todas as regiões do país, parece que adotar uma prática contrária ao consumo naturalizado, poderia significar uma exclusão iminente (BIAZOLI-ALVES, FISCHMAMN, 2001).

Bebem porque parece que já virou moda! (Bem-me-quer- f-13 anos E).

Apesar dessa expressão, entende-se que, diante da evidência de a ingestão de bebida alcoólica constituir-se em prática milenar, transmitida de uma geração para outra, que Sperber (2001) chama de representação cultural, difere da moda porque essa tem duração bastante curta.

Nos grupos focais, ao visualizarem a imagem que retratava grupos consumindo bebidas alcoólicas (Imagem 3), a leitura que faziam era relacionada a festas e comemorações entre amigos.

Um monte de gente bebendo no bar comemorando (Bugueville – f - 12 anos GF).

Tal associação é perfeitamente compreensível, em decorrência de todas as imagens estampadas nos *outdoors*, veiculadas pela televisão e demais meios de comunicação aos quais @s adolescentes têm acesso.

O estar junto, contudo, necessariamente não representou apenas estar com os amigos ou com a galera. Muitas vezes era estar participando de uma festa em família, onde todos os presentes, incluindo os próprios adolescentes, tinham acesso à bebida alcoólica.

As festas juninas foram colocadas pel@s adolescentes como boas e também como ruins, sob a justificativa de que nos forrós sempre ocorrem brigas, porque os homens bebem muito e resolvem “mexer com a mulher alheia”, o que causa até mortes.

Em outro momento, foi colocada a ocorrência de queimaduras nas festas

juninas como sendo algo ruim. Segundo @s adolescentes, elas acontecem pela falta de cuidado ao soltar fogos, balões que provocam incêndio e também por causa de pessoas embriagadas que resolvem pular fogueiras, participar de guerras de espadas (um tipo de fogos de artifício), e saírem dirigindo sem estar em condições, colocando em risco a própria vida, da sua família e de outras pessoas.

Isso se deu também a partir da visualização de uma das imagens utilizadas no grupo focal na qual havia um carro dentro de um copo de cerveja (Imagem 9).

Pegar carro do pai e da mãe (escondido) vai passear com amigos e provocar acidentes como passa no jornal (Flor-de-Maracujá – f -11 anos GF).

Foi comprar cerveja (a mando dos adultos); ele pegou e bebeu... (Antúrio – m -12 E).

Ainda, em relação a essa imagem, reportaram-se imediatamente às propagandas veiculadas pela mídia relacionadas aos acidentes de trânsito e ao slogan “se beber, não dirija”.

Perdeu a direção (Angélica – f - 10 anos GF).

Pode causar acidentes (Gérbera – f -12 anos GF).

Entretanto, tais colocações, necessariamente não correspondiam ao fato de el@s terem verificado que as pessoas que dirigem acatam essa recomendação. Através de expressões faciais e comentários paralelos ao longo da atividade, percebeu-se que el@s estão atentos ao que a mídia veicula, mas também observam como as pessoas transgridem as regras socialmente impostas.

4.3.1.1 Meu pai bebe, é pressão dos amigos, todo mundo bebe!

As representações d@s adolescentes acerca do consumo de bebidas alcoólicas levaram ao entendimento de que muit@s já tiveram suas primeiras experiências com essa substância. Essa percepção foi ainda mais esclarecedora

diante do que @s adolescentes expressaram em relação ao hábito de beber dos adultos, demonstrando o quanto isso é relevante nas suas decisões, nem sempre reforçando essa prática como algo a ser reproduzido.

... Aí como meu pai, ele bebia, bebia tanto! Mas tava causando muitos problemas. Minha mãe falava: (...) para! e meu pai nem aí! Quando ele bebia tava feliz. (Bugueville -f-12 anos GF).

É importante, entretanto, ressaltar que a família é um princípio de construção da realidade social e, ao mesmo tempo, socialmente construído.

Assim, a família como categoria social objetiva (estruturante) é o fundamento da família como categoria social subjetiva (estrutura estruturada), categoria mental que é a base de representações e ações (casamentos, por exemplo) que contribuem para reproduzir a categoria social objetiva. Este é o círculo de reprodução da ordem social (BOURDIEU, 1996, p.128).

Como parte desse ciclo, para o senso comum, há um ideal de família enquanto entidade protetora, alicerçada no amor e respeito mútuos; contudo, o autor supracitado comenta que a existência dessa família idealizada precisa dispor de condições sociais que nada têm de universal e que, em todo caso, não são distribuídas de maneira uniforme (por exemplo: renda, um imóvel etc.). (p.131)

Diante das observações realizadas a respeito das famílias às quais @s adolescentes pesquisados pertencem, notou-se que, na maioria delas, o ideal de família não corresponde ao real, visto que, em alguns momentos el@s exteriorizavam as dificuldades com as quais convivem e deixavam transparecer como essas situações repercutem nas suas vidas.

Já no grupo focal, composto apenas por garotos, as mesmas imagens suscitaram atitudes diferentes no que diz respeito aos eventos evocados durante a realização da atividade.

Um dos adolescentes, mesmo diante da imagem de um carro dentro de um copo de cerveja, contou sobre um acidente em que seu pai estava dirigindo sóbrio, e atropelou um homem embriagado, mostrando que, mesmo sem estar dirigindo, a bebida pode provocar acidentes e até morte.

Meu pai atropelou um homem com o ônibus que ele dirigia... Ele não tava bêbado não, mas o cara tava. Aí meu pai perdeu o emprego; ele ficou mal (Crisântemo- m- 12 anos GF).

Tal colocação levou à compreensão do quanto é importante que os acontecimentos sejam vistos sob vários ângulos, tal como esse adolescente, que conseguiu enxergar além do que tem sido difundido, demonstrando que não só os motoristas precisam tomar consciência dos perigos relacionados ao uso abusivo das bebidas alcoólicas.

Na falas desses adolescentes, é possível verificar que, em situações distintas, eventos relacionados ao consumo de bebidas alcoólicas interferiram na sua dinâmica familiar e, conseqüentemente, na representação dos mesm@s acerca dessa prática.

Desse modo, não se pode esquecer de que, como afirma Setton (2005), a primeira instância socializadora a que se tem acesso é a família e, por esse motivo, também influencia as representações que atribuímos às nossas práticas. Constatação evidenciada na realização desta pesquisa.

Numa imagem utilizada nos grupos focais, na qual se mostrava um pai tomando cerveja com um filho no colo (Imagem5), el@s relataram que comumente veem pais bebendo acompanhado dos filhos.

Vi um menino de quinze anos no bar bebendo com o pai (Jasmim – m- 12 anos GF).

Quando estou com minha mãe não, mas fim de semana quando vou pra casa de meu pai, eu bebo mesmo! (Miosótis – m - 14 GF).

Sobre essas atitudes dos pais em relação aos filhos do sexo masculino, Zaguri (2004, p.256) refere que o álcool é também visto como um símbolo de masculinidade e, comumente, os pais dão bebidas aos seus filhos ainda pequenos e, orgulhosos, exibem que o filho saiu ao pai para os amigos.

Além dessa questão, a autora também comenta acerca da força do exemplo, falando de cenas típicas nas reuniões de família em que os pais sempre têm nas mãos um copo de cerveja, porém, discordam que seus filhos adotem tal conduta. Um exemplo típico dessa situação foi também encontrado no neste estudo.

Meu pai chama todo mundo pra ir pro trailer com ele de carro. Aí os adultos todos bebem; as crianças não... Eu acho que devia botar açúcar na bebida porque é azedo, pró! É tão branca, tão branca que parece água... Eu nunca bebi! (Onze- Horas – f - 10 anos E)

Assim, el@s fingem que obedecem e os pais fingem que acreditam, porém, encontra-se outra situação em que a permissividade foi clara e, apesar de @ adolescente em questão participar de tal prática, condenou a atitude dos pais.

Eu acho irresponsabilidade dos pais. Quando tem festa todo mundo lá em casa bebe! Todo mundo deixa... Minha mãe, meu pai e eu também e meu irmão de 15 anos também (Angélica – f - 10 anos E).

Outro adolescente rememorou questões provenientes do que vivenciam no seu cotidiano em relação às atitudes paternas no que diz respeito ao consumo de bebidas alcoólicas.

Eu penso que é meu pai (Miosótis- m – 14 anos GF).

Essas colocações levam a pensar a respeito da confusão que deve ser para esses seres em formação compreenderem que as pessoas que, para el@s são referências, adotam determinadas práticas que el@s veem, mas não devem reproduzir porque não é bom, nem saudável.

Apesar da evidência de que o pai se fez mais presente nos relatos d@s adolescentes do que a figura materna, acredita-se que isso não signifique que as mesmas sejam abstêmias, contudo, pelo fato de a embriaguez masculina ser mais bem tolerada pela sociedade, entende-se que essas mulheres possam fazer apenas o uso esporádico.

Em contrapartida, os conflitos familiares são tidos pel@s adolescentes como causas para o consumo de bebidas alcoólicas por parte dos mesmos.

Não sei... Deve ser por causa de brigas dentro de casa... Com os pais e já influenciam e se a mãe não educar e nem o pai... Aí se vicia por causa da vida deles ((Flor de Lótus-m- 13 anos E).

Ainda sobre as razões para o consumo de bebidas alcoólicas, @s adolescentes fizeram os seguintes comentários:

Acho que alguns adultos bebem cerveja, tem vezes porque está triste e aí vai pra encher a cara. E os adolescentes bebem por diversão (Rosa- f - 12 GF).

Como eu já falei, eu acho que bebem por pressão dos amigos (Jasmim- m- 12 anos E).

Diante das situações presentes nas falas acima, nota-se que, assim como entre os adultos, a busca pela bebida, pode estar relacionada ao lazer ou ao alívio das tensões oriundas dos conflitos familiares ou entre os pares.

Encontrou-se nesses resultados semelhança com os achados da pesquisa realizada por Parizotto (2005), que teve como objetivo investigar os sentidos atribuídos pelos adolescentes ao consumo do álcool, onde a facilitação para a socialização e enfrentamento de situações novas e também a existência de relação entre essa prática e o fato de os pais beberem habitualmente, o consumo está associado ao sofrimento e à fuga da realidade.

Retomando o pensamento de Bourdieu acerca do capital simbólico

É uma propriedade qualquer - força física, riqueza, valor guerreiro - que percebida pelos agentes sociais dotados das categorias de percepção e avaliação que lhes permitem percebê-la, conhecê-la e reconhecê-la, torna-se simbolicamente eficiente, como uma força mágica: uma propriedade que, por corresponder “às expectativas coletivas”, socialmente constituídas, em relação às crenças, exerce uma espécie de ação à distância, sem o contato físico (BOURDIEU, 2007, p.170).

É possível reiterar que, na atualidade, a bebida alcoólica tem se constituído num capital simbólico, à medida que mesmo para @s adolescentes que nunca consumiram essa substância, ou seja, não tiveram o contato direto com a mesma, haja uma representação socialmente construída exteriorizada a partir das suas falas.

Além disso, esse capital simbólico é comum a todos os membros de um grupo. Bourdieu (2007) se refere também à transfiguração de atos econômicos em atos simbólicos; ou seja, a bebida tem deixado de ser algo apenas material para se tornar uma espécie de mensagem ou um símbolo adequado à criação de um laço social.

Sendo a bebida alcoólica uma substância que sabidamente promove a interação social, foi demonstrado, através das falas d@s adolescentes, também que é reconhecida por el@s como agente socializador.

A partir dessas considerações, imagina-se que as práticas sociais e o significado que lhes é atribuído, quando se tornam presentes de maneira tão

marcantes, a exemplo do consumo de bebidas alcoólicas, se constituem em representações que, como refere Montagner (2006), podem estar se tornando, na verdade a manifestação de um *habitus*.

Notoriamente a relevância que se tem se atribuído ao consumo de bebidas alcoólicas, principalmente na adolescência, demonstra que, “como ato simbólico, supõe atos de conhecimento e de reconhecimento, atos cognitivos por parte daqueles que são seus destinatários” (BOURDIEU, 2007, p.168).

Sendo assim, para @s adolescentes, o consumo de bebidas alcoólicas representa ruptura com o mundo infantil e, conseqüentemente, o reconhecimento da sua inserção no mundo adulto.

No que diz respeito à participação da escola na elaboração e/ou reprodução das representações acerca do consumo de bebidas alcoólicas, parece que, para os sujeitos deste estudo, ela é tida como um espaço de socialização pelo fato de se encontrarem com seus colegas e partilharem as suas vivências. Contudo, sentiu-se que, diante da postura adotada por uma educadora que encontrou adolescentes alcoolizados e deu suspensão a todos, parece que tal conduta repressiva pode não ter propiciado reflexão acerca do acontecimento.

Ainda, sobre a escola, enquanto cenário de vida uma das adolescentes entrevistada, trouxe outro evento ocorrido.

Também teve uma menina lá da escola, numa festa que teve no São João que bebeu com a amiga. Elas beberam... eu acho que foi num bar... Aí veio pra festa tonta (Girassol - f - 11 anos E).

Em nenhuma das situações trazidas pel@s adolescentes, entretanto, se conseguiu notar a existência de alguma abordagem pedagógica acerca do acontecimento. O que se notou foi a adoção de estratégias pel@s adolescentes para que inviabilizassem a punição por parte da escola, ao invés de beberem dentro da instituição ou nas proximidades, buscaram outros espaços, a exemplo das praças, *trailers* e até mesmo os bares que não têm cumprido a lei que proíbe a venda de bebidas para menores de dezoito anos.

Sobre a dificuldade de as escolas lidarem com questões referentes às drogas, Ribeiro (2005) entende que seja necessária aliança entre a família e a escola, a fim de adotarem proposta antirrepressiva e antipreconceituosa através da

pedagogia da autonomia idealizada por Paulo Freire, contudo, por se tratar de tema complexo e multifacetado, acredita-se que ainda seja necessário maior investimento na preparação dos docentes a fim de instrumentalizá-los para tal conduta.

Atrelado a essa realidade, Oliveira (2006, p.249) comenta que imergir no universo dos jovens significa mergulhar no mundo das imagens e que seu imaginário é mobiliado pelo universo simbólico difundido pelo extenso mercado de bens culturais que faz parte da vida cotidiana.

Sendo assim, é perceptível que tensões, conflitos e mutações constantes permeiam essa relação entre o que Sperber (2001) chama de representação mental, representação cultural e a representação pública.

E nesse verdadeiro emaranhado de discursos e fotografias do cotidiano que compõe o imaginário social, que esses seres em formação tentam fazer a sua própria leitura do mundo e elaborar suas representações.

Outra colocação feita por el@s foi que tem gente que fica triste porque a bebida acabou, ao tentarem interpretar uma das imagens utilizadas durante as atividades com grupos focais.

O copo cheio e feliz tá igual à cara do grupo; quando acabar vão ficar tristes. Se encher o copo de novo ficam felizes (Onze - Horas – f - 10 anos GF)

Isso levou à inferência de que, para est@s adolescentes, as pessoas procuram encontrar a felicidade através da ingestão de bebidas alcoólicas, fazendo com que essa representação seja algo muito frequente.

Mais uma vez é notória a repercussão do que é veiculado na mídia de forma massificadora, como é o caso das músicas em que as letras fazem apologia ao uso abusivo de bebidas alcoólicas e, por vezes, de outras substâncias psicoativas. Constata-se que a intenção de naturalizar essas práticas também permeia tais composições.

Além disso, as cervejarias se constituem nas maiores patrocinadoras das festas populares como o carnaval e, de modo controverso, também os eventos esportivos, a exemplo das olimpíadas, campeonatos de futebol, entre outros.

Todo esse contexto se reflete também na visualização das festas populares como momentos propícios para o consumo de bebidas alcoólicas.

Na expofeira, tava tendo show de Tayrone Cigano... Tava tendo muita gente bêbada! (Tulipa- f -16 anos E).

A celebração de algum acontecimento, através da imagem de um grupo bebendo em volta de uma mesa, foi assim interpretada

Tão comemorando algo... Promoção no emprego... (Angélica – f - 11 anos GF).

Assim, se se observar as mensagens veiculadas em torno da bebida alcoólica, verifica-se que está sempre associada a comemorações, festas, gente jovem e bonita. Portanto, ao verem uma imagem em que um grupo está reunido bebendo, el@s estabelecem um *link* entre o que veem e o que supostamente deve estar motivando tal prática. Além disso, “é preciso reconhecer que o uso de bebidas alcoólicas muitas vezes se dá em situações sociais de alegria e prazer”(ANDRADE; ESPINHEIRA, 2008, p.85)

Sabe-se, porém, que o álcool faz parte tanto das festividades sociais quanto da economia. E, como referem Bruchele e Cruz (2008), essa aceitação é determinada, em geral, por valores sociais e culturais, ou seja, não é por acaso que, apesar de toda a produção do conhecimento acerca dos problemas relacionados à ingestão excessiva de bebidas alcoólicas, existam tantas estratégias para manter a sua circulação na sociedade, e ocorra ainda tanta possibilidade em relação ao descumprimento das regras de controle.

Um dos adolescentes do sexo masculino demonstrou ter uma visão mais ampla do que está acontecendo em relação ao aumento do consumo de bebidas alcoólicas ao dizer que

A bebida tá dominando o mundo (Lírio – m - 11 anos GF)

Entende-se que os pensamentos expressos pel@s adolescentes são elaborados a partir das suas experiências, ou seja,

Da situação de cada um no emaranhado social, no mundo e das formas de nos relacionarmos com ele; e da cultura; ou seja, a herança simbólica por meio da qual processamos essa experiência, a linguagem - no sentido mais amplo do termo - por meio do qual a codificamos (ROMANI, 2003, p.33).

Sendo assim, ao exteriorizar essa leitura que faz da questão do consumo

de bebidas alcoólicas no contexto mundial, esse adolescente expressou a sua decodificação de todas às informações as quais tem acesso nos espaços em que está inserido.

Desse modo, é notório que @s adolescentes constroem e expressam suas identidades a partir do que consomem, a exemplo de comidas, bebidas e objetos e também das produções culturais.

Ainda sobre a produção/reprodução das representações socialmente construídas, percebe-se outras questões pertinentes ao gênero, relacionadas ao consumo de bebidas alcoólicas de maneira muito enfática.

Mesmo que a literatura esteja demonstrando que as adolescentes têm adotado práticas semelhantes à dos adolescentes do sexo masculino (Laranjeira et al., 2007) e que, para @s adolescentes que participaram deste estudo, beber muito prevaleça entre ambos os sexos, verifica-se que no grupo focal em que os participantes eram todos do sexo masculino, as falas dos sujeitos remetiam ao consumo de bebidas alcoólicas como sendo uma conduta para homens.

É proibido mulher beber (Miosótiis – m - 14 anos GF).

Essa atitude denota que o ato de beber para ele está relacionado à identidade de gênero, visto que, apesar do consumo de bebidas alcoólicas ter se tornando prática adotada também pelas adolescentes, tal prática é sabidamente mais tolerável pelos indivíduos do sexo masculino como espaço de dominação e poder (BOURDIEU, 2007).

Sobre essa questão, Travesso-yépes e Pinheiro (2005), reportando-se ao pensamento de Bourdieu, destacam que é relevante considerar

A infância e adolescência não apenas como construções sociais mediadas sempre pela dimensão sociocultural, mas uma etapa chave de definição do *habitus social* entendido como o universo simbólico que gera o estilo peculiar de pensar e de agir individual (p.150).

Certamente que, por traz da fala desse adolescente, estão as concepções relativas aos espaços do feminino e do masculino na estrutura social, em que, ainda que se possa visualizar uma mudança, persistem no imaginário dos indivíduos e compõem o universo simbólico.

Assim, esse adolescente trouxe na sua expressão o que o senso comum ainda considera como prática pertinente ao gênero masculino. Porém, durante a realização das entrevistas, uma adolescente fez um comentário bem diferente em relação ao consumo de bebidas alcoólicas:

Eu vejo as meninas de 14 anos no parque da cidade... tudo bebendo! Pegam uma mesa com quatro cadeiras e sentam. Se amostram pró! tomando cerveja com um monte de garrafas debaixo. (Onze-Horas – f - 12 anos E).

Desse modo, verifica-se que as garotas também têm adotado essa prática, mesmo que ainda esteja a visualizem como algo peculiar aos garotos pelo senso comum.

Sendo assim, pode-se afirmar que as representações sociais não são excludentes, podendo coexistir representações diferentes. Sobre essa afirmação, Sperber (2001, p.101) fala que “as representações tendem a ser transformadas mais do que reproduzidas exatamente, cada vez que são transmitidas”.

Apesar de, em se tratando de seres adultos:

A relação do indivíduo com cada substância psicoativa pode, dependendo do contexto, ser inofensiva ou apresentar poucos riscos, mas também pode assumir padrões de utilização altamente disfuncionais, com prejuízos biológicos, psicológicos e sociais (DUARTE; MORIHISA 2008, p.42).

É importante atentar para a visualização da infância e adolescência como fases em que os indivíduos, ainda que ávidos a novas experiências, precisam ser preservados de algumas práticas que podem provocar prejuízos pessoais e sociais às vezes irreversíveis.

Salienta-se que a intenção, aqui, não é a de fazer oposição às bebidas alcoólicas, ou de defender sua extinção na sociedade, como em alguns momentos históricos já se tentou fazer com essa e com outras substâncias psicoativas, contudo, é necessário estar sensível à repercussão dessa prática, quando os sujeitos em questão são seres em formação, sem se perder de vista que as pesquisas mais recentes vêm constatando que é na adolescência que a prática de ingerir bebidas alcoólicas tem se iniciado e, portanto, as estratégias de prevenção devem, na medida do possível, preceder as primeiras experiências e/ou contribuir

para o seu adiamento.

Comentário extremamente presente no decorrer deste trabalho de campo foi através da evocação de uma música divulgada no período da nossa coleta, em que o refrão era *vamos simbora, pro bar. Beber, cair e levantar!* Em todos os grupos focais e em algumas entrevistas, particularmente os garotos rememoravam a referida música.

É importante ressaltar que a música também compõe esse universo e vem embalando os movimentos sociais, a exemplo dos movimentos de contracultura que deram ênfase à liberdade individual, associada às preocupações sociais, tipificado, entre outros, pelo movimento *hippie* (MOURÃO, 2003).

Período esse em que bandas de *rock* e diversas produções artísticas expressavam a transformação do mundo existente e a quebra de paradigmas, proposto pela geração que vivenciou a juventude a partir das décadas de 60 e 70. Por esse motivo não foi surpresa el@s estarem rememorando músicas que têm sido divulgadas na atualidade, principalmente nos ritmos de *axé music* e *forró*, associando o beber à felicidade, ao esquecimento de problemas e à desinibição, sempre que o tema em questão é a bebida alcoólica.

Outra colocação interessante foi a associação dessa prática a pessoas pertencentes à classe de artistas e/ou famosos

Uma menina que canta na banda de meu tio, ela bebe e fuma! Tem 16 anos (Gérbera – f -12 anos E).

Essa colocação levou a associar tal conduta às propagandas relacionadas às bebidas alcoólicas, que têm como protagonistas cantores, artistas e esportistas famosos.

Na fala dessa adolescente, quando associada à expressão facial e entonação da voz, durante a entrevista, ficou evidente que, sendo artista, se pode consumir bebidas alcoólicas e também outras substâncias.

Atrelado a isso, ainda durante o período de aproximação e captação dos sujeitos do estudo, quando foi realizada uma oficina com o tema “adolescência e projetos de vida”, muit@s exteriorizaram o desejo de ser artistas, bailarinas de bandas de *axé music* e jogadores de futebol.

Assim, entende-se que seja importante atentar-se para as mensagens que

são transmitidas de maneira sutil e constante, associando a fama ao uso e/ou abuso do álcool e também a outras substâncias psicoativas.

Sobre essa questão da mídia, enquanto instância socializadora no contexto atual, e sua influência em relação às substâncias psicoativas, Noto e Bouer (2008) comentam que a maneira que os meios de comunicação lidam com o tema é permeado por contradições.

Por um lado, a população recebe uma série de informações sobre a violência relacionada ao tráfico e sobre os “perigos das drogas” e, por outro lado, é alvo de sofisticadas propagandas para estímulo de venda de bebidas alcoólicas [...] o que gera posturas extremamente incoerentes sob a ótica da saúde (NOTO; BOUER, 2008, p.110).

Diante disso, se promove a criação no imaginário social, de que as substâncias tidas como lícitas são menos lesivas. Desse modo, verifica-se que a mídia tanto pode atuar como indutora do uso através da forma como apresenta algumas substâncias ou, como referem os autores supracitados, pode atuar como indicador epidemiológico, ao antever o fenômeno antes de ser mensurado pela ciência. Sendo assim, a mídia, a opinião pública, o comportamento de uso das SPAs e políticas públicas, na opinião dos mesmos, interligam-se numa relação complexa.

Para Andrade e Espinheira (2008), os efeitos da propaganda de bebidas alcoólicas parecem ser cumulativos. Ou seja, a exposição ao longo do tempo a variadas propagandas sobre o produto acaba por influenciar na avaliação que as pessoas fazem sobre o mesmo.

Com relação ao público infantil, esses autores comentam que as crianças expostas à propaganda na TV também desenvolvem a crença positiva maior sobre consumir álcool e maior expectativa para consumi-lo quando adultas. Nesses apelos ao consumismo compulsivo com os quais vivemos na atualidade, para Carneiro (2005)

Criam-se desde a infância os viciados em marcas, a exemplo do Mac Donald's ou Coca-Cola [...] é a prevalência de uma cultura do simulacro, onde a produção de imagens preenche todas as telas e os cartazes com fetiches consumistas explorados por meio de técnicas publicitárias insidiosas (p.22).

Assim, articula-se tais circunstâncias ao pensamento de Debord que traz uma visualização da sociedade capitalista como a sociedade do espetáculo:

O espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas mediada por imagens [...] a linguagem do espetáculo é constituída por signos da produção reinante, que são ao mesmo tempo o princípio e a finalidade última da produção. A realidade surge do espetáculo, e o espetáculo no real. Esta alienação recíproca é a essência e o sustento da sociedade existente (DEBORD, 2003, p.10).

Possivelmente as representações e atitudes que se observa na atualidade, em relação às bebidas alcoólicas, portanto, provêm da maneira como desde a tenra infância @s adolescentes vieram acumulando fotografias do cotidiano e também as mensagens veiculadas nos meios de comunicação e do comportamento dos seus familiares como se evidenciou desde a reunião com a comunidade para apresentação do projeto, através da observação de que na orientação dos filhos vale o adágio popular “faça o que eu digo e não o que eu faço”.

4.3.2 Se diverte, vomita, pratica crimes, acidentes e morre

As consequências do consumo de bebidas alcoólicas emergiram nas suas falas, inicialmente através das alterações relacionadas ao comportamento e consequências físicas. O mal-estar e a embriaguez foram colocados pela maioria dos participantes, entretanto, também foi citada a amnésia alcoólica.

Os adolescentes bebem por diversão! (Rosa - f - 12 GF).

*Ele tá bebendo até embaixo. Olha para bochecha dele como tá vermelha!
(Copo- de- Leite – m -12 anos GF).*

*Tropeçando e tudo, vomitou... no outro dia não se lembrava de nada (Dália
– f -13 anos E).*

Assim, entende-se que, apesar das representações elencadas pel@s adolescentes discutidas anteriormente, el@s têm clareza de que tal prática também pode incorrer em consequências desagradáveis, conforme as falas acima.

É importante, contudo, ressaltar que os valores sociais e as expectativas relacionadas ao uso precisam ser considerados.

Existe uma aceitação difundida na sociedade industrializada ocidental da estrada química para o sucesso através de reconfortantes químicos legais

ou ilegais pela seguinte fórmula: **indivíduo + substância química = sucesso** (HELMAN, 2009 p.185).

Sendo que o sucesso para o autor pode ser definido em termos mentais, sociais, sexuais e econômicos, e a substância pode variar da lícita à ilícita. Entretanto, ainda que o desejo do adolescente seja a inserção a um grupo, fuga da realidade, desinibição ou testar seus próprios limites, pode ocorrer o encontro com outras ações e/ou reações.

Outras consequências elencadas pelos sujeitos do estudo estão estreitamente relacionadas às instâncias socializadoras nas quais estão inseridas, especialmente a família e os seus pares; o que era esperado, visto que a bebida alcoólica é tida como agente socializador.

Sobre a fragilidade da família na sua função, Martins e Pillon (2008) comentam que o contexto atual permite concluir se vive numa sociedade carente de mãe e pai, na qual faltam limites e critérios norteadores das ansiedades cotidianas que se exacerbam. Diante da necessidade de assumir outras tarefas, a fim de propiciar a provisão da família, nota-se a existência de uma lacuna que a escola não consegue preencher e que tem sido ocupada por outrem, a exemplo da televisão, da *internet* e também da troca de experiências com os pares.

Para os adolescentes deste estudo, as consequências mais evidentes foram: brigas, acidentes, espancamentos e morte. Em todas essas colocações, nota-se que alguns deles estavam evocando experiências pessoais e/ou entre pessoas muito próximas.

Ele tem um amigo que morreu disso: bebida e cigarro... Na expofeira tava rolando muita gente bêbada, brigando, se espancando (Tulipa -f- 15 anos E).

Tavam bêbados atravessando na frente dos carros, motos... Meninos! (Antúrio - m -12 anos E).

Além disso, percebe-se associação frequente do consumo de bebidas alcoólicas à ocorrência das violências, como se naturalmente uma coisa desencadeasse a outra.

Entende-se que tais colocações são, em parte, consequentes à leitura que o senso comum faz acerca desses acontecimentos. Porém, vários estudos nacionais e internacionais também sinalizam para essa relação, a exemplo de Windle (2003),

Pillon (2005), Morojele e Brook (2006). Contudo, é importante ressaltar que tais colocações precisam ser mais bem analisadas, pois violência e uso de álcool não possuem relação causal simples e unidirecional.

A Organização Mundial da Saúde (WHO, 2002) publicou o Relatório Mundial sobre Violência e Saúde, revelando o problema da violência como um fenômeno mundial e definiu a violência como:

O uso intencional da força física ou do poder, real ou em ameaça contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação de liberdade (WHO, 2002, p.5).

Assim, a violência notoriamente é fenômeno multifacetado, mundialmente conhecido, tido como um problema de saúde pública. Santos e Gomes (2008) referem, ainda, que entender a violência cotidiana (estrutural, simbólica, física, econômica) e sua implicação tornou-se um desafio da sociedade como um todo.

Por esse motivo, ao se adotar um conceito de violência há a sempre a sensação de que esse pode não dar conta de proporcionar a sua visibilidade de maneira fidedigna. Entretanto, concorda-se, aqui, com os autores acima de que “é perceptível que na realidade ocidental este fenômeno representa a perda dos direitos e/ou ameaça à integridade moral e física dos cidadãos” (p.105).

Nota-se a presença da violência estrutural refletida na falta de acesso aos bens e serviços essenciais no cotidiano dos sujeitos do estudo tanto pelas observações do campo quanto pelos seus relatos.

Eu vejo só esses meninos que ficam por aí, da invasão, que não estudam... Tem uns que fica aí catando lixo (Rosa – f -12 E).

Quando bebe esquece tudo! (Dália – f -13 E).

A necessidade de contribuir com a economia doméstica continua sendo questão relevante que, mesmo com a ajuda de custo por parte do Governo Federal, ainda contribui para a evasão escolar e também se constitui em fator de exclusão para a participação dos adolescentes nas atividades propostas pela ESF.

Essa questão, entretanto, não se limita apenas ao aspecto econômico, mas também a outras situações associadas, quando o adolescente se refere aos

“meninos da invasão”, é óbvio que, entre @s adolescentes, fazer parte de um mesmo grupo significa ter algumas afinidades e adotar condutas semelhantes. Sendo assim, o fato de ser oriundo da invasão é um rótulo estigmatizante que certamente dificulta a inserção dess@s adolescentes nos outros espaços existentes.

Sobre essa forma de exclusão, Santos e Gomes (2008) referem que as famílias de baixa renda estão expostas a processo de vulnerabilidade sócio-espacial. A bebida alcoólica, nas falas acima, na visão desta autora, se constituiu em componente da violência, na medida em que pode estar sendo utilizada pel@s adolescentes como atenuante para o sofrimento vivido, como uma válvula de escape.

Quando a gente tá de folga [realiza faxinas], eu vou para o tomba, para a casa da minha amiga. Lá na praça eu vejo um bando de gente bebendo; homem e mulher. Tudo novo! (Tulipa –f- 15 E).

Ainda que a sua visibilidade tenha sido mais bem evidenciada na atualidade, a partir dos estudos que tem sido realizado,

A violência estrutural na sociedade brasileira se exterioriza por séculos de injustiça social, resquícios de um passado escravista, cuja abolição manteve os escravos sem terra e seus filhos sem escola [...] a questão da desigualdade e da exclusão social e racial, não é só econômica, é também sociocultural (SANTOS; GOMES, 2008, p.101).

Pode-se afirmar, portanto, que as desigualdades com as quais se convive refletem a violência estrutural. Além disso, foi possível também detectar perversa associação entre a violência estrutural e o consumo de bebidas alcoólicas.

Todo dia eu rezo para o meu pai parar de beber e cuidar da gente. Somos sete irmãos, mas nem todo mundo é filho do mesmo pai. Meu pai não dá nada a gente... Só minha mãe que compra tudo quando recebe dinheiro (Tulipa – f -15 E).

Entre as complicações sociais relacionadas ao uso abusivo do álcool, Bordin, Figlie e Laranjeira (2004) elencam o mal funcionamento familiar e violência doméstica, sendo a negligência uma das formas de violência perceptíveis na fala dessa adolescente.

Diante das colocações acima, entende-se que as principais instâncias tidas como socializadoras na infância e adolescência, ou seja, a família e a escola,

parecem não estar respondendo por suas funções enquanto contributivas para a formação da identidade d@s adolescentes. Pois, como afirma Soares (2004, p.137) “a identidade só existe no espelho, e esse espelho é o olhar dos outros, é o reconhecimento dos outros”.

Perante a evasão escolar para a prática de atividade laboral e da ausência de suporte familiar experienciada pel@s adolescentes, visualiza-se a circularidade da violência que, num dado momento, se encontra com a bebida alcoólica, quer para esquecer tudo ou como resultante da instalação do alcoolismo.

Para o autor supracitado, a adolescência é época especialmente difícil da vida para todas as pessoas, contudo, quando o desemprego, o alcoolismo, a violência doméstica e a rejeição dentro e/ou fora de casa entram em cena, essa experiência se torna muito mais sofrida.

Achado importante desta pesquisa foi constatar que no estudo realizamos anteriormente, tendo como sujeitos @s adolescentes trabalhadores de rua (Souza, 2000), a associação da violência ao consumo de bebida alcoólica e demais substâncias psicoativas foi colocada pelos depoentes, quando se referiam à violência por eles sofrida, tendo como autores indivíduos adultos. Já na pesquisa que ora se conclui @s adolescentes se veem como vítimas e também como autores da violência e visualizam a bebida alcoólica como um componente presente.

A gente... Esses meninos bebem pra fazer crimes, roubos, furtos. Esses adolescentes podem ser presos também. (Jasmim – m - 12 anos E).

Ressalta-se que ess@s adolescentes convivem num mesmo contexto social, contudo, em situações diversificadas: enquanto alguns têm suporte econômico razoável, acesso a bens e serviços essenciais, e frequentam espaços diferenciados de educação e lazer, têm acesso a computadores e clubes sociais, outros convivem em extrema precariedade. Desse modo, a fala desse adolescente pode estar representando esse contexto

Pelas suas especificidades e falta de alternativas formais para obtenção de renda, eleva o potencial de adesão a práticas transgressoras sem falar na incivilidade, como uma alternativa que muitos assumem para o enfrentamento social de seus conflitos e manifestação de suas frustrações [...] afastados da superabundância e do prazer (ESPINHEIRA, 2008 p.14).

Se, por um lado, há imposição do consumo de determinados bens e acesso às opções de lazer que demandam custo para @s mesm@s, por outro, uma pequena fatia da sociedade dispõe de condições para tal. Diante dessa constatação, resta, para alguns, a tentativa de acesso através de outras vias, tidas como ilegais, enveredando assim para a criminalidade.

Sobre a participação dos adolescentes em grupos transgressores, Sudbrack (s.d.) comenta que os jovens que não têm oportunidade de viver experiências em grupos saudáveis, tenderão fazê-lo em ambientes marginais, onde nem sempre o grupo terá essa finalidade de transição. Contudo, é importante que não se perca de vista que a necessidade do grupo como referência e o sentimento de pertencimento permeiam essa relação.

É importante salientar, durante a adolescência, que o aparelho psíquico do adolescente é vulnerável e suscetível às influências de pressões internas e externas, biológicas, psicológicas, sociais, entre outras. Para Levinski (1997) diante da banalização da violência que tem ocorrido na nossa sociedade, corre-se o risco de que ela se transforme num valor cultural válido a ser incorporado e se transforme num elemento de afirmação do jovem dentro dessa cultura.

As brigas, acidentes, mortes e agressões físicas foram tidas como causas e também consequências do consumo de bebidas alcoólicas pel@s adolescentes de ambos os sexos.

Eu acho que eles podem morrer, bebem por farrá na rua (Flor de Lótus – m - 13 E).

Eu acho que pode acontecer alguns acidentes... Não sei como explicar (Girassol – f -11 GF).

Acho que bebia é porque a mãe batia (Antúrio – m -12 anos E).

Tem uma menina que bebe porque ela diz que se revolta com tudo... Ta longe de todo mundo, da mãe e fica nervosa com tudo. Diz que bebe para aliviar. Que quando bebe esquece tudo. Não sei, pode ser e pode não ser, né? (Rosa Graxa- f -16 E).

Essas colocações demonstram que a bebida surge como um componente de uma situação, contudo, muitas vezes, vinculada a essa prática, existem

motivações que vão da ausência da noção de risco à resposta a uma violência sofrida.

Para Schenker (2008), os valores vivenciados na dinâmica interna das famílias influenciam o desenvolvimento da drogadição em algum de seus membros. Desse modo, entende-se que as dificuldades para colocar limites e a maneira como as famílias têm lidado com os problemas relacionais e econômicos possam estar influenciando a busca pela bebida alcoólica.

A possibilidade de ser estuprada e também a ocorrência do abortamento surgiu na fala das garotas como consequência do consumo de bebidas alcoólicas.

Um dia pró uma menina de 10 anos tava grávida e aí bebeu, ficou tonta, tonta! tava vomitando e o neném morreu. Foi pró! Passou em bocão [noticiário local]. (Onze-Horas – f- 10 anos GF).

Algum homem que bebe aí a menina fica bêbada, faz essas coisas... Bater, estuprar a menina, depois deixar em lugares que não conhece... Passou no BA TV (Rosa Graxa – f -16 anos E).

Ambas as adolescentes rememoraram cenas apresentadas em programas locais de televisão, o que demonstra que a mídia contribui para a construção das representações sociais e que também traz visibilidade dos perigos provenientes de atitudes como essas.

No que diz respeito à ingestão de bebidas alcoólicas com finalidade abortiva, a mesma adolescente associou essa intenção ao relatar um episódio que assistiu dentro da USF, quando uma adolescente grávida chegou apresentando ameaça de abortamento.

Tem uma menina grávida que tava aqui; ela tava bebendo com o bebê na barriga e ficou chorando, a mãe dela briga pró! (Onze - Horas – f -10anos E).

Sobre o uso de bebidas alcoólicas como substância abortiva, apesar de Buchele e Cruz (2008) revelarem que os egípcios usavam o vinho e a cerveja para o tratamento de doenças e como abortivo, acredita-se que esta prática pode não ser proposital, assim como algumas ocorrências de gravidez nessa etapa da vida. Contudo, o comportamento sexual de risco, associado ao consumo de bebidas

alcoólicas, é algo constatado em vários estudos a exemplo de Fretas et al. (2005).

Apesar de todas essas colocações relativas às consequências do consumo de bebidas alcoólicas sob a ótica d@s adolescentes serem extremamente significativas, foi evidente a carga emocional contida nas suas falas, quando relataram o sofrimento familiar decorrente do uso abusivo de bebidas alcoólicas, independente da idade do usuário, o que denotou a ocorrência da violência psicológica associada a essa prática.

Tenho conversado com meu pai, porque ele bebe, entendeu? Então eu vou pedir de aniversário pra ele um presente para ele parar de beber... às vezes ele para, fica um ou dois meses sem beber. À vezes ele bebe muito, às vezes bebe pouco... Eu sou o rastreador! Pra todo lugar que ele vai eu sei onde ele tá... Ele é viciado... Tenta, mas não consegue... Me disse que começou a beber com treze anos. Se eu pudesse falar com outros meninos eu pedia para incentivar seus pais a não beberem e não beberem quando forem futuros pais (Orquídea – m - 10 E).

Tinha um vizinho da minha rua que chegava em casa bêbado. Era da minha idade. A mãe brigava com ele e tudo. Eu só escutava as brigas dele com a mãe (Antúrio – m - 12 E).

Diante das colocações acima, nota-se que a interface entre o consumo do álcool e a violência é bem mais complexa do que evidenciam as estatísticas relacionadas às mortes oriundas de acidentes automobilísticos e ao porte ilegal de armas *versus* indivíduos alcoolizados.

Como refere Espinheira (2008), uma substância que tinha o seu consumo cultural delimitado às festividades e aos rituais religiosos, em decorrência da sua ressignificação enquanto bem de consumo, vem se transformando em alvo de degradação e sofrimento.

Embora muitas pesquisas relativas à compreensão da violência apontem para o uso e o tráfico de drogas ilícitas como o pano de fundo, os estudos mais recentes têm também enfatizado o crescente consumo de bebidas alcoólicas no país, nas diversas faixas etárias e, especialmente, entre os jovens (Dalla Déa, 2007), o que tem propiciado visibilidade da magnitude desse problema.

Alguns estudos que concluem que o consumo de bebidas alcoólicas

refletem na ocorrência da violência doméstica; no que diz respeito ao convívio das crianças e adolescentes nesses ambientes, elencam os comprometimentos relacionados aos danos oriundos do contato com essa atmosfera hostil.

Tratando sobre esse assunto Roque, Ferriani e Ubeda (2008, p.98), através de pesquisa realizada sobre a violência doméstica em famílias atendidas no tribunal de justiça em comarca de vara única, constataram que as crianças e adolescentes pertencentes às famílias estudadas, além de serem fracassadas na escola, mostram-se frágeis emocional e fisicamente, agressivos, impulsivos e, mediante qualquer motivo fútil, se expõem a brigas.

Todavia, vale ressaltar que

Os valores familiares não são uma 'entidade' existente fora dos sujeitos e de suas relações primárias - alguns são decodificados a partir da cultura; outros são reinventados pela família, em um processo permanente de co-construção (SCHENKER, 2008, p.131).

Diante disso, entende-se que seja necessária mudança no âmbito da estrutura social, já que, apesar do avanço em relação à elaboração de uma Política Nacional do Alcool (Brasil, 2004), o mercado permanece estimulando o consumo da bebida alcoólica, associando essa prática à juventude, à alegria e ao glamour, enquanto as desigualdades sociais, historicamente presentes, continuam permeando o contexto de vida e/ou sobrevivência dos indivíduos, o que demonstra tentativa para atenuar o problema, sem, contudo, mexer nas suas raízes.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Qualquer ser humano possui a estrutura emocional necessária para, dadas as condições favoráveis, desenvolver um vício ou uma dependência. Quem não tiver a humildade de reconhecer isto, não está capacitado para trabalhar com prevenção do uso de drogas, principalmente com adolescentes.

Aratagy, 1998

No que concerne aos objetivos propostos na pesquisa, considerou-se que os mesmos foram alcançados.

Dos resultados, relativos às representações d@s adolescentes acerca do consumo de bebidas alcoólicas, constatou-se que há estreita relação com o que tal prática representa para os adultos e, conseqüentemente, compondo o senso comum.

Verificou-se que a questão das bebidas alcoólicas e o simbolismo atrelado às mesmas, na nossa sociedade, se constituem em questão complexa e de raízes fincadas no sistema do qual fazemos parte.

Apesar de alguns sujeitos exteriorizarem experiências traumáticas de familiares e/ou de pessoas conhecidas, relacionadas ao uso abusivo de bebidas alcoólicas, concomitantemente, entre el@s também existe a representação do consumo dessas substâncias como expressões de diversão, comemoração, masculinidade e, principalmente como agente socializador que promove desinibição.

Com base nessas colocações, apesar de se notar que as propagandas que sugerem “apreciar com moderação” e “se dirigir não beba”, ainda prevalecem no imaginário d@s adolescentes a ideias de associação de tal prática à autoafirmação, não ser mais criança, diversão, estar com a galera e arranjar namoradas, ainda que o *binge drinking* nessa faixa etária, seja uma realidade cientificamente comprovada, que se constituiu na principal categoria do nosso estudo.

Tais evidências demonstram que essa prática está sendo incorporada pel@s adolescentes como um ritual de passagem.

Apesar de muitos dos sujeitos demonstrarem ter acesso a fatores de proteção, a exemplo de grupos de jovens das igrejas, estarem inseridos na escola e praticarem algum tipo de atividade esportiva, nota-se que concorre com essas situações a necessidade de buscar experiências novas, peculiares da adolescência e a intensa pressão grupal e social para a adoção do consumo precoce de bebidas alcoólicas, também evidenciadas em outros estudos anteriores a este, desenvolvidos na Bahia, (BOA SORTE, 1998; ALVES, COSTA, NASCIMENTO et al., 2005).

Durante a concretização da pesquisa, houve momentos prazerosos, diante do comparecimento d@s adolescentes às atividades propostas, mas também experimentou-se momentos em que o sentimento de impotência frente às situações encontradas causou desapontamento.

Apesar de a inserção no campo ter sido gradual e planejada foi preciso enfrentar e compreender situações que permearam o consentimento dos familiares para a adesão d@s adolescentes ao grupo, que se constituíram em elementos dificultadores. Tais questões se refletiram na constatação de que, apesar de haver em torno de sessenta adolescentes frequentando as reuniões para esta faixa etária, apenas 21 constituíram sujeitos do estudo.

Um exemplo claro foi que, mesmo tendo a preocupação de, durante o período de reconhecimento do campo, na companhia das ACS, estabelecer-se contato com lideranças da comunidade, alguns líderes religiosos alertaram aos pais que não permitissem a participação d@s adolescentes na pesquisa. Essa situação levou ao entendimento de que, apesar da necessidade do trabalho articulado e da relevância de se fortalecer os fatores de proteção, entre eles a religião, a sua efetivação nem sempre é fácil.

Outro momento em que foi preciso flexibilizar a programação da pesquisa, foi diante da constatação que seria impraticável o desenvolvimento dos grupos focais nos horários em que aconteciam as consultas médicas. Pelo fato de a estrutura física da USF ser pequena, o barulho inviabilizava o uso do consultório. Desse modo, em comum acordo com a ESF, foi modificada a agenda de atividades.

Pode-se considerar, entretanto, a experiência da pesquisa como exitosa e se reconhecer que parte desse sucesso se deu pela cooperação da ESF, que em todas as situações em que houve necessidade de rever a programação, checar a devolução dos TCLE, entre outras intercorrências durante a sua realização, a equipe esteve disponível.

Em relação aos sujeitos do estudo, não se conseguiu captar adolescentes acima de dezesseis anos. Uma das razões para essa ocorrência foi pela inserção d@s mesm@s em outras atividades, a exemplo de cursos de computação e inglês e também por alguns já estarem inseridos no mercado de trabalho, na maioria das vezes realizando atividades informais. Além disso, a presença d@s mesm@s nas USFs é sabidamente pouco frequente.

Diante das considerações teóricas acerca do consumo de bebidas alcoólicas abordadas nesse estudo e das evidências de que a experimentação de bebidas alcoólicas tem ocorrido cada vez mais precocemente, considera-se relevante o fato de se ter captado adolescentes na faixa etária entre 10 e 16 anos. Pois, de posse desses resultados, poder-se-á repensar as práticas voltadas para

este segmento.

Entende-se que a mudança relacionada a essas representações só será possível a partir do momento em que houver alteração efetiva no que diz respeito à regulação do consumo, associada à cautela referente à propaganda dessa substância, atrelada a mudanças relativas à estrutura socioeconômica.

Pois, a espetacularidade da propaganda, notoriamente tem influenciado nas representações dos adolescentes e as manifestações culturais, a exemplo da micareta e expofeira, têm se tornado espaços nos quais a propaganda das bebidas alcoólicas se destaca mais do que as supostas atrações da festa, e o apelo ao consumismo prevalece. Diante disso, tornou-se evidente que a bebida alcoólica tem adotado características de um capital simbólico, fomentado pelo capitalismo que rege a nossa sociedade, em que o lucro proveniente da circulação dessa mercadoria se sobrepõe à qualidade de vida da população de um modo geral e, principalmente, dos adolescentes.

Certamente que o lucro proveniente da circulação dessa mercadoria está sendo mais valorizado do que as estatísticas relativas aos danos consequentes do seu uso abusivo, principalmente entre indivíduos em desenvolvimento.

Reconhece-se que tem ocorrido sensível mudança em relação à política de controle da bebida alcoólica, ainda que teoricamente. Contudo, na prática, ainda é incipiente a percepção do impacto positivo relacionado a essa conduta.

Além disso, há notória discrepância entre o que os adultos falam e como eles se comportam em relação ao uso e/ou abuso de bebidas alcoólicas. Ressalta-se que essa evidência se repete em todos os estudos aos quais a autora teve acesso durante a realização da pesquisa, a exemplo de Epstein; Botvin; Diaz et. al. (1999) Zaguri (2004); Paulillo; Jeolás (2005); Souza; Areco; Silveira Filho (2005); Vieira; Aerts; Freddo et al. (2008) entre outros.

Entende-se também como importante e necessário o envolvimento de profissionais da enfermagem na realização de pesquisas que tentem desvendar questões que engendram os dados epidemiológicos acerca do consumo de bebidas alcoólicas e, também, de outros problemas de saúde, partindo do entendimento de que, para se enfrentar tais questões complexas e multifacetadas, carece-se da aproximação a outros saberes, a exemplo das ciências sociais a fim de se visualizar a concepção de saúde não apenas como a ausência de doenças.

É importante destacar que os adolescentes percebem claramente a

interface entre o uso abusivo de bebidas alcoólicas e a violência nas suas diversas formas. Perante a complexidade em que se constituem esses dois problemas nos diversos campos da sociedade, é necessário criar estratégias para trabalhar com esses temas, que venham contribuir para a sua prevenção e enfrentamento.

Diante dos resultados desta pesquisa, verifica-se que a escola, enquanto instância socializadora, é também um lugar propício para se ter acesso aos adolescentes e famílias. Ainda que a inclusão dos temas transversais seja prevista, precisa assegurar a existência de momentos de reflexão acerca das questões relativas às SPAs, violência, entre outros, visto que, por mais polêmicos que sejam esses temas, fazem parte do contexto social em que se vive.

Acredita-se que, enquanto profissionais de saúde, pode-se estar contribuindo para essa mudança, substituindo os famosos discursos terroristas associados às imagens trágicas e às palestras para as quais se é freqüentemente convidado a fazer nas escolas, por ações que promovam o protagonismo juvenil, a exemplo das oficinas, tentando ocupar o lugar que a bebida alcoólica tem encontrado na vida desses seres em formação, por atividades que propiciem o exercício da cidadania.

Para tanto, vê-se o Programa Saúde da Família como espaço privilegiado para se estar propiciando à comunidade possibilidades de discussão e elaboração conjunta de atividades preventivas.

Além disso, na programação das Equipes de Saúde da Família, estão previstas as atividades extramuros com vistas a estabelecer parcerias entre as redes sociais de apoio, exemplo das escolas, associações entre outros.

Desse modo, compete-nos fazer dos encontros com @s adolescentes, nos vários espaços de inserção d@s mesm@s, lugar de discussão dos seus direitos e deveres, contribuindo, assim, para a formação de cidadãos críticos e reflexivos, conscientes do seu valor enquanto pessoas, através de atividades que elevem a sua autoestima e propiciem o protagonismo.

Assim, visualiza-se esta experiência como diferente daquelas encontradas na literatura, pelo campo eleito para o seu desenvolvimento, tipo de estudo, e também pela possibilidade de interação com @s adolescentes, ESF e as instâncias socializadoras às quais estão inseridos, a partir da triangulação de técnicas. Houve compromisso também, de apresentar os resultados da pesquisa para a ESF, adolescentes e comunidade.

Durante a realização desta pesquisa teve-se a oportunidade de apresentar um recorte deste estudo no Congresso de Brasileiro de Ensino e Pesquisa em Saúde da Criança e do Adolescente, ocorrido no Rio de Janeiro, em setembro de 2008, no qual a autora recebeu menção honrosa em decorrência da relevância deste estudo. Apresentou-se parte deste projeto também no XI Coloquio Panamericano de Investigación em Enfermeria, na cidade de Quito – Equador, ocorrido em novembro de 2008, onde a pesquisa foi contemplada com menção de reconhecimento.

Partindo do entendimento de que uma pesquisa não tem o fim em si mesmo, como uma forma de proporcionar contrapartida para a comunidade que permitiu o seu desenvolvimento, ao término da coleta de dados, no mês de setembro de 2008, promoveu-se um evento intitulado “Dia A adolescer saudável”, que aconteceu em um dos colégios da rede pública de ensino, situada no entorno da Unidade de Saúde da Família, na qual foram coletados os dados (Apêndice A).

Os objetivos deste evento foram sensibilizar a comunidade acerca das especificidades da adolescência, proporcionando articulação entre as famílias, ESFs situadas no entorno da escola em que @s adolescentes e respectivas famílias estão cadastradas e a equipe da escola.

Na tentativa de não deixar que essa experiência se torne apenas o apêndice de uma tese, foi transformada em projeto de extensão na universidade a qual a autora faz parte, tramitando nas instâncias cabíveis a fim de ser institucionalizado.

Pois, ao se concluir este estudo, constatou-se a necessidade da sensibilização dos profissionais da saúde e educação para as questões relativas às SPAs de um modo geral, por se notar que os discursos ainda estão impregnados de preconceitos, em parte, oriundos do despreparo para lidar com o tema, mas, em alguns casos, como forma de tornar invisível uma situação concreta, complexa e muito próxima de toda a sociedade, por vezes banalizada pela maneira como é divulgada.

Na qualidade de docente no retorno à instituição, buscar-se-á assegurar carga horária teórica e prática para proporcionar aos estudantes de Enfermagem momentos de reflexão acerca do consumo de SPAs na adolescência e das possíveis estratégias de prevenção, entendendo essa questão como multicausal.

Finalmente, compreende-se que a resolução de um problema de tamanha abrangência não poderá acontecer com a mobilização de apenas uma categoria

profissional; contudo, acredita-se que a disponibilidade de fatores de proteção seja um caminho necessário para que se possa modificar o cenário de vida e, conseqüentemente, da construção da identidade d@s adolescentes. Desse modo, espera-se que el@s possam estar mais bem preparados para enfrentar os desafios que compõem a trajetória rumo à adultice.

Partindo do entendimento de que o acesso à informação constitui-se fator de proteção, constatou-se também, ser a sala de espera da USF, local propício para a sensibilização da clientela assistida acerca das questões de saúde em geral, incluindo o uso abusivo de substâncias psicoativas lícitas e/ou ilícitas.

Diante da evidência de que a motivação para ou uso e/ou abuso da bebida alcoólica se alicerça em disposições adquiridas durante o processo de socialização, sendo a família a primeira instância socializadora a qual se tem acesso, sugere-se que pesquisas futuras sobre a problemática, sejam desenvolvidas, tendo como sujeitos os pais. Acredita-se que seja viável sua execução na USF, visto que os adultos comparecem para atendimentos voltados para hipertensos, diabéticos, gestantes, entre outros.

6 REFERÊNCIAS

ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. **Adolescência normal**. 5.ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2007.

ALMEIDA, J. F. **Bíblia Sagrada**. São Paulo: Mundo Cristão, 2003.

ALVES, M. V. de Q. M.; COSTA, M. C. O.; NASCIMENTO, S. C. L.; SANTOS, C. A. S. T.; GOMES, W. de A.; ASSIS, D. R. de. Uso de bebidas alcoólicas entre adolescentes: perfil de experimentação, uso regular e fatores de risco. Feira de Santana, Bahia. **Rev. Baiana Saúde Pública**, v. 29, n. 1, p. 91-104, jan.-jun. 2005. Disponível em: <http://www.saude.ba.gov.br/rbsp/index.htm>. Acesso em: 8 nov. 2006.

AMARAL, A. C. G.; SALDANHA, A. A. W. A vulnerabilidade à AIDS associada ao uso do álcool por adolescentes. In: CONGRESSO HIV/AIDS. VIRTUAL CONGRESS. Comunicação - tema: ciência social. Apresentado em 10/10/06. 2006. Disponível em: <http://www.aidscongress.net/comunicação> Acesso em: 17 março 2007.

ANDRADE, Tarcisio Matos; ESPINHEIRA, Carlos Geraldo D'Andrea (Gey). Bebidas alcoólicas na sociedade brasileira. In: **Prevenção ao uso indevido de drogas: curso de capacitação para conselheiros municipais**. Brasília: Presidência da República, Secretaria Nacional Antidrogas. 2008 pp.80-89.

Anuário estatístico de Feira de Santana. Feira de Santana: Câmara de dirigentes lojistas, 1998, v.1.

ARAÚJO, L. B.; GOMES W. B. Adolescência e as expectativas em relação aos efeitos do álcool. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 11, n. 1, p. 5-33, 1998.

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. 2.ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

AYRES, José Ricardo C. M. **O jovem que buscamos e o encontro que queremos ser**: a vulnerabilidade como eixo de avaliação de ações preventivas do abuso de drogas, DST e AIDS entre crianças e adolescentes. s.d. Disponível em: http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_29_p015-024_c.pdf Acesso em: 23 março 2007.

AYRES, José Ricardo C. M. Uma concepção hermenêutica de saúde. **Phisis: revista de saúde coletiva**. Rio de Janeiro, 17(1); pp.43-62, 2007.

BIAZOLI-ALVES, Z. M. M.; FISCHMAMN, R. (Orgs.). **Crianças e adolescentes**:

construindo uma cultura da tolerância. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001. p. 79-93.

BILAC, E. D. Família: algumas inquietações. In: CARVALHO, M. C. B. C. (Org.). **A família contemporânea em debate**. 3. ed. São Paulo: EDUC/ Cortez, 2000. p. 39-50.

BOA SORTE, Nadir Ferreira. **O imaginário do adolescente sobre o consumo de álcool e o processo de construção da identidade**: implicações na educação e prevenção. Salvador, 1998. 133f. Dissertação (Mestrado em educação). Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1998.

BORDIN, Selma; FIGLIE, Neilana Buzi; LARANJEIRA, Ronaldo. Álcool. In: BORDIN, Selma; FIGLIE, Neilana B.; LARANJEIRA, R.(orgs) **Aconselhamento em dependência química**. São Paulo: Roca, 2004.

BONNEWITZ, P. **Primeiras lições sobre a sociologia de Pierre Bourdieu**. Tradução Lucy Magalhães. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

BORGES, Zulmira N. A construção social da doença: um estudo das representações sociais. In: Leal O. F. (org). **Corpo e significado**: Ensaios de antropologia social. Porto Alegre: Editora da Universidade - UFRS, 2001, p 357-371.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: marco zero, 1983.

BOURDIEU, P, **Razões práticas**. Sobre a teoria da ação. Tradução: Mariza Corrêa. Campinas SP: Papirus, 1996.

BOURDIEU, P. **Sobre a televisão**. Tradução Maria L. Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

BRASIL, Ministério da Saúde. **População residente em Feira de Santana por faixa etária e sexo em 2006a**. Disponível em <http://w3.datasus.gov.br/datasus/datasus.php?area=359A1B375C2D0E0F359G19HIJd2L2412MON&VInclude=../site/infsaude.php&VObj=http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/dftohtm.exe?siab/cnv/>. Acesso em 20 de março 2007.

BRASIL, Ministério da Saúde, Secretaria de Assistência à Saúde- /DAB- DATASUS. **Consolidado de famílias cadastradas no ano de 2007 do modelo geral no município de Feira de Santana no Feira VII-II PSF**. Ano 2006b. Disponível em: <http://w3.datasus.gov.br/>. Acesso em 20 de março 2007.

BRASIL, Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento da Atenção Básica. **Avaliação para melhoria da qualidade da assistência em saúde da família**/ Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica- Brasília: Ministério da Saúde, 2006c.

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Álcool e redução de danos: uma abordagem inovadora para países em transição**. 1. ed. em Português. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.

BRASIL. Leis, decretos. Lei. 8.080.19 set. 1990. Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e funcionamento dos serviços correspondentes e institucionaliza a descentralização e as relações entre a União, Estados e Municípios com relação à política de saúde. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, 29 de setembro de 1990a.

BRASIL. Leis, decretos. Lei 8.069 de 13 de julho de 1990b. **Estatuto da criança e do adolescente**. Brasília (DF), 1991. Disponível em <HTTP://www.planalto.bov.br/ccivil/leis/L8069compilado.htm> acesso em 25/09/2007.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Assistência à Saúde- SAS. Departamento de Assistência e Promoção à Saúde- DAPS. Coordenação Materno-Infantil- COMIN. Serviço de Assistência à Saúde do Adolescente- SASAD. **Normas de Atenção à Saúde Integral do Adolescente- Vol 1- Diretrizes gerais para o atendimento de adolescentes. Acompanhamento do crescimento e desenvolvimento. Distúrbios da puberdade. Desenvolvimento psicológico do adolescente**. Brasília (DF), 1993.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Resolução CNS nº. 196**, de 10 de outubro de 1996. Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Disponível em <http://conselho.saude.gov.br/docs/resoluções/reso196.doc>. Acesso em 11/06/2007.

BRASIL. Ministério da Saúde. Coordenação nacional de doenças sexualmente transmissíveis e AIDS. **Adolescente: manual do multiplicador**. Brasília (DF), 1997.

BUCHELE, Fátima; CRUZ, Deborah Domiceli de O. Aspectos socioculturais

relacionados ao uso de álcool e outras drogas. *In*: BRASIL, Presidência da República, Secretaria Nacional Antidrogas. **Prevenção para o uso indevido de drogas**: curso para capacitação de conselheiros municipais. Brasília: 2008.

BUENO, S. **Minidicionário da língua portuguesa**. São Paulo: FTD, 2000.

CARDOSO, M. H. C.; GOMES, R. Representações sociais e história: referenciais teórico-metodológicos para o campo da saúde coletiva. **Cad. Saúde Pública**, v. 16, n. 2, p. 499-506, abril-junho 2000.

CARNEIRO, Henrique. Transformações do significado da palavra “droga”: das especiarias coloniais ao proibicionismo contemporâneo. *In*: VENÂNCIO, Renato P.; CARNEIRO, Henrique. **Álcool e drogas na história do Brasil**. São Paulo: Alameda; Belo Horizonte: Editora PUCMinas, 2005. p11-28.

CAVALCANTE, A. M. **Drogas**: esse barato sai caro: os caminhos da prevenção. 5. ed. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 2003.

CHIZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 4.ed. São Paulo: Cortez, 2000.

CRUZ NETO, Otávio; MOREIRA, Marcelo Rasga; SUCENA, Luiz Fernando M. Grupos focais e pesquisa social qualitativa: o debate orientado como técnica de investigação. Trabalho apresentado no XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais, realizado em Ouro Preto-MG, de 04 a 08 de dezembro de 2002. Disponível em www.abep.nepo.unicamp.br/.../Com_JUV_PO27_Neto_texto.pdf. Acesso em 27 de junho de 2009.

DALLA DÉA, Hilda Regina Ferreira (org.). **Você tem sede de que? Entre a cervejinha e o alcoolismo**. São Paulo: musa Editora, 2007.

DE ANTONI, C.; MARTINS, C.; FERRONATO, M. A.; SIMÕES, A.; MAURETE, V.; KOLLER, S. H. Grupo focal: método qualitativo de pesquisas com adolescentes em situação de risco. **Arquivos brasileiros de psicologia**. RS: 53(2), pp.38-53. Disponível em: <http://www.msmidia.com/ceprua/artigos/clarissa1.pdf>. Acesso em 25/02/2009.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Tradução em português: [www.terravista.pt/IlhadoMel/1540](http://www.terraviva.pt/IlhadoMel/1540), 2003. Disponível em

<http://www.eboksbrasil.com/eLibris/socespetaculo.html>. Acesso em 23 de abril de 2009.

DESLANDES, S. F.; ASSIS, S. G.; Abordagem quantitativa e qualitativa em saúde: o diálogo das diferenças. *In*: MINAYO, M. C. S; DESLANDES, S. F.(orgs.). **Caminhos do pensamento: epistemologia e método**. Rio de Janeiro: Fiocruz,2002.

DUARTE, Cláudio E; MORIHISA, Rogério S. Experimentação, uso, abuso e dependência de drogas. *In*: **Prevenção ao uso indevido de drogas: curso de capacitação para conselheiros municipais**. Brasília: Presidência da República, Secretaria Nacional Antidrogas, 2008.p 42-49.

EPSTEIN, Jennifer; BOTVIN, Gilbert J. DIAZ, Tracy. Etiology of alcohol use among Hispanic adolescents. *Arch pediatric. Adolesc. Med/* vol 153, oct 1999. Disponível em: <http://www.archpediatrics.com>. Acesso em 29 de fevereiro de 2005.

EINSESTEIN, E.; SOUZA, R. P. **Situações de risco à saúde de crianças e adolescentes**. Rio de Janeiro: Vozes, 1993. 145 p.

EL FAR, Alessandra. Ritos de passagem. *In*: O olhar adolescente. Revista mente e cérebro. Edição especial. São Paulo: Ediouro, 2007. pp 14-21.

ENGELS, F. **A origem da família, da propriedade privada e do estado**. 12. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.

ESCOHOTADO, A. **Historia general de las drogas**. Madrid: Alianza Editorial,1990.

ESCOHOTADO, A. **Las drogas: de los orígenes a la prohibición**. Madrid: Alianza Editorial, 1994.

ESPINHEIRA, Gey. Prelúdio- Uma prática de intervenção: conhecimento de causa e a causa do conhecimento. *In*: ESPINHEIRA, Gey (org.). **Sociedade do medo: teoria e método da análise sociológica em bairros populares de Salvador: juventude, pobreza e violência**. Salvador: EDUFBA, 2008, pp. 13-28.

ESTEFERNON, S. G. B.; MOURA, M. V. Q. Uso de substâncias psicoativas (SPAs): aspectos clínicos e terapêuticos. *In*: COSTA, M. C.; SOUZA, R. P. (Org.). **Adolescência: aspectos clínicos e psicossociais**. Porto Alegre: Artmed, 2002. p. 383-397.

FAR, Robert. M. Representações sociais: a teoria e sua história. *In*: GUARESCHI, P.; JOVCHELOVITH, S. (Orgs.). **Textos em representações sociais**. Petrópolis: Vozes, 2007. p.p. 31-62.

FEIJÓ, Ricardo B.; OLIVEIRA, Ércio Amaro. Comportamento de risco na adolescência. **Jornal de pediatria**. Porto Alegre- RS. Vol. 77, sup.2, 2001 pp.125-134.

FERNANDES, Antônio Teixeira. Ritualização da comensalidade. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/1412.pdf>. Acesso em 27 de junho de 2009.

FIGUEIREDO, Nélia Maria A., SANTOS, Iraci; HANDEM, Priscila de C.; TAVARES, Renan; MACHADO, William C.A. Programa de Saúde da Família (PSF): A família como sujeito de intervenção. *In*: FIGUEIREDO, Nélia Maria A.; TONINI, Teresa (orgs.) **SUS e PSF pra enfermagem: práticas para o cuidado em saúde coletiva**. São Caetano do Sul: SP: YENDIS EDITORA , 2007. pp.157-169.

FREITAS, Tácio de M; machado, José C., MELO, Enaldo V, Melo, Débora G. **Efeitos do consumo de bebida alcoólica sobre o feto**. Rev. Bras. Ginecol. Obstet.[online]. 2005, vol.27,n.7.pp.376-381.ISSN 0100-7203.

FONTANELLA, Bruno José B.; RICAS, Janete; TURATO, Egberto R. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: Contribuições teóricas. **Cadernos de Saúde Pública**: Rio de Janeiro, 2008 24(1),pp. 17-27.

GADAMER, H. G. **O caráter oculto da saúde**. Tradução Antonio Luz Costa. Petrópolis: Vozes, 2006.

GALDURÓZ, J. C.; NOTO, A. R.; CARLINI, E. A. **Questionário aplicado no IV levantamento sobre o uso de drogas entre estudantes de 1º e 2º graus em dez capitais brasileiras**. São Paulo: Centro Brasileiro de Informações Sobre Drogas Psicotrópicas (CEBRID). Departamento de Psicobiologia da Universidade Federal de São Paulo- UNIFESP, 1997.

GALDURÓZ, J. C. F.; NOTO, A. R., NAPPO, S. A.; CARLINI, E. A. **I Levantamento Domiciliar Nacional Sobre o Uso de Drogas Psicotrópicas. Parte A: Estudo envolvendo as 24 Maiores Cidades do Estado de São Paulo - 1999**. São Paulo: CEBRID - Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas; UNIFESP - Universidade Federal de São Paulo, 2000.

GATTI, Bernadete Argelina. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e**

humanas. Brasília: Líber livro editora, 2005.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1994.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

GOMES, R. Análise e interpretação de dados em pesquisa qualitativa. In: MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 25. ed. revista e atualizada. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 79-108.

GOMES, R.; MENDONÇA, E. A. A representação e a experiência da doença: princípios para a pesquisa qualitativa em saúde. In: MINAYO, M. C. S.; DESLANDES, S. F. (Orgs.). **Caminhos do pensamento**: epistemologia e método. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2002. p.195-233.

GROPPO, Luis Antonio. **Juventude**: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas. Rio e Janeiro: Difel, 2000.

GROSSMAN, E. La adolescencia cruzando los siglos. **Adolesc. Latinoam.** [online]. v. 1, n. 2, p. 68-74, jul./sep. 1998. Disponible em: http://ral-adolesc.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141471301998000100003&lng=es&nrm=iso. Acesso em 28 Março 2007.

GRYNBERG, H.; KALINA, E. **Aos pais de adolescentes**: viver sem drogas. 2. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2002.

HELMAN, Cecil G. **Cultura, saúde e doença**; tradução Ane Rose Bolner. 5.ed. Porto Alegre, Artmed, 2009.

HERZLICH, C. A problemática da representação social e sua utilidade no campo da doença. **Physis: Rev. Saúde Coletiva**, v. 1, n. 2, p. 23-36, 1991.

JOHNSON, Allan G. **Dicionário de sociologia**: guia prático da linguagem sociológica; tradução Ruy Jungman. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

JORGE, M. H. P. de LEITE, E. B. Mortalidade na adolescência: futuro comprometido. In: SAITO, M. I.; SILVA, L. E. V. (Orgs.). **Adolescência: prevenção e risco**. São Paulo: Atheneu, 2001. p. 407-425.

JUNQUEIRA, Lília. Notas sobre a noção de representação social na sociologia contemporânea. In: **Estudos de sociologia**. Araraquara, 18/19, p.145-161, 2005. Disponível em <http://www.fclar.unesp.br/seer/index.php>. Acesso em 12 de janeiro de 2009.

KIND, L. Notas para o trabalho com a técnica de grupos focais. **Psicologia em Revista**,. Belo Horizonte, v.10, n. 15, p. 124-136, 2004.

KLIKSBERG, B.. **Falácias e mitos do desenvolvimento social**. Tradução Sandra Trabuco Valenzuela e Silvana Cobucci Leite. 2. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2003.

KLOSINSKI, G. **Adolescência hoje: situações, conflitos e desafios**. Petrópolis: Vozes, 2006.

LARANJEIRA, R. Prefácio In: PINSKY, I.; BESSA, M. A. (Orgs.). **Adolescência e drogas**. São Paulo: Contexto, 2004. p. 9-10.

LARANJEIRA, R. Et al. **I Levantamento Nacional Sobre os Padrões de Consumo de Álcool na População Brasileira**. Brasília: Secretaria Nacional Antidrogas, 2007

LEMOS, T.; ZALESKY, M. As principais drogas, como elas agem e quais os seus efeitos. In: PINSKY, I.; BESSA, M. A. (Orgs.). **Adolescência e drogas**. São Paulo: Contexto, 2004. p. 16-30.

LERVOLINO, AS; PELICIONI, MCF. A utilização do grupo focal como metodologia qualitativa na promoção da saúde. **Rev Esc Enf USP**, v.35, p-115-21, jun, 2001.

LEVISKY, David, Léo (org.). **Adolescência e violência: conseqüências da realidade brasileira**. Porto Alegre: Artes Médicas,1997.

LOIZOS, Peter. Vídeo, filme e fotografias como documentos de pesquisa. In: BAUER, Martin W; GRASKELL, George(editores); tradução de Pedrinho A. Guareschi. **Pesquisa qualitativa com texto imagem e som: um manual prático**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p137-155.

- LONGENECKER, G. L. **Drogas: ações e reações**. São Paulo: Market Books, 2002.
- LÖWI, Michael. Ideologias e ciência social: elementos para uma análise marxista. 11. ed. São Paulo: Cortez, 1996.
- LOYOLA, Maria Andréa. Bourdieu e a sociologia. *In: Pierre Bourdieu entrevistado por Maria A. Loyola*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002
- LUZ, M. T. M.; SILVA, R. de C. Vulnerabilidade e adolescências. In: SCHOR, N.; MORTA, M. do S. F. T.; BRANCO, V. C. (Orgs.). **Cadernos juventude, saúde e desenvolvimento**. Brasília: Ministério da Saúde, Secretaria de Políticas de Saúde, 1999.
- MACEDO, P. R. A. **Adolescência e fatores de risco e proteção para o uso indevido de álcool**. 2005. Disponível em: http://www.unaid.org.br/independência/ado_fatoresrisco.ht. Acesso em 08/09/2006.
- MACRAE, E. Antropologia: aspectos sociais, culturais e ritualísticos. *In: SEIBEL, S.D. (org.). Dependência de drogas*. São Paulo: Atheneu, 2000.p.25-34.
- MCRAE, E. Abordagens qualitativas na compreensão do uso de psicoativos. In: TAVARES, L. A.; ALMEIDA, A. R B.; MCRAE, E.; FERREIRA, O. S. (Orgs.). **Drogas: tempos, lugares e olhares sobre seu consumo**. Salvador: EDUFBA,CETAD/ UFBA, 2004. p. 27-48.
- MACRAE, E. **A desatenção da legislação de entorpecentes pelas complexidades da questão**. 1996. Disponível em: <http://www.neip.info.br> . Acesso em: 13 ago. 2006.
- MARINHO, M. B. O demônio nos “paraísos artificiais”: considerações sobre as políticas de comunicação para a saúde relacionados ao consumo de drogas. **Interface-Comunic. Saúde, Educ.**, v. 9, n.17, p. 342-354, mar./ago. 2005.
- MASUR, J. **O que é alcoolismo?** São Paulo: Brasiliense, 2004 (Coleção primeiros passos).
- MARTINS, Mayra Costa; PILLON, Sandra C.A relação entre a iniciação do uso de drogas e o primeiro ato infracional entre os adolescentes em conflito com a lei. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 24. n.5, maio 2008. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_artetext&pid=S0102-

311X2008000500018&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 15 jun.2009. doi: 10.1590/s0102-311X2008000500018.

MAYORGA, C. **Identidades e adolescências**: uma desconstrução. 2006. Disponível em: www.ufsj.edu.br/Pagina/ppp-lapip/Arquivos/Resumo__Identidades_e_Adolescencias.pdf. Acesso em: 18 março 2007.

MENEZES, S. Adolescência X droga. s./d. **Revista Catharsis**. Disponível em:http://www.revistapsicologia.com.br/materiais/pontodevista_adolescenciadrogas.htm Acesso em: 18 março 2007.

MEYER, Dagmar E. Estermann; MELLO, Débora Falleiros de; VALADÃO, Marina Marcos; AYRES, José Ricardo de Carvalho Mesquita. "Você aprende. A gente ensina?": interrogando relações entre educação e saúde desde a perspectiva da vulnerabilidade. **Cad. Saúde Pública [online]**. 2006, v. 22, n. 6 [cited 2009-01-31], pp.1335-1342. Available from: <http://www.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102311X2006000600022&lng=en&nrm=iso>. ISSN 0102-311X. doi: 10.1590/S0102-311X2006000600022.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

MINAYO, M. C. de S. O conceito de representações sociais dentro da sociologia clássica. In: GUARESCHI, P.; JOVCHELOVITH, S. (Orgs.). **Textos em representações sociais**. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 89-111.

MINAYO, M. C. de S.; DESLANDES, S. F (Orgs.). **Caminhos do pensamento**: epistemologia e método. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2002.

MONTAGNER, M. A.. Pierre Bourdieu, o corpo e a saúde: algumas possibilidades teóricas. **Ciênc. Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232006000200028&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 25 jul. 2007.

MONTEIRO, M. G. **O que você precisa saber sobre a política de controle do álcool**. Brasília: OPAS; Secretaria Nacional Antidrogas, 2005.

MORIN, E. **Cultura de massas no século XX**: neurose. Tradução Maria R. Sardinha. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

MOROJELE, N.K; BROOK, J.S. **Substance use and multiple victimization among adolescents in Solth África**. *Addict Behav.* 2006; 31: 163-76. [pubmed/openaccess]

MOURÃO, Carla. A função do objeto da droga na ideologia da contracultura e da cultura contemporânea. In: BAPTISTA, Marcos; CRUZ, Marcelo S.; Matias, REGINA. **Drogas e pós-modernidade**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003, pp.108 a 118.

MOSCOVICI, Serge. Prefácio, *In: GUARESCHI, P.; JOVCHELOVITH, S. (Orgs.). Textos em representações sociais*. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 07-16.

NASCIMENTO, C. J. S. **Inserção de Feira de Santana na região econômica do Paraguaçu**. 2005. Disponível em: www.sei.ba.gov.br/publicacoes/publicacoes_sei/bahia_analise/sep/pdf/sep_73/pag_167. Acesso em: 18 fev. 2006.

NATIONAL INSTITUTE ON ALCOHOL ABUSE AND ALCOHOLISM PUBLICATIONS. **Undarage drinking: a major public health challenge**. Rocckville, MD: June 2003.

NICASTRI, Sérgio. Drogas: classificação e efeitos no organismo. In: **Prevenção ao uso indevido de drogas: curso de capacitação para conselheiros municipais**. Brasília: Presidência da República, Secretaria Nacional Antidrogas. 2008 pp.20-29.

NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (Orgs.). **Pierre Bourdieu: escritos em educação**. Petrópolis: Vozes, 1998.

NOTO, Ana Regina; BOUER, Jairo. As drogas e os meios de comunicação. *In: Prevenção ao uso indevido de drogas: curso de capacitação para conselheiros municipais*. Brasília: Presidência da República, Secretaria Nacional Antidrogas. 2008 pp.110-117.

NOVAES, R.; VANNUCHI, P. (Orgs.). **Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

OLIC, Tatiana Bacic. Álcool e sexo. In: In: DALLA DÉA, Hilda Regina Ferreira (org.). **Você tem sede de que? Entre a cervejinha e o alcoolismo**. São Paulo: Musa Editora, 2007, pp.37-41.

OLIVEIRA, M. C. S. L.; CAMILO, A. A.; ASSUNÇÃO, C. V. Tribos urbanas como contexto de desenvolvimento de adolescentes: relação com pares e negociação das

diferenças. 2005. **Temas em psicologia da SBP**. Disponível em: www.sbponline.org.br/revista2/vol11n1/art06_t.pdf Acesso em: 16 março 2007.

OLIVEIRA, Rita de Cássia A. Culturas juvenis na metrópole: cultura audiovisual, formas e expressão e consumo simbólico. In: FREITAS, Marcos Cezar (org.). **Desigualdade social e diversidade cultural na infância e na juventude**. São Paulo: Cortez, 2006, pp244-258.

PARIZOTTO, A. P. **Sentidos atribuídos por adolescentes da região meio oeste catarinense ao consumo de bebidas alcoólicas**. 2005. Dissertação (Mestrado) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em: <http://www.tede.ufsc.br/teses/ppsi0164.pdf>. Acesso em: 25 de março 2007.

PAULILO, M. Â. S.; JEOLÁS, L. S. **Jovens, drogas, risco e vulnerabilidade: aproximações teóricas**. 2005. Disponível em: http://www.ssrevista.uel.br/c_v3nl_jovens.htm. Acesso em: 08 fev. 2007.

PEREIRA, A. L.; MELO, E. C. P.; AMORIM, W. M. de; TONINI, T.; FIGUEIREDO, N. M. A. Programas de atenção à saúde. In: FIGUEIREDO, N. M. A. (Org.). **Ensinando a cuidar em saúde pública**. São Caetano do Sul: Yendis Editora, 2005. p. 255-339.

PEREIRA, Angélica S. Gurias punks em Porto Alegre: pistas para pensar questões de gênero nas culturas juvenis. **Anais do VII Seminário Fazendo Gênero**. Disponível em

http://www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos/A/Angelica_Silvana_Pereira_01.pdf.

Acesso em 27 de julho de 2009.

PILLON S. C, O'BRIEN B, PIEDRA Chavez KA. The relationship between drugs use and risk behaviors in Brazilian university students. *Rev Lat Am Enfermagem*. 2005;13:1169-76.[pubmed/ open access]

PINSKY, Ilana; JUNDI, Sami A.R.J. El. O impacto da publicidade de bebidas alcoólicas sobre o consumo entre jovens: revisão da literatura internacional. **Rev. Bras. Psiquiatr.**, São Paulo, v.30 n. 4, Dec. 2008 Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_artetext&pid=S1516-44462008000400012&lng=en&nrm=iso. Access on 15 June 2009. Epub Nov 24, 2008. doi10.1590/S1516-44462008005000015.

POLIT, D. F.; BECK, C. T.; HUNGLER, B. P. **Fundamentos de pesquisa em enfermagem: métodos, avaliação e utilização**. 5ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

RAMOS, F. R. S. Bases para uma re-significação do trabalho de enfermagem junto a@ adolescente. *In: ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENFERMAGEM. Adolescer: compreender, atuar, acolher*. Brasília: ABEn, 2001. p.11-18.

RAMINELLI, Ronald. Da etiqueta canibal: beber antes de comer. *In: VENÂNCIO, Renato P.; CARNEIRO, Henrique. Álcool e drogas no Brasil*. São Paulo: Alameda; Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2005, pp. 29-46.

RAPPAPORT, Clara R. FIORI, Wagner; DAVIS, Cláudia. **Psicologia do desenvolvimento**. São Paulo: EPU, 1982.

RIBEIRO, Wânier. **Drogas na escola: prevenir educando**. São Paulo: Anablume, 2005.

ROMANI, Oriol. Informação sobre drogas: ações, valores e orientações. *In: BAPTISTA, Marcos; CRUZ, Marcelo S.; MATIAS, Regina. Drogas e pós-modernidade*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003. 2.v. p.33-42.

ROQUE, Eliana de Souza T.; FERRIANI, Maria das Graças C.; UBEDA, Elza Maria L. A violência na família e a justiça: algumas perspectivas. *In: MEDEIROS, Marcelo; FERRIANI, Maria das Graças C; SILVA, Marta Angélica Iossi S.(orgs). Debaixo do mesmo teto: análise sobre a violência doméstica*. Goiânia: AB Editora, 2008, pp. 55-100.

SAITO, M. I. Adolescência, cultura, vulnerabilidade e risco. A prevenção em questão. *In: SAITO, M. I.; SILVA, L. E. V. Adolescência: prevenção e risco*. São Paulo: Atheneu, 2001. p. 33-38.

SANTOS, Marcos César G., GOMES, Carlos Alberto da Costa. O sonho e a realidade: sociedade e violência. *In: ESPINHEIRA, Gey (org.). Sociedade do medo: teoria e método da análise sociológica em bairros populares de Salvador: juventude, pobreza e violência*. Salvador: EDUFBA, 2008, pp.101-116.

SANTOS, Elisângela S. A cultura da violência na vida cotidiana de um bairro periférico. *In: ESPINHEIRA, Gey (org.). Sociedade do medo: teoria e método da análise sociológica em bairros populares de Salvador: juventude, pobreza e violência*. Salvador: EDUFBA, 2008, pp.139-151.

SARTI, C. A. Família e individualidade: um problema moderno. *In*: CARVALHO, M. do C. B. C. (Org.). **A família contemporânea em debate**. 3.ed. São Paulo: EDUC/Cortez, 2000. p. 39-50.

SCIVIOLETTO, S. TSUJI R. K; ABDO C. H. N; QUEIROZ; ANDRADE, A. G.; GATTAZ, W. T. Relação entre o consumo de drogas e comportamento sexual de estudantes de 2.^o grau de São Paulo. *Revista brasileira de psiquiatria*. Vol.21, n. 2, São Paulo, 1999.

SETTON, M. da G. J. A teoria do *habitus* em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. **Rev. Bras. Educ.**, n. 20, p. 60-70, maio/jun./jul./ago. 2002.

SETTON, M. da G. J. Particularidades do processo de socialização contemporâneo. **Tempo Social: Revista de Sociologia da USP**, v.17, n.2, p. 335-350, 2005.

SCHENKER, Miriam. Valores familiares e uso abusivo de drogas. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2008.

SILVA, Ilma Ribeiro. **Alcoolismo e abuso de substâncias psicoativas**: tratamento, prevenção e educação. São Paulo: Vetor, 2000.

SILVA, M. S. da ; MODESTO, L. S.; MOLINARI, D. **Se liga! O livro das drogas**. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SILVA, M. A.; MATTOS, H. F.. Os jovens são mais vulneráveis às drogas? *In*: PINSKY, Ilana; BESSA, M. A. (Orgs.). **Adolescência e drogas**. São Paulo: Contexto, 2004. p. 31-44.

SILVA, Josimey C; OLIVEIRA, Rita Alves; ROCHA, Rosamaria Luiza de M. **Vivências juvenis e urbanidade**: articulações entre experimentação da violência e consumo cultural. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R129301.pdf>. Acesso em 10 de julho de 2009.

SILVEIRA, D. X.; SILVEIRA, E. D. X. **Um guia para a família**. Brasília, Presidência da Republica, Casa Militar, Secretaria Nacional Anti-drogas, 2000. 35 p.

SIMÃO, Andréa Branco. O uso de grupos focais em uma pesquisa sobre os comportamentos sexual, nupcial e reprodutivo: reflexões a partir de uma experiência

prática. Disponível em:
www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2006/.../ABEP2006_320.pdf. Acesso em 26 de junho de 2009.

SOARES, Luiz E. Juventude e violência no Brasil contemporâneo. *In*: NOVAES, R.; VANNUCHI, P. (Orgs.). **Juventude e sociedade**: trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SOARES, Ronaldo. Inimigo íntimo. **Revista Veja**. Edição 1985/ano39/n.48. São Paulo: Editora Abril, 06 de dezembro de 2006, pp. 96 a100.

SOUZA, Delma P. Oliveira de; ARECO, Kelsy N.; SILVEIRA FILLHO, Dartiu Xavier da. Álcool e alcoolismo entre adolescentes da rede estadual de ensino de Cuiabá, Mato Grosso. **Rev.Saúde Pública**, São Paulo, v. 39, n. 4, Aug.2005. Disponível em http://www.scielosp.org/scielo.php?script=sci_artetext&pid=S0034-89102005000400011&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 15 June 2009. doi: 10.1590/S003489102005000400011.

SOUZA, Sinara L. **A violência vivenciada por adolescentes trabalhadores (as) de rua**. Salvador, 2000. 141 f. Dissertação (Mestrado em enfermagem) - Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2000.

SPERBER, Dan. O estudo antropológico das representações: problemas e perspectivas. *In*: JODELET D. (Org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2001. p. 90-103.

SUCUPIRA FILHO, Eduardo. **Introdução ao pensamento dialético**.2.ed.São Paulo: alfa-ômega, 1991.

SUDBRACK, M. de F. O. **Debate**: adolescentes e drogas no contexto da escola. Disponível em <http://www.telebrasil.com.br/salto/boletim2001/set2/pgm5.htm>. Acesso em: 29 de julho 2005.

SUDBRACK, M. de F. O. O adolescente e o grupo de pares: a prevenção a partir de experiências grupais. S.d. Disponível em www.tvebrasil.com.br/salto/.../dad/tetxt4.htm. Acesso em 27 de junho de 2009.

TAUD. Anita; ANDREOLI, Paola Bruno de A.(orgs.) **Guia para a família**: cuidando da pessoa com problemas relacionados com álcool e outras drogas. São Paulo: Editora Atheneu, 2004. Vol. I.

TIBA, Içami. **Puberdade e adolescência**: desenvolvimento biopsicossocial. São Paulo: Agora, 1986.

TIBA, Içami. **Adolescentes**: quem ama educa. São Paulo: Integre Editora, 2005.

TONDOWSKI, Cláudia S.; CAMMAROTA, Fernanda c. I., HENRIKSON, Valéria Y. A saída do casulo. *In*: DALLA DÉA, Hilda R. F.(org). **Você tem sede de quê?** Entre a cervejinha e o alcoolismo, prevenção do uso abusivo de bebidas alcoólicas por adolescentes: possibilidades e limites. São Paulo: Musa editora, 2007. p.69-73.

TOSCANO JUNIOR, A. A adolescência e drogas. *In*: SEIBE, D. S.; TOSCANO JUNIOR, A. (Orgs.). **Dependência de drogas**. São Paulo: Atheneu, 2000. p. 238-302.

TRAVESSO-YÉPEZ, M. A.; PINHEIRO, V. de S. Socialização de gênero na adolescência. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 13, n. 1, janeiro-abril 2005 pp. 147-162.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

TURA, L. F. R. Representações coletivas e representações sociais: nota introdutória. *In*: TURA, L. F. R.; MOREIRA, A. S. P. (Orgs). **Saúde e representações sociais**. João Pessoa: Editora Universitária - UFPB, 2004. p. 15-28.

VIEIRA, D. L.; RIBEIRO, M.; ROMANO, M.; LARANJEIRA, R. Álcool e adolescentes: estudo para implementar políticas municipais. **Rev. Saúde Pública**, v. 41, n. 3, p. 396-403, 2007.

VIEIRA, Patrícia Conzatti et al. O uso de álcool, tabaco e outras drogas por adolescentes escolares em município do Sul do Brasil. **Cad. de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.24, n. 11, Nov. 2008. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_artetext&pid=S0102-311X2008001100004&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 15 de jun. 2009. doi: 10.1590/S0102-311x2008001100004.

WAGNER, Wolfgang. Descrição, explicação e método na pesquisa das Representações sociais. *In*: GUARESCHI, P.; JOVCHELOVITH, S. (Orgs.). **Textos em representações sociais**. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 89-111.

WELLER, Vivian. **Grupos de discussão na pesquisa com adolescentes e jovens**: aportes teórico-metodológicos e análise de uma experiência com o método. Educação e pesquisa, São Paulo, v.32, n.2, pp.241-260 maio/ago 2006.

WINDLER, Michael. Alcohol use among adolescents and young adults. **Alcohol Research & Health**. Vol. 27, No. 1, 2003. Disponível em: pubs.niaaa.nih.gov/publications/arh27.../79-86.htm. Acesso em 27 de junho de 2009.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). Department of Injuries and Violence Prevention. Noncommunicable Diseases and Mental Health Cluster. **The injury book**: a graphical overview of the global burden of injuries. Génève: World Health Organization; 2002.

ZAGURY, Tânia. **Encurtando a adolescência**. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

APÊNDICES



APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Eu, Sinara de Lima Souza, aluna da pós-graduação do Departamento de Enfermagem Materno-infantil e Saúde Pública da Escola de Enfermagem da USP de Ribeirão Preto, venho respeitosamente solicitar autorização para que seu filho(a) participe de um estudo que tem como objetivo compreender a visão dos adolescentes sobre o consumo de bebidas alcoólicas. Estas informações serão utilizadas para o desenvolvimento de programas de prevenção de uso precoce e/ou abuso de bebidas alcoólicas pelos adolescentes, assim como para a elaboração de atividades que promovam a melhoria da qualidade de vida dos mesmos.

Este estudo Será realizado através de reuniões em grupo na Unidade de Saúde da Família do Feira VII II e entrevistas individuais com adolescentes, em caráter voluntário, sem identificação dos participantes, garantindo o anonimato.

Pelo presente consentimento*, declaro que fui informado, de forma clara e detalhada dos objetivos, da justificativa, dos procedimentos a que meu filho (a) será submetido (a) e dos benefícios do presente projeto de pesquisa. Fui igualmente informado:

1. do direito de receber resposta a qualquer pergunta ou dúvida sobre esta pesquisa, bem como os assuntos relacionados com a investigação;
2. da liberdade de retirar meu consentimento a qualquer momento e do meu filho (a) deixar de participar do estudo, sem que isso traga prejuízo;
3. do direito de não ser identificada a identidade do meu filho (a) e ter a sua privacidade preservada.

Sua colaboração e a colaboração do seu filho (a) é de muita importância para o desenvolvimento desta pesquisa.

Declaro que tenho conhecimento dos direitos acima descritos e permito que meu filho(a) participe das atividades elaboradas pelo pesquisador que assina este termo de consentimento.

Feira de Santana, ___ de _____ de 2008

Pai ou responsável

Contato: Sinara de Lima Souza
COREN 58887, TEL 75- 3224-8089
(responsável pela investigação).
E-mail: sinaradd@yahoo.com.br

Adolescente

O presente documento baseado nos artigos 10 a 16 das Normas de Pesquisa em Saúde do Conselho Nacional de Saúde, será assinado em duas vias de igual teor, ficando uma via em poder do participante da pesquisa e a outra com a pesquisadora.

APÊNDICE B - Roteiro de Observação

DATA _____ HORÁRIO _____

LOCAIS OBSERVADOS _____

FATORES DE RISCO: presença de bares próximos a espaços de inserção dos adolescentes (escolas, quadras, praças); *trailers* que comercializam bebidas alcoólicas, adolescentes uniformizados perambulando pelas ruas ou em grupos, consumindo SPAs, falta de infraestrutura no bairro, fácil aquisição de bebidas em estabelecimentos comerciais, entre outros.

FATORES PROTETORES: existência de escolas com funcionário em portaria, espaços para práticas esportivas, existência de entidades religiosas (templos, congregações, centros espíritas, terreiros de cultos afro-brasileiros, grêmios, grupos de jovens, ONGs que desenvolvam atividades voltadas para adolescentes, existência de praças públicas, segurança pública (módulos policiais, rondas esporádicas), entre outros.

OUTRAS INFORMAÇÕES RELEVANTES: _____

APÊNDICE C – Programação do Gupo Focal “A Imagem Do Álcool”

DATA: _____ HORA: _____ LOCAL: _____

COORDENADORA: SINARA DE LIMA SOUZA

FACILITADOR (A): _____

NÚMERO DE ADOLESCENTES: _____

DURAÇÃO: 20 min

- Apresentação do grupo

Objetivo: identificar como as mesmas imagens relacionadas ao álcool suscitam representações diferentes.

Duração: 1 hora e meia.

Material: 8 gravuras diferentes em tamanho A4 dispostas no chão , papel metro, pincéis atômicos, gravador e fita de áudio.

Desenvolvimento

- Com o grupo em círculo, o coordenador explica que os participantes devem observar as gravuras dispostas no centro do círculo, escolher no máximo duas e observá-las por 10 minutos.
- Explicar que esta atividade poderá ser feita em duplas.

Compartilhar

- Em seguida, pedir que cada dupla se coloque de pé e comente para o grupo, o que as imagens contidas nas gravuras representaram para eles.
- Após cada apresentação, fixar as gravuras na parede para que todos as vejam.

Discussão:

Após término das rodadas, o coordenador abre a discussão solicitando que os participantes avaliem o que consideraram, como todos se sentiram diante das várias possibilidades de interpretação das mesmas imagens, e demonstrar como este artifício pode ser manipulado, através de uma imagem que proporcione duas interpretações totalmente distintas e comentar de onde as imagens utilizadas foram extraídas.

FINALIZAÇÃO: lanche coletivo e agendamento do próximo encontro e entrevistas.

APÊNDICE D - Roteiro de Entrevista Semiestruturada

I IDENTIFICAÇÃO

Nome fictício (nome de flores)

Idade: _____ sexo: _____

Duração da entrevista: _____

II QUESTÕES NORTEADORAS

- O que você pensa a respeito do consumo de bebidas alcoólicas pelos adolescentes?

- Sabemos que muitos garotos e garotas estão bebendo muito ultimamente. Como você vê esta situação?

APENDICE E - Release de Evento**“DIA A ADOLESCER SAUDÁVEL”**

**LOCAL: COLÉGIO MUNICIPAL JOSÉ RAIMUNDO PEREIRA DE AZEVEDO
“CAIC”**

DATA: 6 DE SETEMBRO DE 2008

Este evento foi promovido pelas docentes Sinara de Lima Souza, Vera Lucia C. Souza e estudantes de enfermagem da Universidade Estadual de Feira de Santana, em parceria com a Secretaria Municipal de Saúde, através dos PSFs Feira VII I, II e Liberdade, Secretaria Municipal de Educação, APAE, CAPSad, Centro de Recuperação Nova Vida e Projeto Sentinela, com a participação de aproximadamente 500 pessoas.

A clientela-alvo foi composta pelos adolescentes atendidos em PSFs e estudantes do CAIC. Contamos também com a participação dos adolescentes da comunidade do bairro queimadinha e dos professores da Adroaldo Santos, Carmen Liêta Ressurreição e Regina Lopes, responsáveis pelo campo de prática de enfermagem em saúde coletiva.

Com vistas a promover a inclusão social dos portadores de necessidades especiais, convidamos o grupo de dança da APAE para realizar a abertura do evento.

Houve também uma mesa redonda para pais e familiares dos adolescentes. Os temas abordados foram: família, religiosidade e escola enquanto fatores de proteção e pedofilia e prostituição infanto-juvenil: como proteger nossos filhos. Contamos também com a participação de estudantes dos cursos de graduação em enfermagem e psicologia da FTC. Tivemos como convidados o professor Pierre Filho e o psicanalista Roberto Dantas.

Foi promovida também uma oficina de sensibilização para os agentes comunitários relacionada à atenção à saúde dos adolescentes.

Paralelamente a estas atividades, foram realizadas em dois turnos as seguintes oficinas para adolescentes: Maternidade e Paternidade na Adolescência: estou preparado (a)? Sexo seguro: quem vê cara não vê...; O Sentido da Beleza para o Adolescente; Direitos e deveres do adolescente; Violência contra a criança e

o adolescente; Curso para gestantes; Sexualidade: atração, desejo, ficar, namorar?!!!!; Navegando com segurança: riscos e benefícios da *internet*; Drogas: fique por dentro; Mudanças corporais na adolescência: o que está acontecendo comigo? Amizade na adolescência: eu + a galera, turma ou tribo?

Contamos com a participação de docentes do próprio colégio que sediou o evento, técnicos de enfermagem e enfermeiros das USFs, que montaram um *stand* de saúde onde foram administrados imunobiológicos, efetuados serviços de triagem, verificação de pressão arterial, glicemia capilar e distribuição de *kits* de higiene bucal.

Visualizamos esta experiência como possibilidade de compreensão da adolescência contextualizada num dado espaço, onde as várias instâncias socializadoras podem dialogar e somar esforços para que verdadeiramente possamos proporcionar um adolescer saudável para esta geração.

ANEXO

ANEXO A - Parecer do Comitê de Ética e Pesquisa

ESCOLA DE ENFERMAGEM DE RIBEIRÃO PRETO - UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
CENTRO COLABORADOR DA ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE PARA
O DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA EM ENFERMAGEM

Avenida Bandeirantes, 3900 - Campus Universitário - Ribeirão Preto - CEP 14040-902 - São Paulo - Brasil
FAX: (55) - 16 - 3633-3271 / 3602-4419 / TELEFONE: (55) - 16 - 3602-3382

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA EERP/USP

Of. CEP-EERP/USP – 208/2007

Ribeirão Preto, 08 de outubro de 2007

Prezada Senhora,

Comunicamos que o projeto de pesquisa, abaixo especificado, foi analisado e considerado **APROVADO AD REFERENDUM** pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, em 08 de outubro de 2007.

Protocolo: n° 0830/2007

Projeto: COMPREENDENDO O CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS ATRAVÉS DO OLHAR DOS ADOLESCENTES.

Pesquisadores: Maria das Graças Bomfim de Carvalho
Sinhara de Lima Souza

Em atendimento à Resolução 196/96, deverá ser encaminhado ao CEP o relatório final da pesquisa e a publicação de seus resultados, para acompanhamento, bem como comunicada qualquer intercorrência ou a sua interrupção.

Atenciosamente,

Profª Drª Lucila Castanheira Nascimento
Coordenadora do CEP-EERP/USP

Ilma. Sra.

Profª Drª Maria das Graças Bomfim de Carvalho
Departamento de Enfermagem Materno-Infantil e Saúde Pública
Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto - USP

IMAGEM 1.

PARA NÃO DAR FURO

Amor Art Amor Romântico Amor Boêmio

Amor Tíeta Amor Inocente Amor Criativo

Serviços Úteis:

- PAISM – (75) 3803.7731
- DST – (75) 3825.7020
- SMS - Secretaria Municipal de Saúde – (75) 3622.5480

GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA
SECRETARIA DA SAÚDE DO ESTADO DA BAHIA - SESAB

MUNICÍPIO: _____
UNIDADE DE SAÚDE: _____

CARTÃO DO ADOLESCENTE

Nº do Prontuário: _____ Data: _____

Nome: _____
Data de Nascimento: _____
Endereço: _____
Ponto de Referência: _____
Bairro: _____ Tel: _____
Cidade: _____
Responsável: _____
Escola: _____
Trabalho: _____
Tipo Sanguíneo: _____
Alergia: _____

SE LIGUE!

Você se encontra em um momento importante da sua vida. Busque um projeto de vida com valores importantes para sua felicidade.

Você percebeu que:

- A partir dos 9-10 anos de idade seu corpo começou a se modificar? Você não é mais uma criança, mas também não é um adulto? Você é um lindo ser em transformação?
- Seus pensamentos fluem rápido e você se sente mal compreendido por todos?
- Tem vontade de ficar só, mas de repente quer sair com o turma?
- Tem vontade de contradizer seus pais, autoridades, professores, mesmo quando sabe que precisa ouvi-los?
- Percebe que não está sozinho no mundo, mas às vezes sente uma imensa solidão?
- Tem dúvidas e curiosidades sobre sexualidade?
- Quando decidir que está no momento de ter relação sexual deve se prevenir contra as doenças sexualmente transmissíveis e evitar a gravidez precoce usando sempre camisinha?
- Verifique como se usa a camisinha?

Porém, tudo isto faz parte deste caminho que você precisa percorrer para se tornar adulto. Não se preocupe, não pense que é diferente, você é normal e tudo isso passará se tiver paciência e lidar com naturalidade essas transformações. Procure esclarecê-lo com quem está preparado para lhe ajudar, corretamente (médicos, enfermeiros, profissionais de saúde).

Siga seu caminho em Paz e pela Paz! Diga não às drogas e toda forma de violência.

Conte conosco!

CONTROLE DE ATENDIMENTOS

DATA	HORA	ATIVIDADE REALIZADA	ASSINATURA	ESPECIALIDADE

Calendário de imunização na adolescência

Vacina contra	Idade	Doses (intervalos)	Data	Data	Data
Varicela (VACINA)	12-15 anos	1 dose			
Tríplice (DTP)	12-15 anos	1 dose			
Tríplice (DTP)	12-15 anos	1 dose			
Tríplice (DTP)	12-15 anos	1 dose			
Tríplice (DTP)	12-15 anos	1 dose			
Tríplice (DTP)	12-15 anos	1 dose			
Tríplice (DTP)	12-15 anos	1 dose			
Tríplice (DTP)	12-15 anos	1 dose			
Tríplice (DTP)	12-15 anos	1 dose			
Tríplice (DTP)	12-15 anos	1 dose			

Desenvolvimento Puberal Masculino

Critérios de Tanner

Genitália	Pêlos Pubianos
G1	P1
G2	P2
G3	P3
G4	P4
G5	P5

GRÁFICO DE DESENVOLVIMENTO E CRESCIMENTO DO ADOLESCENTE

CURVA DO O

IMAGEM 3.



IMAGEM 4.

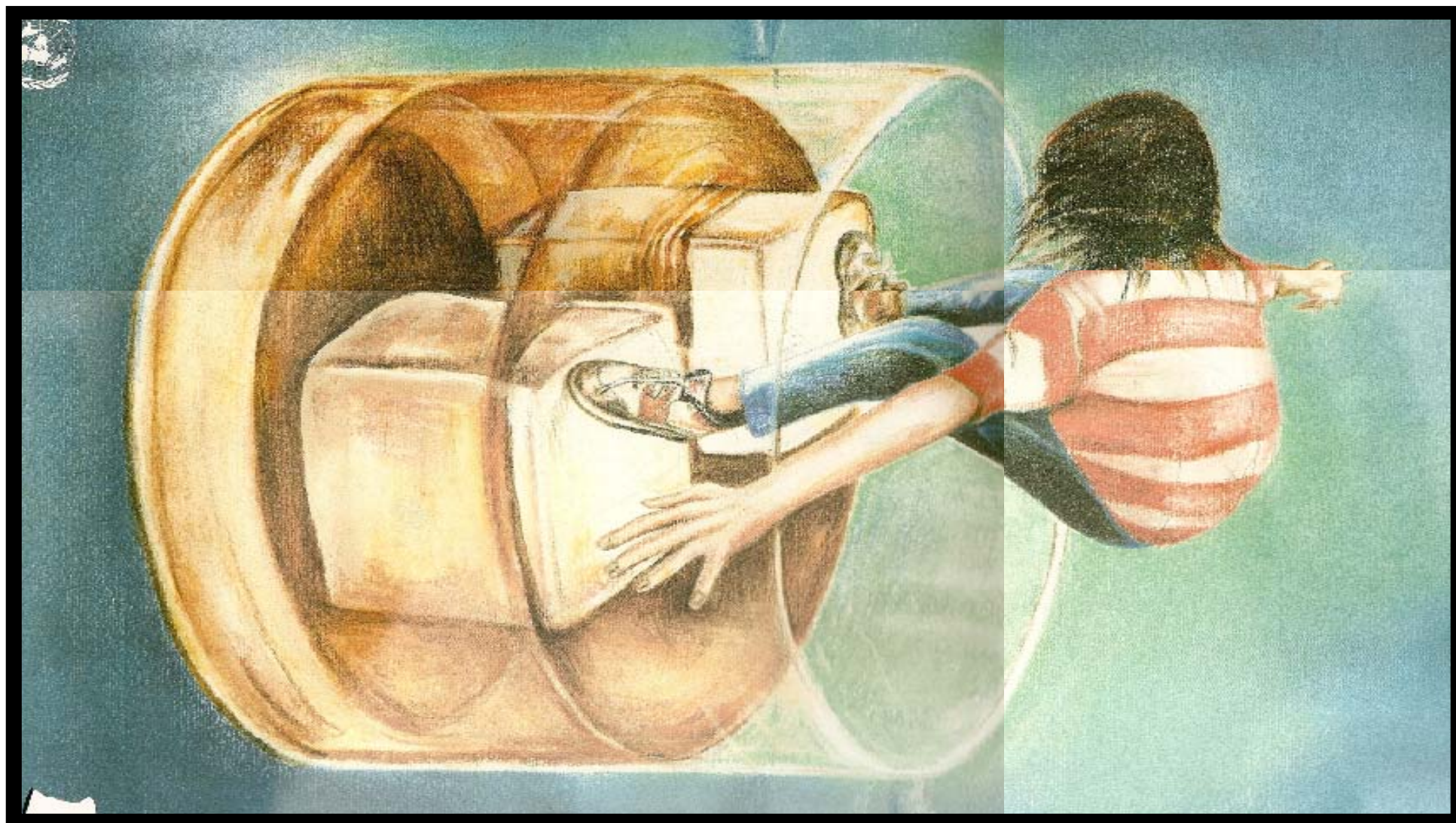
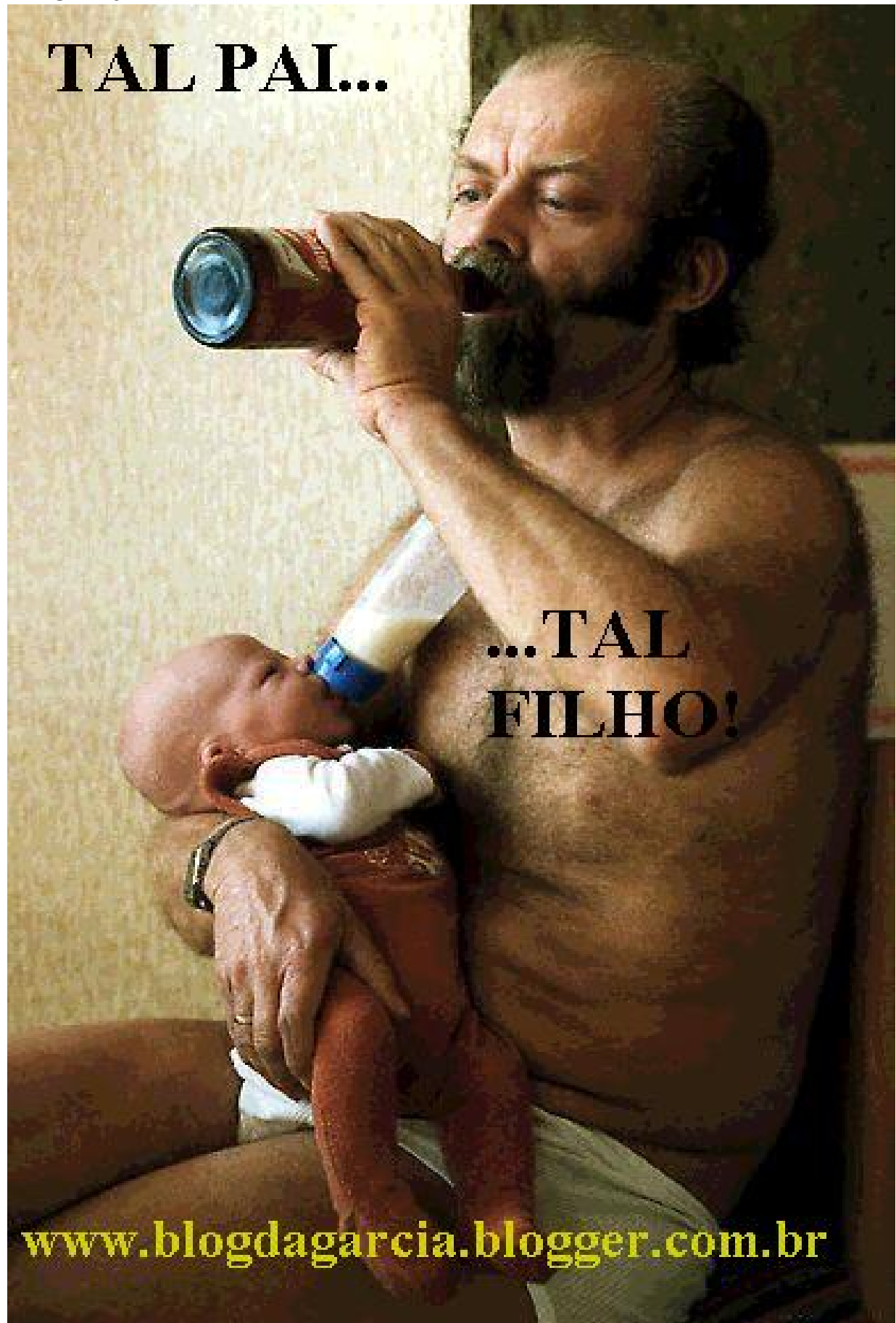


IMAGEM 5.



WWW.OSVIGARISTAS.COM.BR

IMAGEM 6.



TAL PAI...

**...TAL
FILHO!**

www.blogdagarcia.blogger.com.br

IMAGEM 7.



IMAGEM 8.



IMAGEM 9.



IMAGEM 10.



IMAGEM 11.

